

Diagnóstico cultural de Feira de Santana - BA

**Belo Horizonte
Novembro de 2016**

“A cidade é muito interessante. Falo como pesquisador e como circulante, público cultural. A cidade é muito peculiar. É uma cidade que camufla muita coisa. É um celeiro de culturas e artistas” (entrevistado, Feira de Santana, 2016).

Sumário

INTRODUÇÃO E METODOLOGIA.....	5
1. ANÁLISE DO CONTEXTO E CONJUNTURA MUNICIPAL	13
1.1. Aspectos históricos e inserção regional.....	13
1.2. Economia municipal.....	18
1.3. Aspectos demográficos e indicadores sociais.....	22
2. A CULTURA EM FEIRA DE SANTANA	32
2.1. Sobre o Sistema Nacional de Cultura	33
2.2. O Sistema Municipal de Cultura de Feira de Santana	39
2.3. Espaços e equipamentos culturais	52
2.4. A diversidade cultural local e suas manifestações.....	61
2.4.1. Patrimônio material e imaterial.....	62
2.4.2. Festas, eventos e festivais	66
2.4.3. Os diversos setores da cultura.....	71
2.4.4. Sobre a situação dos artistas e grupos culturais no município.....	76
3. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES ESTRATÉGICAS	86
3.1. Pressupostos e concepções fundamentais.....	87
3.2. Potencialidades e dificuldades do campo cultural no município.....	91
3.3. Propostas e sugestões de ações possíveis	103
REFERÊNCIAS	106
EQUIPE.....	109
ANEXOS.....	110
Anexo 1 – Tabulação dos questionários <i>online</i>	110
Anexo 2 - Relatos Grupos de Discussão	125
Anexo 3 – Principais recomendações do Plano Municipal de Cultura	146

Índice de quadros

Quadro 1 - Índice de desenvolvimento humano municipal - IDHM – dimensões e indicadores	25
Quadro 2 - Índice de vulnerabilidade social - IVS – dimensões e indicadores componentes.....	27
Quadro 3 – Orçamento da Diretoria de Eventos, 2013/2014	46
Quadro 4 – Orçamento da Diretoria de Atividades Culturais - FUNTITEC, 2013/2014.....	47
Quadro 5 – Patrimônio tombado em Feira de Santana	64
Quadro 6 – Potencialidades e dificuldades da cultura em Feira de Santana.....	99
Quadro 7 – Principais eixos e linhas estratégicas de ação	104

Índice de gráficos

Gráfico 1 - Empresas do mercado formal de trabalho e número de empregos gerados, segundo setor de atividade	19
Gráfico 2 - Evolução da população residente, segundo localização urbana e rural – 1991/2010	23
Gráfico 3 - População segundo local de residência – 2010.....	23
Gráfico 4 - População segundo faixa etária.....	24
Gráfico 5 – Evolução do IDH-M, segundo dimensões –1991/2010	25
Gráfico 6 – Comparativo territorial do IDH-M, segundo dimensões –2010	26
Gráfico 7 – Evolução do IVS, segundo dimensões – Feira de Santana, 2000/2010	28
Gráfico 8 – Comparativo territorial do IVS, segundo dimensões –2010.....	28
Gráfico 9 – Indicadores de vulnerabilidade selecionados – Feira de Santana, 2010.....	30
Gráfico 10 – Tipo de cadastro / respondente	78
Gráfico 11 – Área cultural de atuação principal.....	78
Gráfico 12 – Tempo de atividade	79
Gráfico 13 – Número de membros.....	80
Gráfico 14 – Sustentabilidade do artista ou grupo cultural	81
Gráfico 15 – Necessidades na área da formação e qualificação.....	83

Índice de figuras

Figura 1 – Temas / Matriz de Análise do Diagnóstico	7
Figura 2 – A vida cotidiana e suas múltiplas relações	8
Figura 3 – Inserção regional de Feira de Santana	14
Figura 4 – Distritos do município de Feira de Santana.....	15
Figura 5 – Região central do distrito sede de Feira de Santana.....	15
Figura 6 – Território de Identidade Portal do Sertão	16
Figura 7 – Polos industriais e empresas da Região Metropolitana de Feira de Santana	21
Figura 8 – Prosperidade social nos municípios brasileiros – 2010.....	29
Figura 9 – Elementos constitutivos dos Sistemas de Cultura.....	39

INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

“O maior problema de Feira é que o feirense não se compreende, tem gente de todo canto, muita gente não é daqui. É um entroncamento rodoviário, uma cidade redonda, aparentemente planejada. É difícil identificar a personalidade, a identidade do feirense. É preciso se entender primeiro, entender a cultura que produzem” (entrevistado, Feira de Santana, 2016).

O documento que ora se apresenta consiste no relatório do Diagnóstico Cultural de Feira de Santana - Bahia, conforme contrato de patrocínio firmado com a empresa Belgo Bekaert Arames / ArcelorMittal. Foi elaborado pelo Galpão Cine Horto e pela Habitus Consultoria e Pesquisa Ltda., cujas equipes estão apresentadas no final deste volume.

A demanda de um diagnóstico que pudesse subsidiar ações artístico-culturais dos segmentos público, privado e da sociedade civil partiu do Comitê de Cultura da ArcelorMittal Brasil. Repercute seriedade, profissionalismo e um formato adequado e mais justo de relacionamento com as comunidades de interesse das empresas do grupo. Ressalta-se, também, o indispensável apoio da Fundação ArcelorMittal Brasil, por meio de sua Gerência de Cultura, e da unidade de negócios da Belgo Bekaert de Feira de Santana, sem o qual não teria sido possível atingir resultados tão expressivos.

Conforme a metodologia amplamente testada e utilizada pela empresa consultora, o Diagnóstico buscou identificar o perfil da cultura local, seus agentes e manifestações, bem como as principais potencialidades e vulnerabilidades da cultura no município.

Os trabalhos foram realizados entre março e setembro de 2016 e tiveram como objetivos principais:

- Conhecer a realidade do município, em termos de demanda e oferta na área cultural;
- Identificar principais necessidades, potencialidades e carências para a área cultural no município;
- Subsidiar a atuação da Belgo Bekaert Arames e da Fundação ArcelorMittal no município;

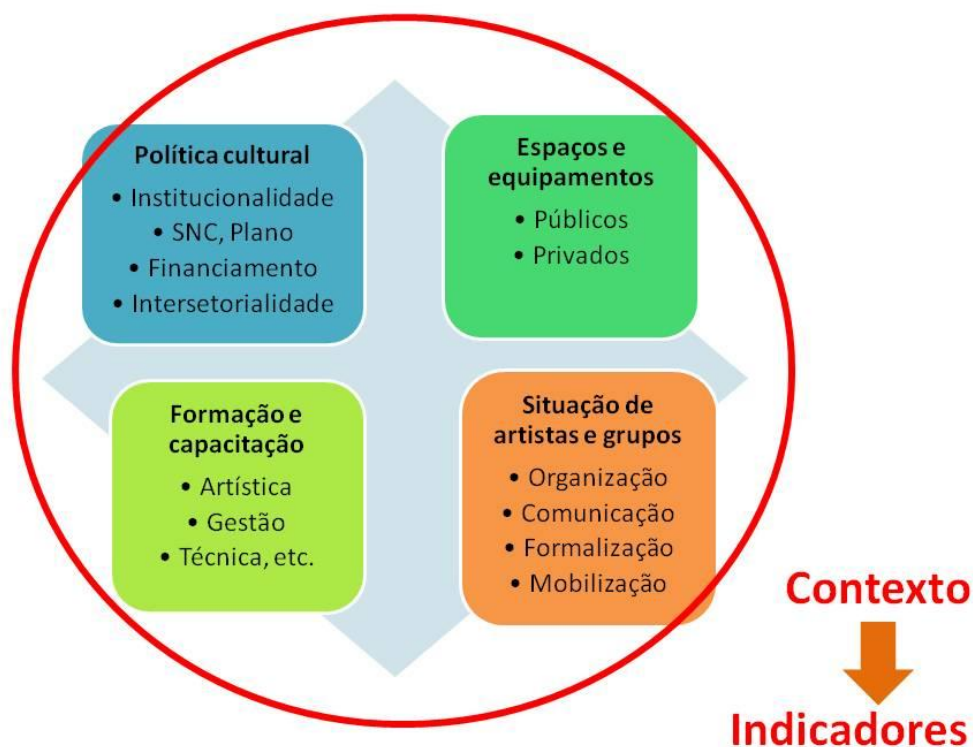
- Contribuir com o Poder público e com o movimento cultural local na proposição de ações na área cultural.

É importante destacar ainda que já foi entregue um primeiro volume formado pela compilação de dados secundários levantados em fontes disponíveis na internet, públicas e privadas. Tal volume teve o objetivo de traçar um primeiro panorama da situação do município e embasar as atividades da equipe nas etapas subsequentes do trabalho. Assim, é importante destacar que não serão repetidos neste trabalho estes dados, evitando a redundância de informações. Ao contrário, buscar-se-á apresentar a essência da análise das informações levantadas, especialmente durante as pesquisas de campo.

A primeira etapa do trabalho consistiu na pactuação, entre a equipe técnica e a equipe da Fundação ArcelorMittal, da metodologia a ser utilizada para o diagnóstico, dos principais instrumentos de pesquisa e dos indicadores a serem levantados e avaliados no trabalho. A Figura 1 traz a Matriz de Análise do Diagnóstico, estruturada em torno dos principais temas para conhecimento da situação atual do município de Feira de Santana na área da cultura.

Os principais temas de interesse do estudo são Política Cultural local; Espaços e equipamentos – públicos e privados – para as práticas culturais; Formação e capacitação de artistas, gestores, produtores e grupos culturais; e Situação de artistas e grupos locais. Tais temas estão dentro de um contexto que pode ser compreendido a partir de indicadores demográficos, socioeconômicos ou históricos, entre outros e que foram apresentados nos casos pertinentes.

Figura 1 – Temas / Matriz de Análise do Diagnóstico



FONTE: metodologia de trabalho Habitus Consultoria e Pesquisa, 2015.

É fundamental compreender que não se podem separar os elementos históricos, sociais, econômicos e mesmo políticos do desenvolvimento cultural local, considerando que todos estes setores estão correlacionados na vida cotidiana dos moradores de qualquer cidade e se influenciam mutuamente. A Figura 2 propõe um olhar abrangente para as diversas relações presentes na vida cotidiana e que se tangenciam (ou pelo menos deveriam) nas políticas públicas e na ação coletiva nas cidades.

Figura 2 – A vida cotidiana e suas múltiplas relações



FONTE: LIBÂNIO, 2016.

O conceito de Desenvolvimento Humano - adotado pela ONU - Organização das Nações Unidas e seus diversos órgãos - aponta para esta multiplicidade. Tal concepção segue as esteiras das discussões mundiais sobre o desenvolvimento sustentável e seus pilares, para além do desenvolvimento econômico, tal como colocado por Kliksberg (2003):

Junto ao crescimento econômico, surge a necessidade de alcançar o desenvolvimento social, melhorar a equidade, fortalecer a democracia e preservar os equilíbrios do meio ambiente. O Consenso dos Presidentes da América, em Santiago (1998), refletiu esta ordem de preocupações, incluindo, em seu plano de ação, pontos que excedem as abordagens convencionais como, entre outros: a ênfase na promoção da educação, a preservação e aprofundamento da democracia, a justiça e os direitos humanos, a luta contra a pobreza e a discriminação, o fortalecimento dos mercados financeiros e a cooperação regional em assuntos ambientais. (p. 110)

Merece destaque, nessa trajetória histórica, a criação em 1990 do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), uma medida que buscava pensar o desenvolvimento para além de sua dimensão econômica, ademais de permitir a comparação entre os países. De acordo com texto publicado no site do PNUD,

Apesar de ampliar a perspectiva sobre o desenvolvimento humano, o IDH não abrange todos os aspectos de desenvolvimento e não é uma representação da "felicidade" das pessoas, nem indica "o melhor lugar no mundo para se viver". Democracia, participação, equidade, sustentabilidade são outros dos muitos aspectos do desenvolvimento humano que não são contemplados no IDH. O IDH tem o grande mérito de sintetizar a compreensão do tema e ampliar e fomentar o debate
(http://www.pnud.org.br/IDH/IDH.aspx?indiceAccordion=0&li=li_IDH)

A Agenda 21 da Cultura, aprovada em 8/05/2004, em Barcelona, no marco do primeiro Fórum Universal das Culturas, traz 67 artigos, entre Princípios, Compromissos e Recomendações. De acordo com tal documento (CGLU, 2006):

a afirmação das culturas, assim como o conjunto das políticas que foram postas em prática para o seu reconhecimento e viabilidade, constitui um fator essencial no desenvolvimento sustentável das cidades e territórios no plano humano, econômico, político e social (...). A qualidade do desenvolvimento local requer o imbricamento entre as políticas culturais e as outras políticas públicas - sociais, econômicas, educativas, ambientais e urbanísticas. (p. 5)

Atualmente encontra-se em fase de elaboração a nova Agenda 21 da Cultura, que contará com oito eixos de trabalho, cada qual com seus princípios, objetivos, metas e indicadores. Tais eixos, a princípio, são: direitos culturais; cidades inteligentes e cultura; governança da cultura; planejamento, espaço urbano e cultura; cultura e ecologia; educação e cultura; cultura, inclusão social e combate à pobreza; sustentabilidade da cultura e economia social.

Como se vê, tais eixos ampliam o raio de abrangência da ação cultural, entendida como conteúdo que cruza transversalmente todas as outras políticas públicas nas cidades. A hipótese que vem sendo adotada é que a cultura contribui para o desenvolvimento local, em seus aspectos territoriais, sociais, econômicos, entre outros elementos.

Considerando tais elementos como fundamentais, serão apresentadas neste volume algumas informações sobre o município e suas características, para além do tema estrito da cultura.

Para atingir os objetivos propostos para o trabalho foram realizadas atividades de levantamento de dados em fontes secundárias e primárias, bem como seu processamento e análise, através das seguintes etapas:

- Levantamento de dados secundários disponíveis sobre o município na internet e bancos de dados *online*;

- Elaboração de um documento síntese com todos os dados obtidos para o município;
- Elaboração dos questionários e instrumentos de pesquisa de campo;
- Realização de entrevistas qualitativas presenciais com lideranças locais, com apoio de um roteiro semiestruturado;
- Envio de questionário para preenchimento *online* para artistas, gestores e coletivos culturais atuantes no município;
- Realização de quatro grupos de discussão com artistas, gestores e técnicos atuantes na área cultural de Feira de Santana;
- Tabulação, processamento e análise de todos os dados obtidos;
- Redação da primeira versão do Diagnóstico;
- Apresentação dos resultados do Diagnóstico para a ArcelorMittal;
- Revisão dos conteúdos, ajustes e formatação do volume final do Diagnóstico;
- Apresentação dos resultados no município e realização de trabalhos em grupos com os agentes culturais locais para coleta de sugestões e encaminhamento de propostas de ação.

É fundamental deixar claro que a escolha das pessoas a serem ouvidas na pesquisa foi feita a partir da identificação dos principais agentes atuantes na cultura em Feira de Santana, a partir dos documentos e dados secundários levantados preliminarmente na internet, incluindo a versão preliminar do Plano Municipal de Cultura. Ademais, foi contratado um produtor local, de grande inserção na cultura do município, que contribuiu para identificar pessoas e instituições que deveriam ser ouvidas nas entrevistas.

Num primeiro momento, apontou-se um pequeno número de pessoas que deveriam ser entrevistadas presencialmente, em especial aquelas ligadas ao poder público, além de representantes do Conselho Municipal de Cultura. Em seguida, fez-se uma ampla lista de pessoas que deveriam ser ouvidas através do envio de questionários *online* para preenchimento e convidadas para participação nos Grupos de Discussão, complementando assim a pesquisa e ampliando significativamente sua abrangência amostral. Para esta segunda etapa, foram enviados convites a 65 pessoas atuantes no município, principalmente na área cultural, mas também nas políticas associadas, como educação, esporte e lazer, assistência social e turismo, por exemplo.

Ao final, as atividades de levantamento de dados primários em Feira de Santana envolveram um total de 71 participantes, sendo 14 pessoas ouvidas na etapa de entrevistas qualitativas, 29 pessoas presentes nos grupos de discussão e 28 respondentes dos questionários *online*.

Ainda que não tenha sido o propósito metodológico deste trabalho buscar uma representatividade amostral – estatística, quantitativa - nas pesquisas de campo, é possível afirmar que foi obtida uma excelente representatividade qualitativa das informações obtidas. Isso em virtude da participação de representantes de várias áreas culturais, vários setores, várias instituições e regiões do município, o que fez com que a pesquisa tivesse ampla cobertura amostral por tipicidade, abrangência e relevância das pessoas nela envolvidas.

O relatório que se segue está estruturado em três capítulos, além desta Introdução e seus aspectos metodológicos. O Capítulo 1 traz um breve olhar para o contexto municipal, apresentando análises sobre os indicadores demográficos, socioeconômicos e de qualidade de vida da população em Feira de Santana. O Capítulo 2 busca detalhar a situação da cultura em Feira de Santana, identificando suas principais manifestações, institucionalidade da política cultural, problemas e potenciais apontados. Por fim, o Capítulo 3 traz as considerações finais, apontando os pontos fortes e fracos identificados no processo de diagnóstico, bem como recomendações estratégicas para a cultura de Feira de Santana.

Como anexos, apresentam-se:

- Tabulação dos dados do questionário *online*;
- Relato das principais falas dos participantes dos Grupos de Discussão;
- Principais propostas constantes do Plano Municipal de Cultura – em fase de aprovação.

A equipe responsável pela elaboração do Diagnóstico dirige um especial agradecimento a todos aqueles que contribuíram para a construção deste trabalho, que nada mais é que a compilação dos olhares e esforços de um grande número de pessoas que atuam diretamente com a questão da cultura no município. Para essas pessoas é que esse trabalho se dirige, pretendendo ser não apenas uma fonte de informação consolidada em um só volume, mas antes e, principalmente, uma ferramenta que possa

auxiliar a tomada de decisões dos gestores da política e a prática cotidiana dos artistas, grupos, instituições locais, empresas e todos os interessados no desenvolvimento local por meio da cultura.

1. ANÁLISE DO CONTEXTO E CONJUNTURA MUNICIPAL

Como mencionado no item relativo à metodologia, é necessário entender o contexto municipal para compreender melhor os aspectos relacionados à cultura e às políticas culturais em Feira de Santana. Nesse sentido, são apresentadas, a seguir e de maneira resumida, as principais características sociais, econômicas e demográficas do município, bem como os aspectos relacionados à sua inserção regional e desenvolvimento ao longo do tempo.

1.1.Aspectos históricos e inserção regional

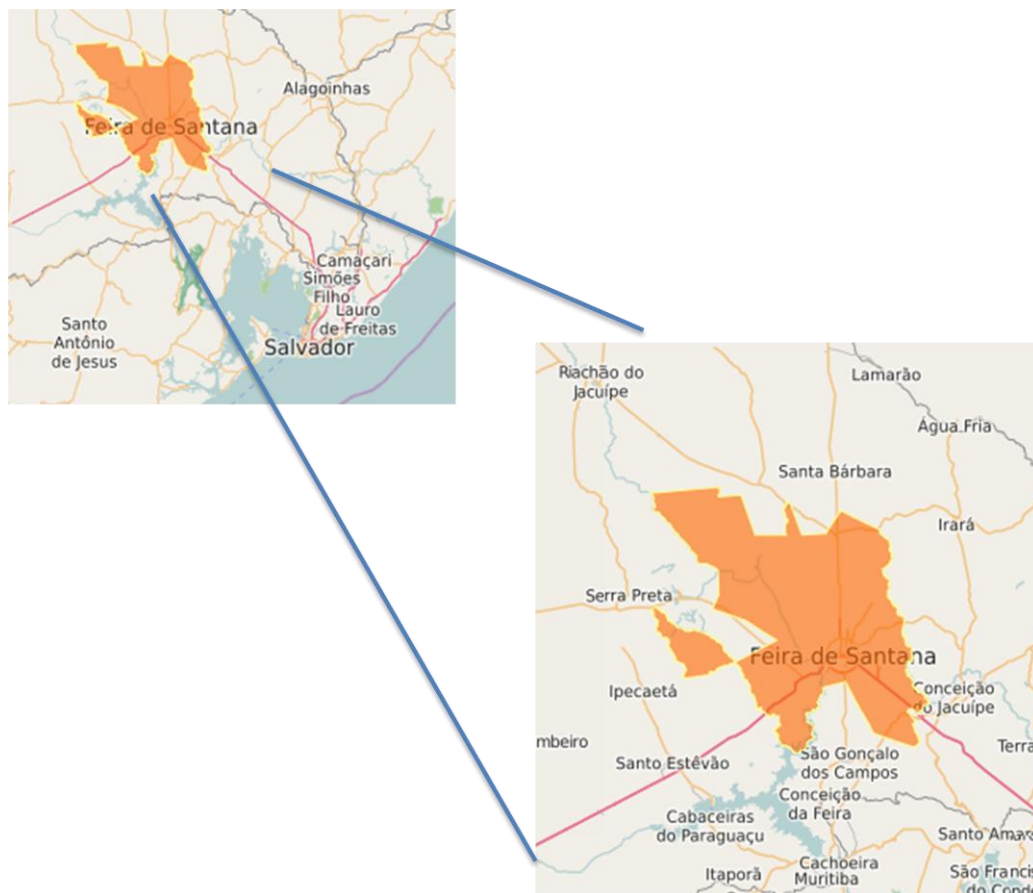
“A cidade foi crescendo comercialmente, mas o comércio engoliu a cidade e a cultura se esvaiu” (entrevistado, Feira de Santana, 2016).

O município de Feira de Santana está localizado na Macrorregião Centro Norte da Bahia, composta por um total de 80 municípios, e na Microrregião de Feira de Santana, formada por 24 municípios, quais sejam: Água-Fria, Anguera, Antônio Cardoso, Conceição da Feira, Conceição do Jacuípe, Coração de Maria, Elísio Medrado, Feira de Santana, Ipecaetá, Ipirá, Irará, Itatim, Ouriçangas, Pedrão, Pintadas, Rafael Jambeiro, Santa Bárbara, Santa Teresinha, Santonópolis, Santo Estevão, São Gonçalo dos Campos, Serra Preta, Tanquinho e Teodoro Sampaio.

Além de ser sede da microrregião, polarizando mais de um milhão de habitantes, é também a sede da Região Metropolitana de Feira de Santana, formada por seis municípios (746.086 habitantes), que são: Amélia Rodrigues, Conceição da Feira, Conceição do Jacuípe, Feira de Santana, São Gonçalo dos Campos e Tanquinho.

Distante 108 km da Capital Estadual, Salvador, a posição do município na região está apresentada na Figura 3.

Figura 3 – Inserção regional de Feira de Santana



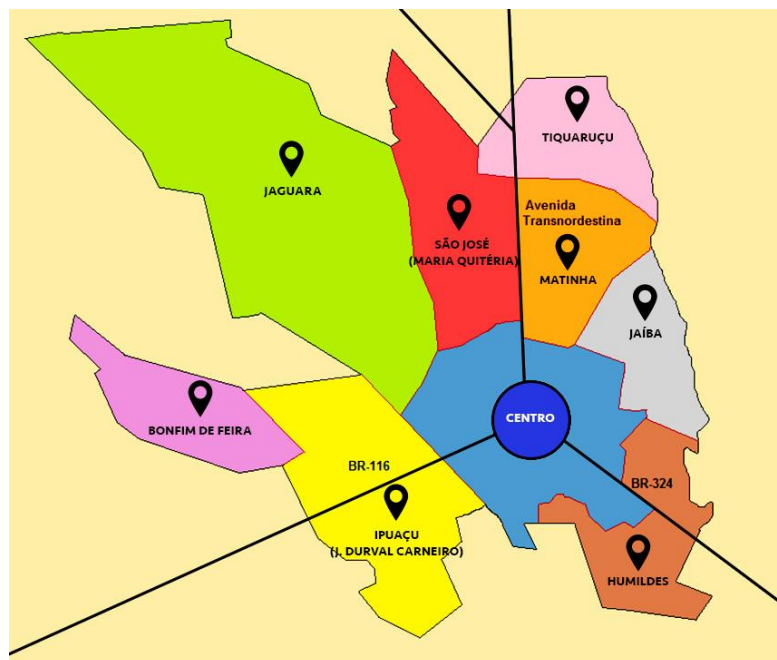
FONTE: IBGE, Cidades, agosto de 2016.

Como pode se ver, a posição do município no Estado é central, além de contar com acesso aéreo e vários acessos rodoviários, através das rodovias federais BR-116, BR-324 e BR-101, e das rodovias estaduais BA-052, BA-502, BA-503, BA-499, BA-504 e BA-513, o que acaba por ampliar ainda mais sua influência no interior baiano.

Atualmente Feira de Santana é a segunda mais populosa cidade do Estado, sendo considerado um importante centro urbano, político, educacional, comercial e cultural do interior da Bahia.

O município é composto por nove distritos, conforme pode ser visto na Figura 4. A Figura 5 traz a área central da sede municipal, delimitada pela Avenida do Contorno, que originalmente era o limite da cidade, hoje transposta por seu crescimento populacional e urbano.

Figura 4 – Distritos do município de Feira de Santana



FONTE: Retirado do site <http://feirenses.com/mapa-distritos-feira-de-santana/>

Figura 5 – Região central do distrito sede de Feira de Santana



FONTE: MINC, Mapas da cultura, 2016.

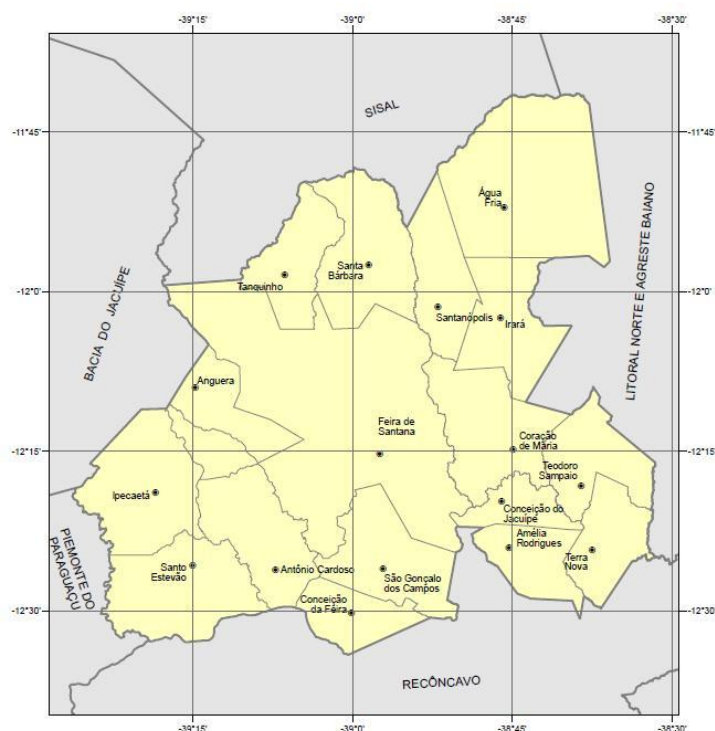
De acordo com classificação do Governo da Bahia, pertence ao Território de Identidade Portal do Sertão, um dos 27 territórios reconhecidos pelo Estado,

constituídos a partir da especificidade de cada região. Sua metodologia foi desenvolvida com base no sentimento de pertencimento, onde as comunidades, através de suas representações, foram convidadas a opinar.

O território é conceituado como um espaço físico, geograficamente definido, geralmente contínuo, caracterizado por critérios multidimensionais, tais como o ambiente, a economia, a sociedade, a cultura, a política e as instituições, e uma população com grupos sociais relativamente distintos, que se relacionam interna e externamente por meio de processos específicos, onde se pode distinguir um ou mais elementos que indicam identidade, coesão social, cultural e territorial. (<http://www.seplan.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=17>)

O território Portal do Sertão é formado por 17 municípios, apresentados na Figura 6.

Figura 6 – Território de Identidade Portal do Sertão



FONTE: IPAC-BA.

Do ponto de vista da história de seu povoamento¹, a Freguesia foi criada já no

¹ Fontes: IBGE, Cidades -

<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=291080&search=bahia|feira-de->

ano de 1696, com a denominação de Feira de Santana, subordinada ao município de Cachoeirinha. De acordo com informações do IBGE,

Em meados do século XVIII, os donos da Fazenda Sant'Anna dos Olhos D'Água, Domingos Barbosa de Araújo e Ana Brandão, construíram uma Capela dedicada a Nossa Senhora Sant'Anna. Esta, por sua localização privilegiada, passou a ser ponto de referência para aqueles que trafegavam naquela região. (IBGE, site cidades).

Mas o principal marco do desenvolvimento local foi o século XVIII, época em que por ali passavam as boiadas vindas dos currais do sertão da Bahia para fornecimento às Minas Gerais e outras regiões brasileiras. Em 13 de novembro de 1832 foi elevada à categoria de vila, vinculada ao território de Cachoeira, com o nome de Villa do Arraial de Feira de Sant'Anna. Sua instalação se deu em 1833. No dia 16 de junho de 1873 foi elevada à condição de cidade, com a denominação Commercial de Feira de Santana.

Desde seu início, a cidade tem marcada sua vocação comercial, que se intensifica no século XX com a implantação das diversas rodovias que tem entroncamento em seu território ou nas proximidades. Sua localização estratégica acaba por trazer para a cidade outras atividades econômicas, entre elas a da educação de nível técnico e superior, conforme se falará mais adiante. Nesse âmbito, um ponto marcante foi a fundação da Universidade Federal de Feira de Santana, em 1976.

Em paralelo às transformações econômicas e demográficas, muitas transformações sociais e culturais se processaram, conforme se falará nos próximos capítulos. De acordo com texto do Plano Municipal de Cultura (2014):

Obviamente, importantes transformações sociais e culturais se processaram neste período, particularmente no campo das artes e da cultura, que de instrumento a serviço dos extratos privilegiados da comunidade, no início do século XX, chegou a seu término, por vezes, como ferramenta de contestação de desigualdades e de autoafirmação de minorias. Nesse percurso, a cidade que no alvorecer do século XX já contava com teatros e filarmônicas, viu abrir e fechar cinemas, fundou museus, companhias teatrais e associações artísticas. Organizou concursos e mostras de artes-plásticas, criou um mercado de arte popular, instituiu escolas de música, intentou criar até mesmo uma produtora cinematográfica nos anos de 1960 e, a partir dos anos de 1990, passa a abrigar centros de cultura artística mantidos pelo poder público. (p.15)

1.2.Economia municipal

“Feira de Santana tem o turismo de negócios, mas vivo dizendo que Feira precisa atrair pela sua cultura, pela sua identidade. É preciso oferecer um cardápio cultural que possa atrair as pessoas” (entrevistado, Feira de Santana, 2016).

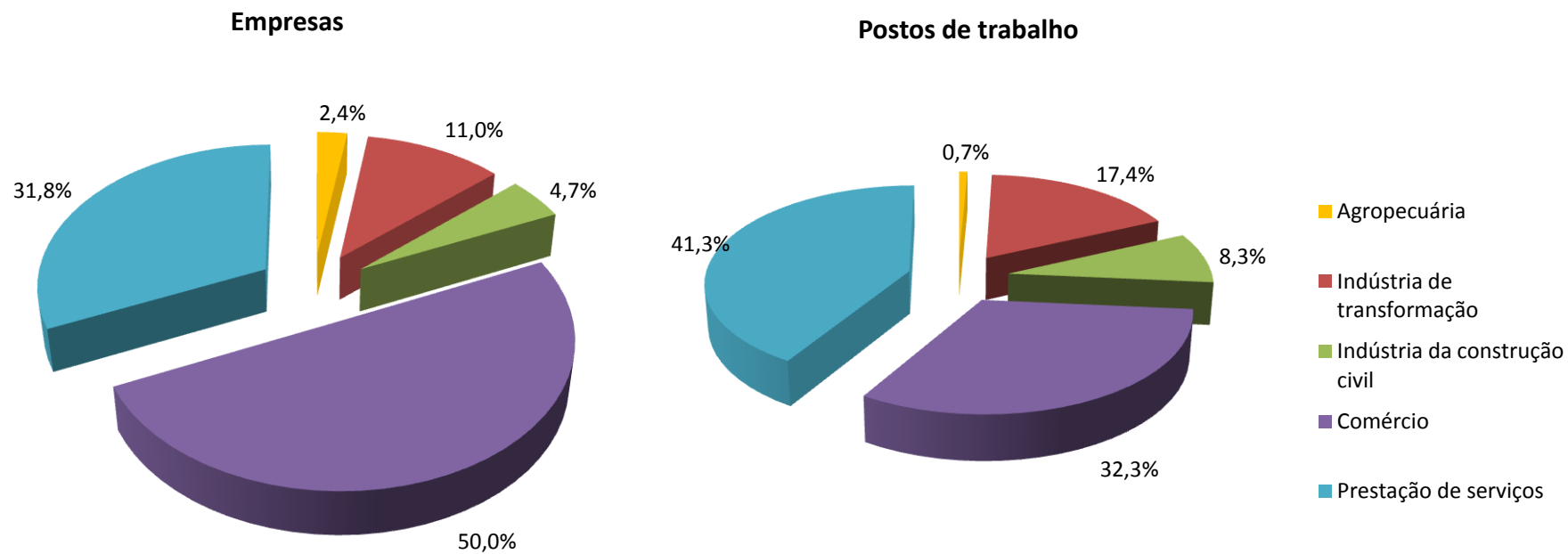
Do ponto de vista dos indicadores econômicos, os dados secundários e as entrevistas realizadas apontam para a existência de uma economia diversificada e dinâmica. Sendo um importante polo regional, como mencionado, centraliza especialmente a demanda e a oferta de comércios e serviços, mas também apresenta relevância em termos das atividades industriais e da polarização da agropecuária regional.

Os dados da RAIS – Relatório Anual de Informações do Ministério do Trabalho - apontam que em 2014 havia no município um total de 12.298 empresas formalizadas, o que, ao se somar o mercado informal ou não registrado na RAIS, deixa entrever que de fato há um grande dinamismo econômico na região. No total, são gerados 124.594 postos de trabalho formais. Os dados do IPEA / IVS – 2010 apontam que apenas 51,9% das pessoas maiores de 18 anos ocupadas no município são formalizadas. Na faixa acima de 10 anos de idade, o total da População Economicamente Ativa foi estimado em 281.233 pessoas em 2010.

O Gráfico 1 traz o número de empresas e de empregos gerados no mercado formal, segundo setor de atividade econômica. Como se vê 82% das empresas e 74% dos postos de trabalho formais estão no setor terciário, divididos entre atividades comerciais e de prestação de serviços.

O dinamismo da economia municipal, é importante destacar, não está vinculado ao consumo interno, isto é, aos recursos apropriados e gerados por sua própria população, mas, ao contrário, está diretamente relacionado ao seu papel de intermediário nas trocas econômicas entre vários municípios e regiões.

Gráfico 1 - Empresas do mercado formal de trabalho e número de empregos gerados, segundo setor de atividade



FONTE: Ministério do Trabalho e Emprego, RAIS, 2014.

Como já relatado, está situada em uma região considerada zona de transição entre o litoral e o sertão e, do ponto de vista econômico, está na confluência de dois eixos econômicos distintos – um que acena com a predominância das atividades industriais e um que se dedica à atividade agropecuária, seja para consumo e subsistência, seja em escala comercial. Nesta interseção, Feira de Santana exerce o papel de mercado, de lugar de trocas macrorregionais que, em muitos casos, extrapolam as fronteiras do Estado.

Um exemplo típico é a atividade pecuária. Ainda que não haja produção local expressiva, Feira de Santana é um importante mercado nacional na comercialização de bovinos, suínos e caprinos, bem como nas atividades de abate e produção de seus derivados, para o mercado interno e externo. Também foram implantados na região quatro grandes frigoríficos de aves, que por sua vez estão impulsionando a criação de frangos e a produção de ovos e insumos, tais como rações.

No setor industrial o município conta com o Centro Industrial do Subaé, uma autarquia do Governo do Estado da Bahia vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico, cujo papel é criar condições para a instalação de indústrias no interior do estado. De acordo com as informações do órgão, são três os principais polos industriais da região, quais sejam: região do Tomba, região de São Gonçalo dos Campos e o Núcleo da BR-324.

Em tais regiões, cujos mapas estão apresentados na Figura 7, estão instaladas empresas dos ramos químico, de material elétrico, bebidas, alimentos, vestuário, metalurgia, papel, papelão e embalagem, pneumático e farmacêutico, entre outros.

Feira de Santana sedia ainda uma entidade representativa do setor, que é o CIFS - Centro das Indústrias de Feira de Santana, fundado em 1965.

De acordo com dados da CDL - Câmara de Dirigentes Lojistas de Feira de Santana, as principais empresas registradas no município (em ordem alfabética) são: Adinor Aditivos, Belgo Bekaert Arames, Brasfrut Frutos do Brasil, Cervejaria Kaiser, Frigorífico Sadia/Perdigão (grupo BRF), Labovet Produtos Veterinários, Nestlé Alimentos, Pepsico (Fabricante Elma Chips, Toddy etc.), Pneus Pirelli e Primor Agropecuária do Nordeste.

NÚCLEO BR 324
 MAPA DE LOCALIZAÇÃO

BR 101

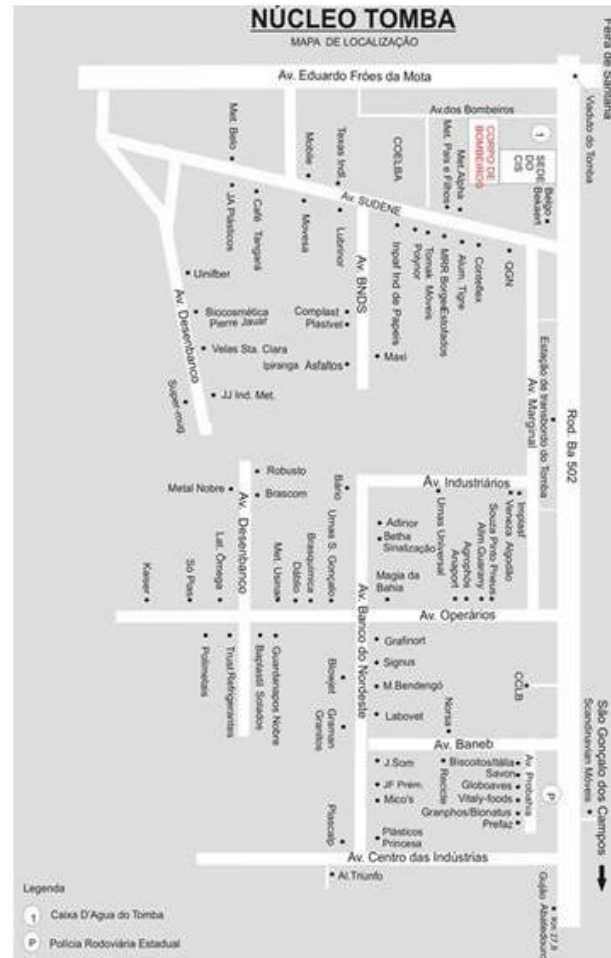
SALVADOR

- Concelho do Jacupe
- FORTIK
- Arapel Ovos Fritéis
- Nectare
- Concrenor
- Velas Karam
- Unibônica
- Camocenas Italianas
- Janna
- Yazaki
- Fotoquímica
- Rios Móveis
- Suzygraff
- Granita
- Cerâmica Nordeste
- Parque de Exposições
- Saker
- Maram
- Ingresso Zero-Grau
- Café Pilado
- Capreng
- Neve Sabões
- Persine
- Solidasta
- Camoceria Princesa
- Feira telas
- Rua Pernambuco
- Rua Sane
- RP Velas
- E-Cremosinho
- Rua João Pessoa
- Brasília
- IEB
- Arapel
- Nubria
- Posto São Gonçalo
- Solida Pré-moldados
- Emperbau
- Brastut
- Liz Metal
- Rigesa
- Brastrey
- Arapel Rações
- Posto de gasolina
- Metal
- Ind. Canceias do Nordeste
- Sais Nordeste
- Primor
- Klabin
- Yapp
- Peniel Art. Plástico
- Antiga Estrada do Arrião
- Pirelli
- Paracerio
- Galpão da Incobel
- Tensil Pallet Bahia
- EMMAD
- Comercial Ubahira
- Uslipinus
- Fric-Chama

BR 324

Av. Eduardo Fróes da Mota

FEIRA DE SANTANA



21

Na área de serviços, merece destaque a presença de 36 instituições de ensino superior no município, das quais três são públicas e as outras 33 privadas. As públicas são: Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB) e Universidade Aberta do Brasil (UAB), esta última à distância. Em tais instituições, que atraem pessoas de todo o estado e mesmo outras partes do país, são oferecidos diversos cursos de graduação e pós-graduação, em todas as áreas do conhecimento. Feira de Santana conta também com duas instituições públicas de educação tecnológica: o Instituto Federal da Bahia (IFBA) e o Centro de Educação Tecnológica do Estado da Bahia (CETEB).

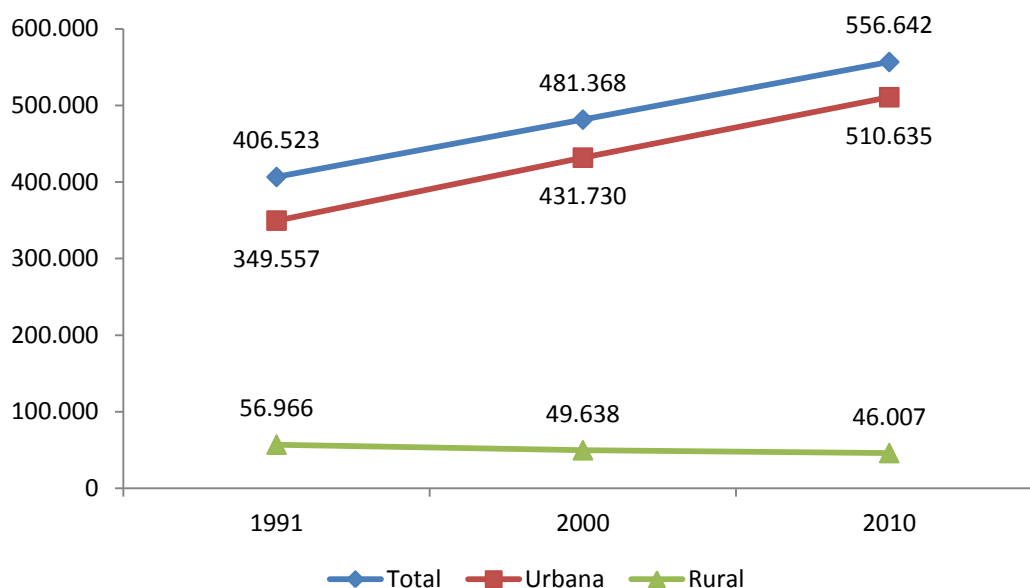
Além da dinamização da economia, a presença de tantas instituições de ensino no município deve ser apontada como um importante fator de desenvolvimento local e de impulsionamento da cultura em Feira de Santana, tanto em termos de demanda por atividades artísticas e culturais quanto em termos de aumento da produção artística e geração de importantes espaços de reflexão e crítica social e cultural.

1.3.Aspectos demográficos e indicadores sociais

“Feira tem muita gente rica e muita gente pobre. Desigualdade social grande” (entrevistado, Feira de Santana, 2016).

Da mesma forma que verificado em relação à economia municipal, a cidade de Feira de Santana tem visto o aumento constante de sua população, não por crescimento vegetativo, mas, ao contrário, pela atração de pessoas de outras cidades do estado e da região. Esta situação pode ser verificada ao longo de todo o século XX, mas fica flagrante a partir das décadas de 1960/70. O Gráfico 2 mostra a evolução da população do município desde o Censo de 1991, indicando crescimento constante, em taxas acima das médias estadual e nacional.

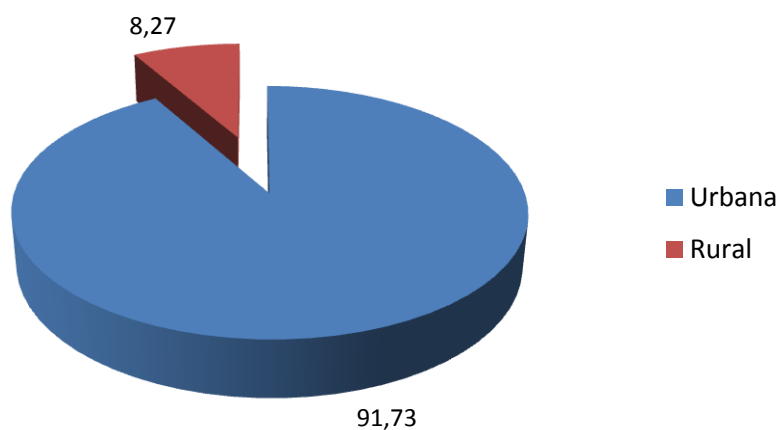
Gráfico 2 - Evolução da população residente, segundo localização urbana e rural – 1991/2010



Fonte: IBGE, Censos Demográficos.

Em paralelo ao aumento da população total, registra-se no município a ampliação da taxa de urbanização e a redução progressiva da população residente em áreas rurais. Em 2010, como pode ser visto no Gráfico 3, cerca de 92% da população feirense residia em áreas urbanas.

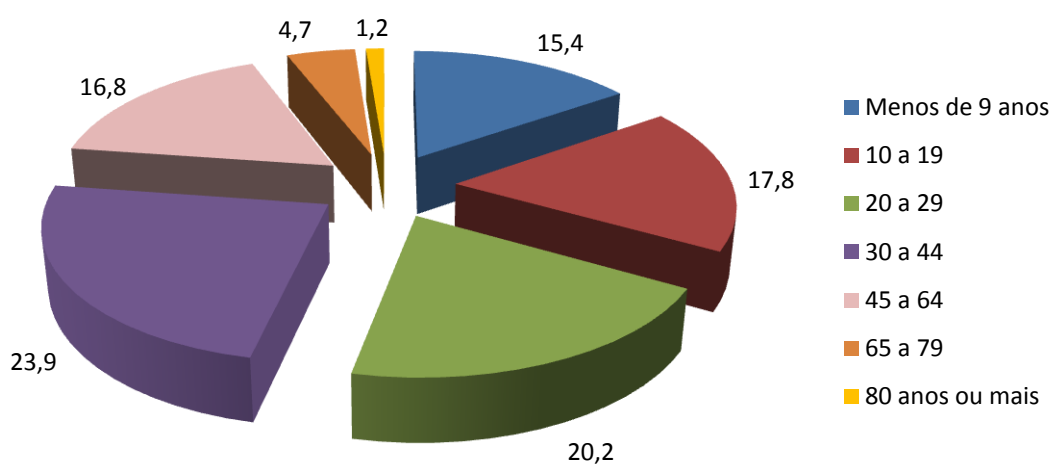
Gráfico 3 - População segundo local de residência – 2010



Fonte: IBGE, Censos Demográficos.

Nos dias atuais, o município conta com população de 617.528 habitantes, de acordo com a estimativa populacional do IBGE – 2015. Deste total, mais de 52% é composto por mulheres. Quanto à faixa etária da população residente, está demonstrada no Gráfico 4, com destaque para o significativo percentual de crianças e adolescentes, correspondente a mais de 33% dos habitantes.

Gráfico 4 - População segundo faixa etária



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Para se avaliar os indicadores sociais do município é importante considerar dois índices sintéticos – o IDH-M – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal, e o IVS – Índice de Vulnerabilidade Social.

O IDH-M, é um dos índices mais completos utilizados para analisar a situação dos territórios e que foi adaptado para os municípios a partir da metodologia do Índice de Desenvolvimento Humano – IDH, inicialmente calculado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - ONU / PNUD para todos os países do mundo. Este índice mede o grau de desenvolvimento humano de países, estados e municípios, a partir de três dimensões principais, que são apresentadas a seguir no Quadro 1.

Quadro 1 - Índice de desenvolvimento humano municipal - IDHM – dimensões e indicadores

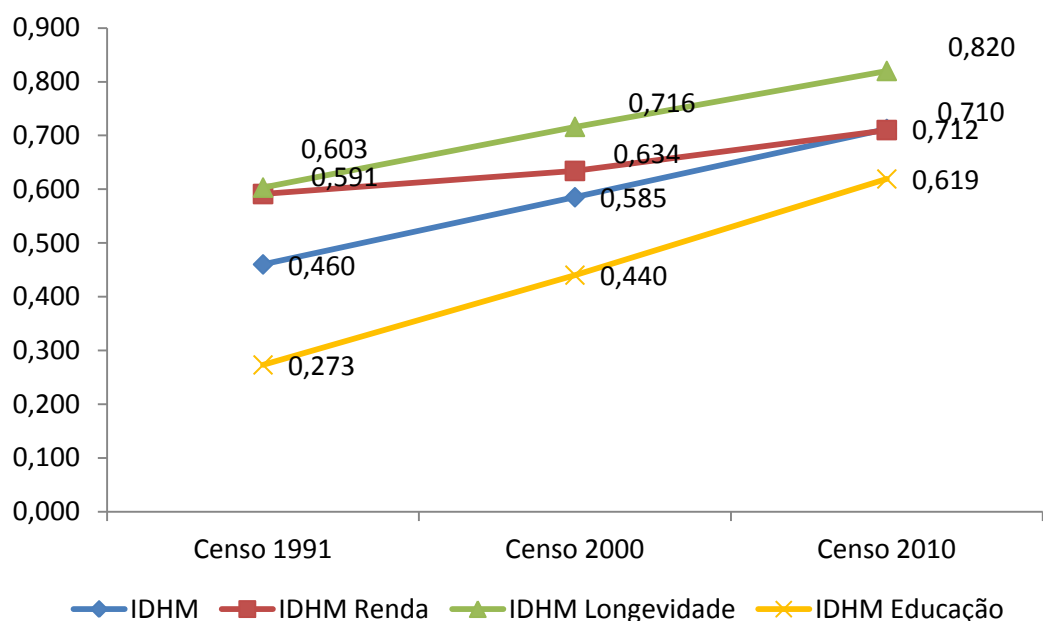
Dimensões / eixos	Principais componentes / indicadores
Renda	Renda per capita da população
Educação	Escolaridade da população adulta Fluxo escolar da população jovem
Longevidade	Esperança de vida ao nascer

FONTE: Atlas do desenvolvimento humano no Brasil, 2010.

No caso de Feira de Santana, houve evolução em todos os indicadores nos últimos anos, como pode ser visto no Gráfico 5.

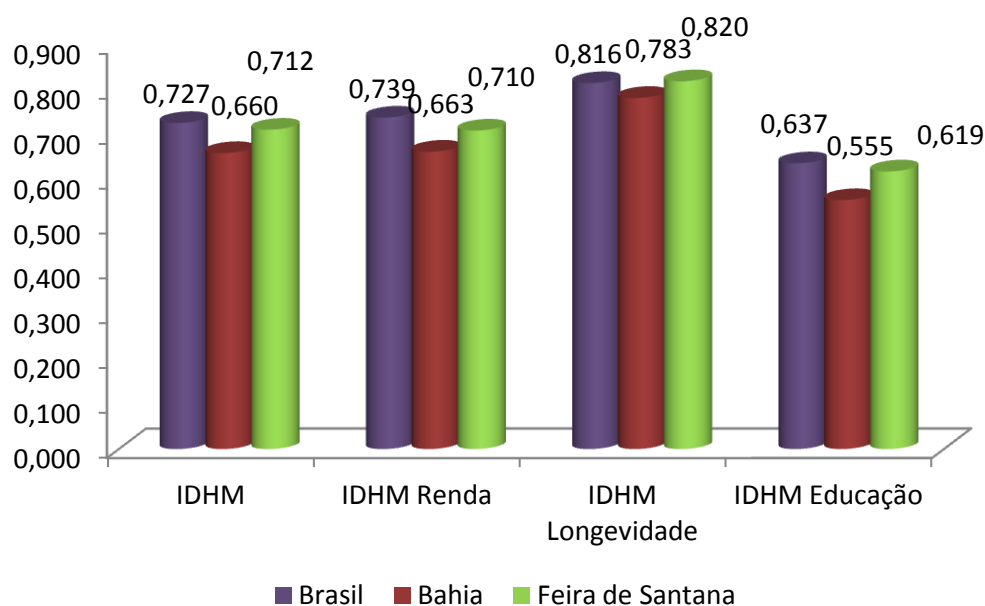
No ano de 2010, o município, se posiciona, em todos os indicadores, acima da média do Estado da Bahia, mas ainda abaixo da média brasileira, em praticamente todos os indicadores avaliados. O Gráfico 6 mostra que o melhor desempenho do município é no quesito longevidade, onde apresenta alto desenvolvimento humano. Entretanto, ainda apresenta carência nos indicadores de renda e situação de médio desenvolvimento humano no que é relativo aos indicadores de educação.

Gráfico 5 – Evolução do IDH-M, segundo dimensões –1991/2010



FONTE: Atlas do desenvolvimento humano no Brasil, 2010.

Gráfico 6 – Comparativo territorial do IDH-M, segundo dimensões –2010



FONTE: Atlas do desenvolvimento humano no Brasil, 2010.

No que é relativo ao Índice de Vulnerabilidade Social – IVS, o Quadro 2 traz suas principais dimensões de análise e indicadores componentes. Este também é um índice sintético que reúne indicadores do bloco de vulnerabilidade social do Atlas do Desenvolvimento Humano (ADH) no Brasil. Permite medir, para além da insuficiência de renda, indicadores de exclusão social, pobreza multidimensional e vulnerabilidade social. Foi elaborado pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas – IPEA, sobre dados do Censo 2010 e é considerado um parâmetro importante e válido para todos os municípios brasileiros.

Quadro 2 - Índice de vulnerabilidade social - IVS – dimensões e indicadores componentes

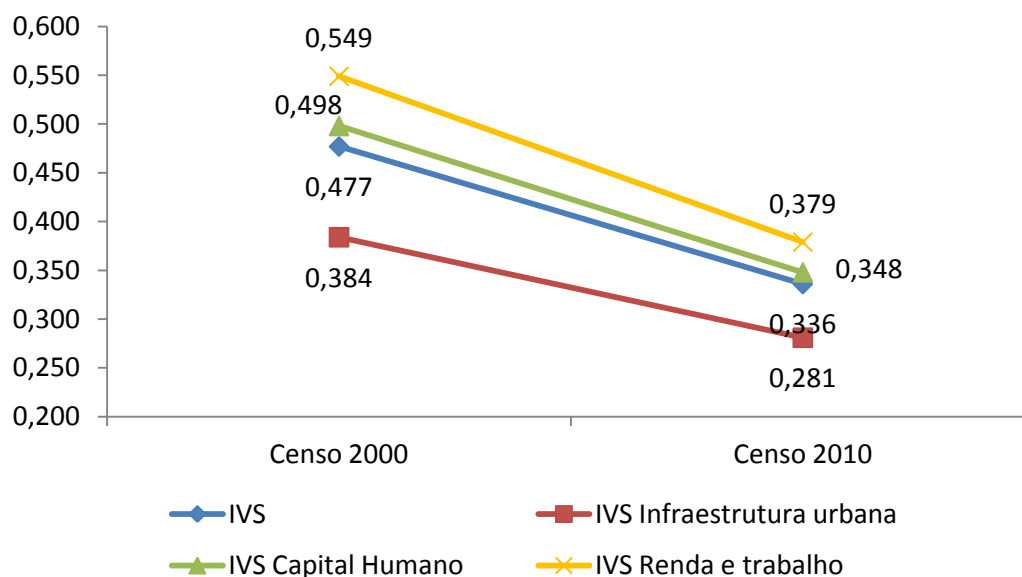
Dimensões / eixos	Principais componentes / indicadores
Infraestrutura Urbana	Abastecimento de água Esgotamento sanitário Coleta de lixo Tempo gasto no deslocamento entre a moradia e o local de trabalho pela população ocupada de baixa renda
Capital Humano	Mortalidade infantil Crianças e jovens fora da escola Mães precoces Mães chefes de família com baixa escolaridade Baixa escolaridade entre os adultos Presença de jovens que não trabalham e não estudam
Renda e Trabalho	Renda domiciliar per capita igual ou inferior a meio salário mínimo Insegurança de renda: desocupação de adultos; ocupação informal de adultos pouco escolarizados; dependência com relação à renda de pessoas idosas; presença de trabalho infantil

FONTE: IPEA - Atlas da Vulnerabilidade social, 2010.

No caso de Feira de Santana, houve melhoria em todas as dimensões na última década, com a queda dos índices de vulnerabilidade, como pode ser visto no Gráfico 7.

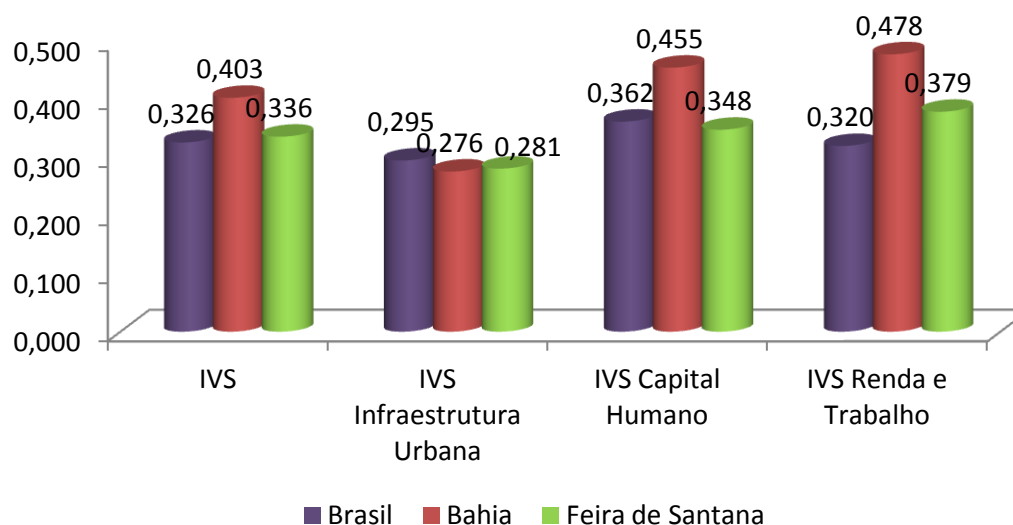
No ano de 2010, o município se posiciona, em todos os indicadores, em melhor posição que a média baiana, mas continua pior que a média brasileira, em virtude da situação desfavorável dos indicadores de Renda e Trabalho. Sua melhor situação é encontrada no que é relativo ao capital humano (ver Gráfico 8).

Gráfico 7 – Evolução do IVS, segundo dimensões – Feira de Santana, 2000/2010



FONTE: IPEA - Atlas da Vulnerabilidade social, 2010.

Gráfico 8 – Comparativo territorial do IVS, segundo dimensões –2010



FONTE: IPEA - Atlas da Vulnerabilidade social, 2010.

A partir de tal resultado, o IPEA criou o indicador de Prosperidade Social, que é uma análise conjunta entre o Desenvolvimento Humano e a Vulnerabilidade Social. Nos locais onde se encontra alto Desenvolvimento Humano e baixa Vulnerabilidade Social, é possível afirmar que nesse território ocorre uma trajetória de desenvolvimento

humano menos vulnerável e socialmente mais próspera, assentada em bases sociais mais sólidas e onde há uma perspectiva de prosperidade não apenas econômica, mas das “condições de vida no meio social”.

Esse é o caso de Feira de Santana, segundo o IPEA, que apresenta alto IDH-M e baixo IVS, chegando a um patamar de Prosperidade Social Alta, conforme indicativo de cálculo a seguir:

$$\begin{array}{|c|} \hline \text{IDHM} \\ \hline 0.712 \\ \hline \end{array} \times \begin{array}{|c|} \hline \text{IVS} \\ \hline 0.336 \\ \hline \end{array} = \begin{array}{|c|} \hline \text{Prosperidade Social} \\ \hline \text{Alta} \\ \hline \end{array}$$

Ao se analisar a situação dos municípios brasileiros em geral, vê-se na Figura 8 que em 2010 havia um total de 1.685 municípios na faixa mais elevada da Prosperidade Social (alta e muito alta), onde se enquadra Feira de Santana.

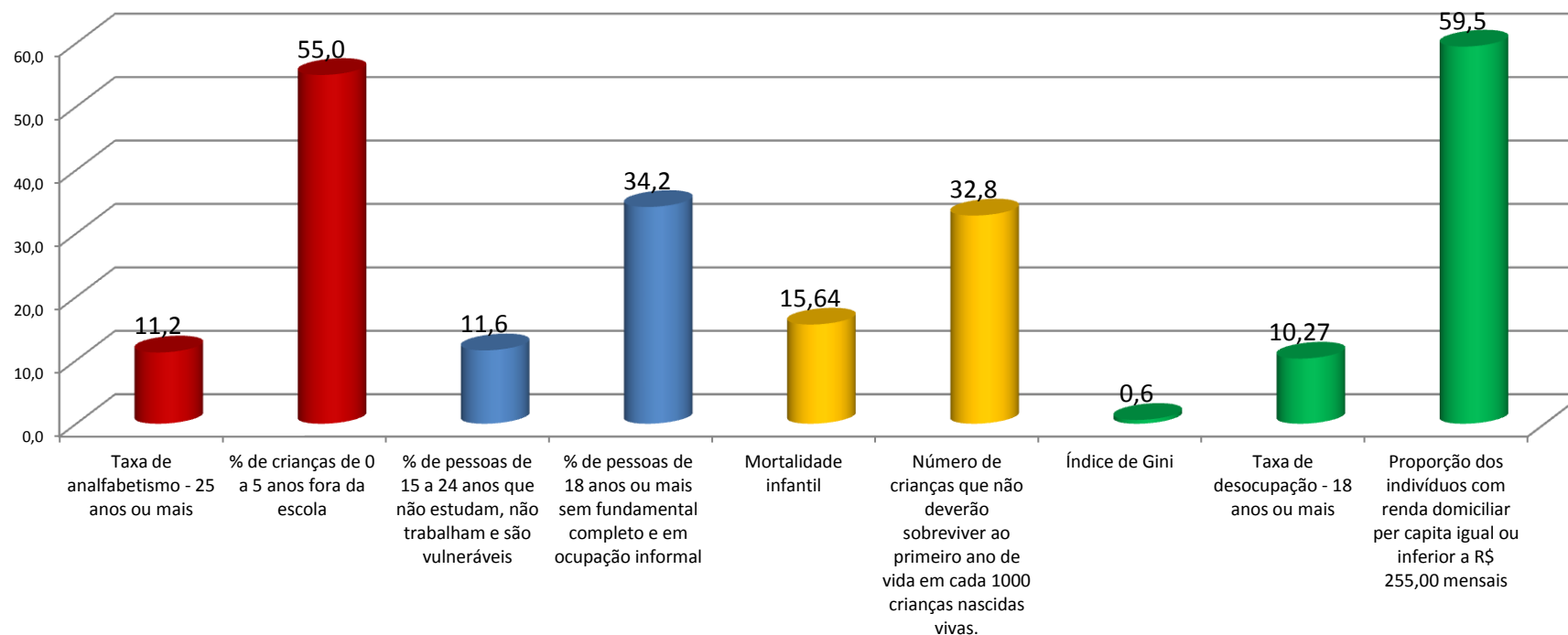
Figura 8 – Prosperidade social nos municípios brasileiros – 2010

		IDHM		
		Baixo/muito baixo	Médio	Alto/muito alto
IVS	Baixo/muito baixo	0	641	1685
	Médio	97	918	243
	Alto/muito alto	1302	674	5

Fonte: IPEA, Atlas da vulnerabilidade social, 2010.

Entretanto, quando se desagrega tais índices em indicadores em separado começa a emergir a hipótese de que o dinamismo econômico e o desenvolvimento social local ainda não têm caminhado na direção da geração de um desenvolvimento sustentável ou com equidade. Tal hipótese se baseia em uma série de índices levantados pelo próprio Atlas da Vulnerabilidade Social do IPEA, especialmente relacionados à educação e à renda, que podem ser vistos no Gráfico 9.

Gráfico 9 – Indicadores de vulnerabilidade selecionados – Feira de Santana, 2010



Fonte: IPEA, Atlas da vulnerabilidade social, 2010.

Em relação à renda, o que se percebe é que o município apresenta significativa desigualdade social, uma vez que tem Índice de Gini² 0,6, o que indica uma grande concentração de renda e uma situação perversa na desigualdade social no território.

A taxa de desocupação entre maiores de 18 anos em Feira de Santana era de 10,27% em 2010. O rendimento médio das pessoas ocupadas em Feira de Santana era de R\$ 1.049,48 em 2010, ao passo que a média nacional era de R\$ 1.296,19 na mesma época. Já a renda per capita da população feirense (considerando ocupados e não ocupados) era de R\$ 662,24, enquanto a média brasileira era de R\$ 793,87. Ao se avaliar apenas as famílias consideradas vulneráveis, a renda per capita era de R\$ 154,72 mensais.

Os números apontam que mais de metade da população local vive tal situação, uma vez que se encontram 59,5% dos indivíduos com renda domiciliar per capita igual ou inferior a R\$ 255,00 mensais (em reais de agosto de 2010), equivalente a meio salário mínimo naquela data.

Ao se avaliar os indicadores de educação a situação também apresenta várias precariedades, como, por exemplo, uma taxa de analfabetismo de 11,24% entre os maiores de 25 anos; e um percentual de 55% das crianças entre 0 e 5 anos fora da escola – situação esta que também é um agravante para as possibilidades das mães conseguirem um emprego e aumentarem a renda, por não terem onde deixar seus filhos menores.

Algumas vulnerabilidades também podem ser lidas de maneira associada, agravando a situação da população. Assim por exemplo, tem-se no município 34,2% de pessoas acima de 18 anos sem ensino fundamental completo e ligadas a ocupações informais; além de 11,6% dos chamados “nem-nem”: jovens entre 15 e 24 anos que não estudam e nem trabalham e são parte da população considerada vulnerável.

Por fim, pode-se ainda ver no gráfico os problemas relacionados à mortalidade infantil até cinco anos, da ordem de 15,64 por mil nascidos vivos; além de uma estimativa de 32,8 crianças em cada mil nascidas vivas que não sobreviverão até o primeiro ano de vida.

² Este é um indicador da desigualdade de renda e quanto maior seu valor (entre 0 e 1) pior pode ser considerada a situação do território.

³ O documento na íntegra pode ser acessado no link

http://www.feiradesantana.ba.gov.br/secel/argq/PMC_versaoFinal.pdf

2. A CULTURA EM FEIRA DE SANTANA

“Hoje nos articulamos mais, mas as coisas acontecem porque os artistas estão buscando formas de fazer independentemente da lei” (entrevistado, Feira de Santana, 2016).

É nesse cenário, de grande dinamismo econômico e alta desigualdade social que se insere a temática da cultura em Feira de Santana. As entrevistas qualitativas, grupos de discussão, dados secundários e questionários preenchidos pelos agentes culturais locais permitiram ter uma primeira visão sobre as potencialidades e também as fragilidades da área cultural no município.

Antes de apresentar os resultados obtidos, entretanto, é importante destacar que o município já conta com uma série de estudos e propostas, elaborados e consolidados, que devem ser tomados como referência e parâmetros, para além do presente diagnóstico. O principal deles é o volume do Plano Municipal de Cultura³, elaborado em setembro de 2014 e em fase de aprovação junto à Câmara dos Vereadores.

Tal documento será citado e referenciado aqui, nos casos pertinentes, mas não se pretende repetir o que já está detalhadamente descrito no Plano. Lá, há uma vasta discussão e análise da situação cultural do município, incluindo os aspectos da gestão pública da política cultural, financiamento à cultura e o diagnóstico setorial para todas as áreas culturais. Ao final, o volume citado apresenta propostas, com detalhamento de diretrizes, prioridades e estratégias para o período 2015-2025.

O presente capítulo foi pensado em cinco temas diferentes e complementares. Em primeiro lugar, apresentam-se informações a respeito do histórico da política cultural no Brasil e das atuais diretrizes do Sistema Nacional de Cultura, onde a política cultural municipal se insere. Em segundo, volta seu olhar para a institucionalidade e a atual situação do Sistema Municipal de Cultura de Feira de Santana, com seus instrumentos e elementos componentes. Em seguida, será apresentada a estrutura física disponível no município para a realização das atividades culturais. A quarta subseção busca dar uma panorâmica a respeito da diversidade cultural local, suas principais manifestações, grupos e artistas, atividades, festas e celebrações, bem como o

³ O documento na íntegra pode ser acessado no link
http://www.feiradesantana.ba.gov.br/secel/arg/PMC_versaoFinal.pdf

patrimônio material e imaterial local. Por fim, a última parte do capítulo volta seu olhar para a situação de artistas e grupos culturais em Feira de Santana, indicando as formas de envolvimento nas manifestações culturais, seus potenciais e fragilidades.

2.1. Sobre o Sistema Nacional de Cultura⁴

“Se não fosse Gilberto Gil a gente não sobreviveria. Gil e Juca. Depois deles nunca mais bati na porta de político e de empresa. Aqui ninguém patrocina nada” (entrevistado, Feira de Santana, 2016).

A política cultural no Brasil vem se institucionalizando cada vez mais nas últimas décadas, trazendo a gestores, públicos e privados, novos desafios e posturas no exercício de suas atribuições. De acordo com Botelho (2006), são três os marcos históricos da política cultural no Brasil, sendo o primeiro a vinda de D. João VI para o Rio de Janeiro, em 1808, quando foram criadas as primeiras instituições culturais, tais como a Biblioteca Nacional, o Museu Nacional de Belas Artes e o Museu histórico Nacional. O segundo marco foi durante o Estado Novo (década de 1930), quando foi implantado um sistema articulado em nível federal, com instauração de instâncias como o Conselho Nacional de cultura, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o Serviço Nacional do Teatro, o Instituto Nacional do Livro e a Casa Rui Barbosa.

Por fim, a autora cita os anos de 1970, período da ditadura militar, como outro marco da política cultural brasileira. Em 1975, foi lançada a Política nacional de Cultura, primeira vez em que a cultura aparece como uma das metas de governo. Também são criações do período a FUNARTE, a Embrafilme, o Conselho Nacional do Direito Autoral e o CONCINE, entre outros.

Ademais destes três marcos históricos citados pela autora, pode-se identificar nova configuração da política cultural, que se delineia a partir da década de 1980 e continua em transformação até os dias atuais. É fundamental apontar que após as primeiras eleições diretas para os governos estaduais (anos 80), a política cultural foi fortalecida, com a criação de secretarias de cultura nos estados e municípios, separando-as da educação, bem como com a instauração do Ministério da Cultura (1985) e da Lei de Incentivo à Cultura (Lei Sarney – 1986).

⁴ Capítulo baseado na introdução do Plano Municipal de Cultura de Uberlândia, elaborado por LIBANIO, 2012.

Como não só de avanços vive a política pública, o Brasil acompanhou seu retrocesso durante o Governo Collor, com o rebaixamento das instancias ligadas à cultura; a extinção do Ministério, rebaixado a Secretaria; o fim da Lei Sarney e a aglutinação das instâncias federais em dois institutos: Instituto Brasileiro de Arte e Cultura – IBAC e Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural – IBPC, ambos sem força política e orçamento relevante.

Com a entrada de Paulo Sérgio Rouanet na Secretaria de Cultura inicia-se a retomada das ações culturais na esfera federal, especialmente com a criação da lei federal de incentivo à cultura - Lei Rouanet (1991), que buscou garantir investimento privado na cultura através da renúncia fiscal. Em seguida, já no governo Itamar Franco, assiste-se à reinstalação do Ministério da Cultura tendo Antônio Houaiss como Ministro, quando é editada a Lei do Audiovisual (1993).

Durante o Governo Fernando Henrique Cardoso marca-se o fortalecimento da lei de incentivo como principal meio de ação cultural. Apesar dos avanços registrados, Botelho (2006) aponta nesse período uma pequena presença do estado na política pública de cultura, que ficou entregue às mãos do mercado e das empresas incentivadoras.

O novo milênio trouxe consigo a reestruturação da política cultural no país, nas bases e com os pressupostos hoje considerados como norte para implantação dos Sistemas Municipais de Cultura. A partir de 2003, com o Governo Lula e a posse do Ministro Gilberto Gil, se inicia um novo marco na política pública para a cultura no país. Esse momento tem como nortes principais:

- a reorganização do papel direto do estado na área cultural, assumindo novamente e conduzindo ações culturais próprias e também em parceria com a iniciativa privada e terceiro setor;
- a adoção de uma visão abrangente da cultura, articulada com a cidadania e a democracia, posicionando a cultura em três dimensões: simbólica, cidadã ou social e econômica;
- a busca da descentralização territorial, desconcentrando recursos, incentivos e projetos, antes extremamente concentrados no eixo Rio-São Paulo;

- a recuperação do orçamento para a cultura e a introdução de novos mecanismos de obtenção de recursos para a área;
- a realização e implantação de instâncias de participação da sociedade na política cultural, através de fóruns, conferências, conselhos e câmaras setoriais;
- a implantação do Sistema Nacional de cultura e o incentivo à implantação dos sistemas estaduais e municipais.

Nesse contexto, colocou-se o desafio de se repensar e reestruturar as políticas públicas de cultura, de maneira a garantir o efetivo apoio institucional às esferas de produção, circulação e consumo de bens simbólicos, democratizando o acesso aos meios de expressão da diversidade cultural de todos os grupos sociais, povos e territórios do país. Essa nova visão traz a concepção de que a democracia cultural não consiste em fornecer ao cidadão o mero “acesso” ao que é produzido por outros, mas também, e principalmente, oferecer suporte para que o cidadão, de diversos segmentos sociais, possa desenvolver suas expressões culturais.

Resumindo, então, pode-se dizer que a política cultural no Brasil, com seu atual formato de institucionalização, teve suas bases lançadas em meados da década de 1980, com a criação do Ministério da Cultura e da Lei Sarney, em primeiro momento, e posteriormente da Lei Rouanet, já nos anos de 1990. Após quase 20 anos desse processo, iniciou-se, a partir de 2003, a reestruturação do papel do Estado e da política cultural no país, capitaneado pelo Ministério da Cultura, que culminou na implantação do Sistema Nacional de Cultura.

De acordo com Botelho (2006):

o Ministério da Cultura incentivou intensa mobilização nacional em torno de conferências municipais, estaduais, culminando com a nacional em novembro de 2005, para dar substância ao Sistema Nacional de Cultura, que, se estabelecido e não sofrer solução de continuidade em próximas gestões, organizará a articulação entre os entes da federação e a sociedade civil. Neste Sistema, o diálogo e a negociação permanente entre as instâncias municipal, estadual e federal deverão constituir não só a novidade desse mecanismo, bem como permitirão a otimização de recursos humanos e materiais no desenvolvimento da vida cultural brasileira. Ou seja, dentre outras ações e programas importantes que foram iniciados (e que não cabe aqui arrolar), o Ministério da Cultura vem investindo em ações estruturantes que nos permitem esperar uma melhoria significativa de espaços de gestão intergovernamental e de cogestão com os movimentos culturais. (p. 45)

O Sistema Nacional de Cultura constitui-se, portanto, como um processo em que se articulam vários agentes – em diversas instâncias da federação –, bem como diversas

políticas e programas, tendo como objetivo final a formulação e implantação de políticas públicas de cultura de longo prazo, discutidas e pactuadas com a sociedade civil, artistas, grupos culturais, movimentos e a comunidade como um todo.

O principal objetivo do SNC é fortalecer institucionalmente as políticas culturais da União, Estados e Municípios, com a participação da sociedade, considerando que, ainda hoje, as políticas para a cultura continuam ocupando posição periférica na agenda da maioria dos governos, além de serem conduzidas de forma pouco profissional. Parte desse problema está na indefinição a respeito do papel do poder público (Estado) na vida cultural.

Dessa forma, o SNC propõe articular governos – federal, estaduais e municipais – e sociedade civil organizada – através de conselhos, conferências e fóruns – para a promoção de políticas e ações culturais integradas. Em linhas gerais, os principais objetivos específicos do Sistema Nacional de Cultura são:

- Estabelecer parcerias entre os setores público e privado na gestão e promoção da cultura e promover o intercâmbio entre os entes federados para a formação, capacitação e circulação de bens e serviços culturais;
- Estabelecer um processo democrático de participação na gestão das políticas e dos investimentos públicos na área cultural;
- Implementar políticas públicas que viabilizem a cooperação técnica entre os entes federados na área cultural, bem como articular e implementar políticas públicas que promovam a interação da cultura com as demais áreas sociais, destacando seu papel estratégico no processo de desenvolvimento social;
- Promover agendas e oportunidades de interlocução e a interação entre as áreas de criação, preservação, difusão e os segmentos da chamada indústria cultural.

Para tanto, tem entre seus princípios fundamentais:

- Diversidade das expressões culturais;
- Universalização do acesso aos bens e serviços culturais;
- Fomento à produção, difusão e circulação de conhecimento e bens culturais;
- Cooperação entre os entes federados, os agentes públicos e privados atuantes na área cultural, bem como integração e interação na execução das políticas, programas, projetos e ações desenvolvidas;

- Complementaridade nos papéis dos agentes culturais;
- Transversalidade das políticas culturais;
- Autonomia dos entes federados e das instituições da sociedade civil;
- Transparência e compartilhamento das informações, além de democratização dos processos decisórios com participação e controle social;
- Descentralização articulada e pactuada da gestão, dos recursos e das ações;
- Ampliação progressiva dos recursos contidos nos orçamentos públicos para a cultura.

Para se efetivar, a nova proposta pressupõe e depende de uma articulação entre as diversas esferas de governo na implantação da política pública. Cada um dos participantes do Sistema tem suas atribuições e papel, cabendo ao Governo Federal, através do Ministério da Cultura: criar as condições de natureza legal, administrativa, participativa e orçamentária para implantação do Sistema Nacional de Cultura – SNC; coordenar e desenvolver o SNC; implantar o Conselho Nacional de Política Cultural; realizar a primeira Conferência Nacional de Cultura; apoiar a realização das primeiras conferências estaduais, municipais e distrital de Cultura; manter em atividade o PRONAC; implantar e coordenar o Sistema Nacional de Informações Culturais; aprimorar e fortalecer os mecanismos de financiamento da cultura, no âmbito da União; compartilhar recursos para a execução de programas, projetos e ações culturais, no âmbito do SNC; acompanhar a execução de programas e projetos culturais, no âmbito do SNC; fomentar a integração/consórcio de Estados e Municípios para a promoção de metas culturais.

Quanto aos municípios, compete: criar condições de natureza legal, administrativa, participativa e orçamentária para sua integração ao SNC; integrar-se ao SNC; consolidar o Plano Municipal de Cultura; criar e implantar, ou manter e assegurar o funcionamento do conselho municipal de política cultural; criar e implantar, ou manter e assegurar o Fundo Municipal de Cultura; realizar a conferência municipal de cultura, previamente à primeira conferência nacional; apoiar a realização das conferências nacional e estaduais de Cultura; compartilhar recursos para a execução de ações, programas e projetos culturais no âmbito do SNC; compartilhar informações junto ao Sistema Nacional de Informações Culturais disponibilizado pela União;

implantar e regulamentar as normas específicas locais dos sistemas setoriais de cultura; cumprir as metas e prazos definidos no planejamento estratégico do SNC.

Enfrentando um processo lento e de longo prazo, além de dificuldades de ordem legal (aprovação de leis e emendas no congresso) e política para sua instauração, até o momento o SNC ainda não atingiu a maioria dos municípios brasileiros, mas tem mostrado ampliação de sua capilaridade em todo o país. Apesar do esforço no sentido da institucionalização da cultura no país, vê-se que o processo é ainda incipiente. Nas palavras de Avelar (2012),

Nosso grau de indigência cultural se revela nos números preocupantes apontados pelo Perfil dos Municípios Brasileiros, estudo realizado anualmente pelo IBGE. Em 2009, na maior parte (70,9%) dos municípios havia secretarias municipais de cultura conjuntas com outras políticas (principalmente educação, turismo e esportes). Apenas 9,4% dos municípios tinham secretaria exclusiva de cultura, e 1,9% tinha órgão da administração indireta com esse fim. Segundo a mesma pesquisa, em 2009, 76,7% das cidades brasileiras não possuíam museus, 91,9% não tinham salas de cinema, 78,9% não possuíam teatros, 70,4% não tinham centros culturais e 72% não contavam com uma única livraria. (p. 201)

Nos últimos anos, tem havido significativo aumento da adesão dos municípios ao SNC, o que, ao se realizar gradativamente, vem contribuindo para mudar o panorama inicialmente apresentado. Segundo Calabre (2012),

O desenho original do Sistema foi sendo aprimorado e a discussão nacional, ampliada. Em 2010, o projeto de lei que instituiu o SNC começou a transitar no Congresso Nacional, prevendo a criação de sistemas estaduais de cultura e sistemas municipais de cultura. No caso dos municípios, o projeto dispõe que os sistemas municipais de cultura (SMC) possuam, no mínimo, cinco dos componentes previstos para os SMC, que são: secretaria de cultura (ou órgão equivalente), conselho municipal de política cultural, conferência municipal de cultura, plano municipal de cultura e sistema municipal de financiamento da cultura (com fundo municipal de cultura). (p. 174)

Além desses, há outros componentes fundamentais no Sistema, que, entretanto, não figuram como obrigatórios. Nas palavras de Calabre (2012),

Dois outros instrumentos de gestão estão previstos no SNC: o Sistema de Informações e Indicadores de Cultura e o Programa de Formação na Área da Cultura. Apesar de não estarem previstos como um dos cinco componentes mínimos de um sistema municipal de cultura, são fundamentais para a implementação e o bom funcionamento do restante do conjunto. A produção de informações sobre a cultura local é fundamental para garantir uma maior eficácia na gestão. (p. 176)

A Figura 9 traz o desenho do Sistema, com seus elementos componentes.

Figura 9 – Elementos constitutivos dos Sistemas de Cultura



Fonte: MINC / SNC - Caderno de orientação aos municípios.

Como resultados, espera-se uma efetiva articulação nacional, intersetorial, para o desenvolvimento da cultura no país, com o Sistema Nacional de Cultura implantado e em funcionamento em todos os estados da federação e municípios brasileiros.

É nesse contexto que se insere o Sistema Municipal de Cultura de Feira de Santana, que se detalha nas próximas páginas.

2.2.O Sistema Municipal de Cultura de Feira de Santana

“Temos artistas de peso, mas nossa cidade não abraça para evidenciar esse trabalho como patrimônio. O que me entristece é que a cidade tem uma memória mais comercial do que artística. Ela não preserva a memória artística. A gente vê projetos que começam e acabam” (entrevistado, Feira de Santana, 2016).

O Sistema Municipal de Cultura de Feira de Santana foi instituído pela lei Nº 3383, de 6 de junho de 2013. Seu artigo primeiro aponta as finalidades do Sistema, quais sejam:

Art. 1º - Fica instituído o Sistema Municipal de Cultura, com a finalidade de estimular o desenvolvimento municipal com pleno exercício dos direitos culturais, promovendo a economia da cultura e o aprimoramento artístico-cultural em Feira de Santana.

Já seu artigo terceiro detalha seus componentes, incluindo entes orgânicos e instrumentos de suporte institucional:

Art. 3º - O Sistema Municipal de Cultura é constituído pelos seguintes entes orgânicos:

- I. Conselho Municipal de Política Cultural;
- II. Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Lazer;
- III. Fundação Cultural Municipal Egberto Tavares Costa e demais órgãos de cogestão a ela ligados.

§ 1º - O Sistema Municipal de Cultura contará com os seguintes instrumentos de suporte institucional:

- I. Plano Municipal de Cultura;
- II. Mecanismos Permanentes de Consulta - Fórum Municipal de Cultura e Conferência Municipal de Cultura;
- III. Fundo Municipal de Cultura;
- IV. Sistema de Informações e Indicadores Culturais;
- V. Programas de Capacitação e Formação na área cultural;
- VI. Demais programas incorporados existentes no município.

§ 2º - O Sistema Municipal de Cultura buscará atuar de forma integrada e convergente aos Sistemas Estadual e Nacional de Cultura, potencializando, através destes, o alinhamento das políticas culturais e o provimento de meios para o desenvolvimento do município através da cultura.

§ 3º - Poderão integrar o Sistema Municipal de Cultura organismos privados, com ou sem fins lucrativos, com comprovada atuação na área cultural e que venham a celebrar termo de adesão específico.

Como se vê, neste mesmo documento já são instituídas as Leis do Fundo de Cultura e do Plano de Cultura, a criação do Conselho de Políticas Culturais e os dispositivos de receita para a ação cultural no município.

É importante destacar que, de maneira incomum, em comparação com a maioria dos municípios brasileiros, o Sistema Municipal de Cultura de Feira de Santana conta com dois órgãos gestores: a SECEL - Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Lazer - e a FUNTITEC - Fundação Municipal de Tecnologia da Informação, Telecomunicação e Cultura Egberto Tavares Costa e, note-se, a segunda não é subordinada à primeira, segundo entrevista com o Secretário de Cultura, Esporte e Lazer.

O documento do Plano (2014) detalha este processo de criação dos dois órgãos, bem como de subdivisões de funções e estrutura administrativa. Considera-se importante transcrever na íntegra esse relato para melhor compreender a situação da política cultural no município:

A Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer foi criada em 1995, pela Lei n 1802 com a finalidade de exercer, orientar e coordenar as atividades pedagógicas,

competindo-lhe: I - apoiar, juntamente com o conselho de festejos populares, todas as manifestações folclóricas e populares do município; II - promover e organizar as atividades culturais e artísticas, centralizadas no município, mobilizando os meios necessários; III - preservar, situar, ampliar e divulgar o patrimônio histórico-cultural e artístico do município; IV - promover, desenvolver e administrar as atividades de artes plásticas, literatura, artes-cênicas, música, audiovisual, bibliotecas e demais espaços culturais do município; V - administrar as unidades esportivas e culturais do município; VI - promover, desenvolver e administrar as atividades esportivas, de recreação e lazer do município; e VII - exercer outras atividades correlatas.

No ano de 2005, através da Lei n 2592, foi criada a Fundação Cultural Municipal Egberto Tavares Costa, órgão integrante da Administração Municipal Descentralizada, vinculada à Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Lazer. O objetivo da criação da Fundação foi para torná-lo um ente de planejamento, execução, cooperação e avaliação das atividades culturais no âmbito da Administração Municipal, buscando fomentar a diversidade cultural, a oferta de oportunidades para exportação potencialidades artístico-culturais no Município e a interação entre as diversas formas de expressões culturais e sua inserção nas políticas públicas estadual e federal para com formas de expressões culturais específicas da área.

De acordo com uma das finalidades previstas na lei de criação da Fundação estava previsto, a elaboração, acompanhamento e avaliação de um Plano de Desenvolvimento Cultural do Município com a prospecção de uma articulação com as ações culturais empreendidas na cidade de Feira de Santana, buscando ações conjuntas com órgãos diversos governamentais ou não-governamentais. Além disso, outra finalidade presente na referida lei diz respeito a promoção de meios que permitam a participação e decisão da comunidade no âmbito da política cultural de Município. O estímulo a promoção das ações culturais realizadas no município passaram a ser centralizadas na Fundação, uma vez que com a sua criação parte da estrutura da Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer foi desmembrada para integrar a Fundação Cultural Egberto Tavares Costa. Assim o Departamento de Cultura e os demais compartimentos (Divisão de Cultura Popular, Divisão de Artes Plásticas e Literatura, Divisão de Artes Cênicas, Música e Audiovisual e Divisão de Bibliotecas) saíram da estrutura administrativa da Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer. Além disso, foi passada a Fundação a gestão de dependências e espaços públicos de domínio municipal, apropriáveis as atividades culturais, inclusive coretos, palcos e teatros situados em praças e logradouros públicos. Portanto, permaneceu a Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer apenas a gerência dos Departamentos de Esporte e Departamento de Promoção de Eventos Especiais.

Atualmente, devido a boa parte das ações relacionadas diretamente aos segmentos de tecnologia e ciências, a Fundação adquiriu em sua nomenclatura as respectivas áreas tornando-se Fundação Municipal de Tecnologia da Informação, Telecomunicação e Cultura Egberto Tavares Costa – FUNTITEC. (p. 16-17).

A partir de tal relato duas questões se colocam para um observador externo ao município: em primeiro lugar, fica a sensação de que não há ação conjunta, unidade na política cultural, restando o questionamento a respeito de quais seriam afinal as atribuições de cada um dos órgãos e como estes atuam de maneira a atingir

conjuntamente os objetivos da política nacional de cultura. Em consequência, tal situação deixa margem à interpretação de que cada órgão tem objetivos diferentes e muitas vezes divergentes.

Nas entrevistas qualitativas – e no próprio Plano Municipal de Cultura – surge uma percepção de que a SECEL teria como raio de ação e prioridade especialmente os grandes eventos de massa – em primeiro lugar os esportivos, em segundo as grandes festas como a Micareta, por exemplo – enquanto a FUNTITEC se dedicaria à política cultural propriamente dita, incluindo programas e projetos permanentes e a gestão dos equipamentos públicos, dos quais se falará na próxima seção.

No documento Relatório de Atividades SECEL 2015 são apresentadas as ações realizadas, separadas por departamento. Em linhas gerais, as principais ações desenvolvidas pelo Departamento de Atividades Culturais foram:

- Participação nas atividades relativas ao Plano Municipal de Cultura – reuniões, revisões do plano e encaminhamento para a Procuradoria do Município e posteriormente para a Câmara Municipal;
- Lançamento de edital e seleção de projetos através do Programa ProCultura/Esporte;
- Participação das discussões e acompanhamento da implantação dos Centros Unificados de Esportes e Cultura – CEUS, do Ministério da Cultura, em fase de finalização das obras;
- Apoio à realização da Feira do Livro, em sua 8ª edição, com a contratação das atrações e estrutura de apoio para as apresentações;
- Gestão do Centro de Cultura Maestro Miro e do Teatro Ângela Oliveira, ambos em fase de reforma;
- Discussão com o IPAC – Salvador sobre atribuições, legislação e ações de proteção ao Patrimônio Material e Imaterial. Criação da Comissão para efetuar levantamento de todos os bens materiais em condições de tombamento no município.

Entre as muitas atividades citadas pelo Departamento de Esportes, realçam:

- Realização de cinco grandes eventos esportivos: Super Copa Sub 15, Jogos da Diversidade, Jogos da Cidadania (Campeonato de Futebol de Feira de Santana -

72 equipes e mais de 2.000 jogadores inscritos de distritos e bairros da cidade), Olimpíada Estudantil e Jogos Abertos da Bahia;

- Elaboração do calendário de eventos esportivos realizados e apoiados pela Prefeitura Municipal de Feira de Santana, orientação de entidades esportivas visando a criação de associações, apoio a eventos esportivos de terceiros (por exemplo as Olimpíadas Estudantis, realizadas pela AFAC);
- Implantação do projeto Ação Social através do Esporte que contempla 600 crianças nas modalidades de natação, vôlei e futsal, em parceria com a PIRELLI, através da Lei de Incentivo ao esporte.

Por fim, apresentam-se as atividades realizadas pelo Departamento de Promoções e Eventos Especiais, que, conforme constante no relatório, tem como competência

operacionalizar todos os eventos do calendário oficial do município, atos de inaugurações do governo, eventos em parceria, dar apoio a eventos Sociais, Culturais e Lazer de comunidades e instituições diversas sem fins lucrativos, orientando na formatação, coordenando e dando o acompanhamento técnico, disponibilizando infraestrutura que se faz necessário para a execução dos mesmos.

Ao que tudo indica, houve problemas – técnicos, burocráticos e orçamentários - durante o ano de 2015 que reduziram as condições de atuação do referido departamento, citados brevemente no relatório:

Todas as ações de competência deste Departamento neste exercício foram executadas, de forma sofrível, graças ao empenho, dedicação e comprometimento em fazer tecnicamente o melhor, da nossa pequena equipe de trabalho que soube superar todas as dificuldades encontradas da máquina pública para a execução das mesmas. As dificuldades encontradas deve-se ao fato da grande demanda de eventos apoiados pelo governo, em especial os de médio e pequeno porte, oriundas da falta de suporte da própria estrutura do governo que na nossa modesta avaliação o que tem faltado, com raríssimas exceções, é qualificação de , pessoal, comprometimento e espírito de unidade dos setores da administração. As dificuldades a serem pontuadas mais uma vez recaem em especial a de ordem ORÇAMENTARIA, Tivemos dificuldades na geração de empenhos de despesas a partir do segundo semestre deste exercício, por conta da falta de dotação orçamentária no montante de R\$2.440.000,00 causando atrasos na elaboração dos nossos processos e embaraços no cumprimento de prazos junto à contabilidade no fechamento do mês, contribuindo com os atrasos nas liquidações dos mesmos junto aos nossos fornecedores. BUROCRACIA PROCESSUAL: Entendemos a importância da implantação do novo sistema Soft-San, que neste exercício esta funcionando em tempo real, cuja a finalidade a de proporcionar um maior controle na elaboração dos processos de despesas, determinando novas exigências de ordem documental e prazos junto ao setor contábil, que para nós em especial torna-se um fator complicador, que nos tem trazido certas dificuldades na elaboração dos

mesmos e cumprimento dos prazos. TRANSPORTE: Continuamos com dificuldades por conta da terceirização deste serviço de relevante importância para a execução das nossas ações, por se tratar de eventos que nos exigem deslocamentos, não só na sede, como nos distritos (p.11).

O Departamento foi responsável pela realização de 13 eventos próprios ao longo do ano, além de ter sido parceiro em outros 14 eventos e ter apoiado 255 eventos realizados por terceiros. Os eventos próprios / oficiais da SECEL foram:

- Janeiro: Festa de Reis do Distrito de Tiquaruçu; Emancipação da Matinha - Distrito Da Matinha;
- Abril: Aleluia da Mangueira, Povoado da Mangueira;
- Maio: Festa do Vaqueiro, Distrito de Ipuacu;
- Junho: Festejos Juninos nos Distritos de M^a Quiteria, Humildes, Jaiba e Bonfim;
- Setembro: Expofeira; Aniversario da Cidade, ambos na sede; e Festa do Vaqueiro, distrito de Jaiba;
- Novembro: Festa do Vaqueiro no povoado do Alecrim Miudo; Cavalgada, Povoado da Boa Vista; Novembro Negro, na sede;
- Dezembro: Festa do Pescador, Distrito de Ipuacu; e Natal Encantado, na sede.

Quanto aos eventos realizados em parceria, o relatório cita: Quinta na Praça; Encenação da Paixão e Morte de Cristo; Evento Católico Vem Louvar; Festa do Interior; Arraiá do Comércio; Caminhada do Folclore; Parada Gay; Passeio Ciclístico da Primavera; Festival de Bandas e Fanfarras; Volta Ciclistica; Mini Maratona; Feira do Livro; Semana Espírita e November Rock.

Em relação à atuação da FUNTITEC, infelizmente não obtivemos retorno da solicitação de dados e informações⁵, motivo pelo qual só será possível apresentar aqui as informações constantes do Plano Municipal de Cultura (2014). Lá, são apresentadas como ações realizadas pelo órgão no período 2013 / 2014:

- Manutenção das Unidades Culturais: reforma, pintura, manutenção elétrica e compra de equipamentos para o Museu de Arte Contemporânea; troca de lâmpadas dos equipamentos de projeção do Museu Parque do Saber;
- Informatização de Bibliotecas: Implantação de internet gratuita através do programa Feira Digital;

⁵ Dirigida à então Chefe da Divisão de Cultura Popular, Sra. Lorena Porto.

- Reforma de Bibliotecas e Teatros: Centro Cultural Maestro Miro e Teatro Margarida Ribeiro; reforma da parte física da Biblioteca Municipal Manuel Pereira Pimenta e da Biblioteca Municipal Raquel de Freitas Araújo;
- Realização e Apoio a Eventos Culturais: Festival Metropolitano de Música Vozes da Terra (12ª e 13ª Edições); Festival Metropolitano de Música Gospel (6ª e 7ª Edições); Teatro Vai aos Bairros; Programa Arte de Viver; Polos de Cultura Digital e das Salas de Aula Interativa, situados em Bairros e distritos, bem como nas escolas da rede municipal de educação; Natal Encantado 2013;
- Exposições realizadas no Museu Parque do Saber em 2013: Mostra de Figurinos Juninos de Quadrilhas Juninas; Tecnologia da Percussão – Zé das Congas; Fotografias de um Olhar Educando sobre o Meio Ambiente; Mostra do XI Concurso de Fotografia do Sindicato de Fotógrafos de Feira de Santana – SINDFOFS;
- Eventos no MAC (Museu de Arte Contemporânea): Lançamento de livros de poesia, exposição de reproduções do impressionismo com o tema: “História e seus reflexos; Clube do Xadrez de Feira de Santana, 17 anos do MAC, Lançamento dos livros: Vida Gigante de Marcinha Costa, exposição dos artistas Suzart, Rogério Géo e Samuca Santos, Musical do Grupo Anima Trio, Exposição: Panorama Edições 2013/ 2014 – Mostra de Fotografias, Projeto Música no Museu – MM. Projeção dos filmes “O Grito da Terra” e “Um crime na Rua”, tributo a Olney São Paulo, exposição coletiva com artistas de Feira de Santana, Salvador e Recôncavo, Oficina de roteiros para cinema, curso ministrado pelo cineasta feirense graduado pela Universidade Federal do Recôncavo, Leon Orlando Lobo Sampaio.

Durante os grupos de discussão para a elaboração do presente diagnóstico, um representante do Teatro Margarida Ribeiro, gerenciado pela FUNTITEC afirmou que a “Fundação tem feito muito em Feira de Santana desde 2001. Tem vários espaços culturais e também alguns projetos: o Teatro nos Bairros, o Programa Arte de Viver, o Festival de Música Gospel e o Festival Música da Terra. O Teatro Margarida Ribeiro foi reformado está aberto para o público. O Maestro Miro também ficou fechado e voltou a todo vapor. A Prefeitura tem dado manutenção nos equipamentos. Não temos do que nos queixar, estamos de parabéns, o município tem retribuído muito à comunidade”.

No que é relativo à dotação orçamentária destinada às ações culturais dos dois órgãos referidos, também é possível encontrar informações no Plano (2014), onde se detalham as atividades para as quais os recursos são direcionados. A partir de tal fonte, é possível perceber claramente a divisão de papéis e prioridades dentro do Sistema Municipal de Cultura, uma vez que 80% do orçamento vai para a realização dos grandes eventos de massa:

A composição do orçamento da cultura no município se dá através da destinação de 80% da verba da Diretoria de Eventos (SECEL), para apoio a realização de eventos culturais, tais como: Micareta, Festejos Juninos, Festas de Vaqueiros, Natal Encantado e demais Festejos Populares. Além disso, devido a parceria com algumas instituições como o GLICH e a Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, por meio do Centro Universitário de Cultura e Arte – CUCA e Pró-Reitoria de Extensão – PROEX, eventos como: Parada Gay de Feira de Santana (GLICH) e Bando Anunciador, Caminhada do Folclore (CUCA/UEFS) e Feira do Livro (PROEX/UEFS) recebem também apoio oriundo de recursos da respectiva Diretoria. (p.22)

Os 20% restantes são direcionados para o custeio de toda a política cultural local, equipamentos públicos e cultura e ações correlatas:

Através da Diretoria de Atividades Culturais da Fundação Municipal de Tecnologia da Informação, Telecomunicação e Cultura Egberto Tavares Costa – FUNTITEC, 20% do orçamento é destinado para: dar manutenção as unidades culturais existentes (Centro Cultural Maestro Miro, Teatro Municipal Margarida Ribeiro, Museu de Arte Contemporânea – Raimundo de Oliveira, Museu Parque do Saber, Biblioteca Municipal Arnold Silva, Biblioteca Municipal Raquel de Souza Araújo (Distrito de Maria Quitéria) e Biblioteca Municipal Manuel Pereira Pimenta (Distrito de Humildes); oferecer informatização às Bibliotecas; apoiar atividades que deem preservação à memória feirense; reforma e construção de Bibliotecas e Teatros; e, realizar e apoiar eventos culturais, a exemplo do Festival Vozes da Terra, Festival Gospel e Teatro Vai Aos Bairros. (p.22)

Como o Plano foi elaborado em setembro de 2014, os valores apresentados são relativos aos anos de 2013 e 2014. Nesse período a Diretoria de Eventos recebeu, conforme constante no referido documento, um valor de cerca de R\$ 16 milhões para suas atividades, discriminados no Quadro 3.

Quadro 3 – Orçamento da Diretoria de Eventos, 2013/2014

ATIVIDADE	ORÇAMENTO DISPONÍVEL
Convênios com Instituições civis de utilidade pública	R\$ 12.200,00
Contratação de Serviços Terc. Pess. Física	R\$ 502.000,00
Contratação Terc. Pess. Jurídica	R\$ 15.326.500,00
TOTAL	R\$ 15.849.700,00

FONTE: Plano Municipal de Cultura de Feira de Santana, setembro de 2014.

Já a FUNTITEC recebeu cerca de R\$3,4 milhões no referido período, conforme detalhado no Quadro 4.

Quadro 4 – Orçamento da Diretoria de Atividades Culturais - FUNTITEC, 2013/2014

ATIVIDADE	ORÇAMENTO DISPONÍVEL
I - Manutenção Das Unidades Culturais	
Contratação Terc. Pess. Física	R\$ 40.000,00
Contratação Terc. Pess. Jurídica	R\$ 80.000,00
Equipamentos e Materiais Permanentes	R\$ 50.000,00
TOTAL I	R\$ 170.000,00
II – Informatização de Bibliotecas	
Contratação Terc. Pess. Física	R\$ 20.000,00
Contratação Terc. Pess. Jurídica	R\$ 30.000,00
Equipamentos e Materiais Permanentes	R\$ 26.000,00
TOTAL II	R\$ 76.000,00
III – Preservação da Memória de Feira de Santana	
Material de Consumo	R\$ 6.000,00
Contratação Terc. Pess. Física	R\$ 6.000,00
Contratação Terc. Pess. Jurídica	R\$ 10.000,00
TOTAL III	R\$ 36.000,00
IV – Reforma de Bibliotecas e Teatros	
Contratação Terc. Pess. Física	R\$ 40.000,00
Contratação Terc. Pess. Jurídica	R\$ 50.000,00
Obras e Instalações	R\$ 60.000,00
Equipamentos e Materiais Permanentes	R\$ 60.000,00
TOTAL IV	R\$ 210.000,00
V – Construção de Bibliotecas e Teatros	
Contratação Terc. Pess. Física	R\$ 110.000,00
Contratação Terc. Pess. Jurídica	R\$ 240.000,00
Obras e Instalações	R\$ 944.000,00
Equipamentos e Materiais Permanentes	R\$ 310.000,00
TOTAL V	R\$ 1.604.000,00
VI – Realização e Apoio a Eventos Culturais	
Contratação p/Tempo Determinado	R\$ 10.000,00
Convênios com Instituições civis de utilidade pública	R\$ 90.000,00
Contratação Terc. Pess. Física	R\$ 400.000,00
Contratação Terc. Pess. Jurídica	R\$ 230.000,00
Outros Serviços Terc. Pess. Jurídica	R\$ 560.000,00
Equipamentos e Materiais Permanentes	R\$ 40.000,00
TOTAL VI	R\$ 1.330.000,00
SOMA: TOTAL I a VI	R\$ 3.426.000,00

FONTE: Plano Municipal de Cultura de Feira de Santana, setembro de 2014.

Os artistas e grupos participantes dos grupos de discussão apontam que não há valorização dos artistas locais, apoio e orçamento do poder público para os pequenos projetos, bem como para a implementação de uma política cultural consistente e de continuidade. Para eles, o que há é uma política de grandes eventos, onde a maior parte dos recursos vai para fora da cidade e mesmo do estado, através do pagamento de vultuosos cachês para artistas nacionais.

No que é relativo às instâncias de participação do Sistema, o município conta com Conselho Municipal de Cultura, criado em 2008, através da Lei nº 2956/2008 e com seus membros eleitos e em exercício. Conforme se apurou nas entrevistas, o Conselho foi muito atuante na elaboração do Plano Municipal de Cultura, inclusive participando das discussões e redação dos termos do plano, através da composição de Comissões Especiais temáticas, para a elaboração do diagnóstico e propostas.

Entretanto, o Conselho de Cultura de Feira de Santana tem caráter apenas Consultivo e não deliberativo, como é orientado pelo Ministério da Cultura e disposições do Sistema Nacional de Cultura. Além disso, seu presidente é o próprio titular da SECEL, o que, na opinião dos artistas e grupos culturais, seria o pior formato dentre todos os possíveis, com mínima autonomia e condições de influência nas decisões por parte da sociedade civil.

Além disso, os entrevistados apontaram que não foi realizada a última conferência municipal de cultura e tampouco têm havido reuniões do Conselho nos últimos meses, que só podem ser convocadas pelo presidente do Conselho - o Secretário Municipal de Cultura, Esporte e Lazer. Os artistas locais tem se mobilizado e reunido para discutir as questões da cultura através do Fórum Permanente de Cultura de Feira de Santana⁶, além do grupo virtual Mobiliza Cultura.

Entre outras ações, a sociedade civil, por meio do Fórum, realizou a campanha #desengavetaoplanoprefeito, pedindo agilidade no envio do Plano para a Câmara de Vereadores, o que só foi feito quase cerca de seis meses após sua elaboração.

Discutido e escrito em 2014, na gestão anterior da Prefeitura, atualmente o Plano se encontra na Câmara de Vereadores, onde foi realizada uma audiência pública para

⁶ Ver <https://www.facebook.com/F%C3%B3rum-Permanente-de-Cultura-FSA-537546026310990/> e <https://forumpermanentedeculturafsa.wordpress.com/>, acesso em 07/09/16.

discussão de seu conteúdo, no último dia 30/06/2016. Um item que tem gerado discussão na Câmara é a inclusão no Plano de propostas ligadas à cultura LGBT, conforme texto a seguir:

Já a cultura LGBT, - que embora enfrente dificuldade de aceitação pela sociedade feirense, além de conflitos sociais por preconceito -, possui artistas, manifestações e espaços culturais, que a representam, e permanece viva através de passeatas gays, bares e boates na cidade de Feira de Santana. Mas, apesar dessa atividade, os artistas deste setor não se reconhecem como agentes ou produtores culturais, que são. É preciso que haja divulgação e fortalecimento de agentes representativos das culturas LGBTs, a exemplo do Grupo Organizado GLICH, que atua de modo isolado na cidade, em função da ausência de demais grupos e agentes locais que trabalhem com a temática. Há, enfim, uma estereotipação e descaracterização do movimento e da causa LGBT na cidade. Apesar da atuação dos grupos organizados já citados acima, e da presença de outros que apoiam as crianças e os adolescentes (pertencentes tanto a sociedade civil quanto a instância governamental), há que se reconhecer sua fragilidade, devido a falta de uma rede local para defesa das áreas que defendem, o que demonstra desarticulação e insuficiência de solidariedade entre eles. Essa fragilização e desestímulo acabam por gerar a migração de vários agentes para outros segmentos. Há, por fim, falta de conhecimento da população sobre tais grupos. (pg.30)

Há vereadores que sustentam que estes são temas que não fazem parte da área cultural e que, portanto, deveriam ser retirados do Plano. Na palavra de um deles “Dentro desse projeto de nº 163/2015 encontrei o que não é cultura, há artigos que não fazem o mínimo sentido com a cultura, cultura que eu conheço não está dentro desse projeto”⁷

Como já mencionado, o documento do Plano pode ser consultado em sua íntegra no link http://www.feiradesantana.ba.gov.br/secel/arq/PMC_versaoFinal.pdf.

Para finalizar a descrição do Sistema Municipal de Cultura de Feira de Santana, é importante mencionar que o município conta com mecanismos de fomento instalados. O financiamento à cultura tem como suporte a Lei 1.972/97, denominada Pró-Cultura/Esporte: Programa Municipal de Incentivo Cultural e Esportivo. Em 10 de julho de 2013, através do Decreto nº 8.960, sofreu alterações em seu regimento e áreas de abrangência. Nova mudança foi realizada pelo Decreto nº 9.631, de 18 de junho de 2015.

O programa de incentivo é baseado na renúncia fiscal de até 20% dos impostos municipais devidos por cada contribuinte pessoa jurídica (“estabelecimento inscrito no

⁷ Ver <http://www.jornalgrandebahia.com.br/2016/07/plano-municipal-de-cultura-de-feira-de-santana-e-debatido-em-audiencia-publica/>, acesso em 12/09/16.

Cadastro de Contribuintes do Município”) – incluindo o Imposto sobre Serviços de Qualquer Natureza - ISS e o Imposto sobre a Propriedade Territorial Urbana – IPTU, até serem atingidos os limites máximos estipulados para cada projeto e a disponibilidade orçamentária em cada ano. Destaca-se que a concessão de abatimento dos impostos poderá se dar inclusive sobre impostos vencidos, inscritos em dívida ativa ou ajuizados. Quanto aos valores disponibilizados, o decreto de 2015, antes mencionado, citava:

VII – Valor total dos abatimentos: Os 20% referidos em “X – Abatimentos” acima não poderão ultrapassar R\$ 474.163,00 (quatrocentos e setenta e quatro mil, cento e sessenta e três reais) valor total da renúncia fiscal. Alcançado este valor, encerra-se automaticamente a captação.

Em relação às áreas contempladas para solicitação de financiamento, constam no Decreto de 2015:

- a) PATRIMÔNIO MATERIAL E NATURAL (paisagens tradicionais, sítios arqueológicos, bens móveis e imóveis, espaços preservados, arquitetura e urbanismo);
- b) ARTES CÊNICAS E MÚSICA (música, dança, teatro, circo);
- c) LIVRO E IMPRENSA (livro, impressos e outros suportes, leitura, literatura, revistas, jornais, periódicos especializados);
- d) ARTES VISUAIS E ARTESANAIS (fotografia, arte pública, artes plásticas e visuais, artesanato);
- e) DESIGN E SERVIÇOS CRIATIVOS (design em suas diferentes expressões artes gráficas, moda, publicidade, gastronomia);
- f) AUDIOVISUAL E MÍDIAS INTERATIVAS (cinema, vídeo, rádio, televisão e telecomunicações (produção de conteúdos), portais e blogs, jogos eletrônicos cultura digital);
- g) EDUCAÇÃO E QUALIFICAÇÃO CULTURAIS (ensino das artes e arte-educação, formação artístico-cultural, qualificação profissional, formação de públicos e usuários de bens de cultura, intercâmbios culturais);
- h) PATRIMÔNIO IMATERIAL (manifestações e festas populares, manifestações étnico-culturais, de gênero e de orientação sexual, línguas, falares e cosmologias, saberes, técnicas, linguagens e tradições);
- i) MEMÓRIA E PRESERVAÇÃO (arquivos privados de interesse público, acervos privados de interesse público, memória artística, cultural e histórica, antiquários e sebos e restaurações);
- j) ESPAÇOS CULTURAIS (bibliotecas comunitárias e feiras);
- k) ESPORTE AMADOR de qualquer modalidade;
- l) Formação e desenvolvimento de atletas através de Congressos, Clínicas e Work Shops;
- m) Treinamento e participação de atletas e equipes em competições municipais, estaduais, nacionais e internacionais;
- n) Escolinhas de Esporte;
- o) Atividades Esportivas para crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social e portadores de necessidades especiais;

O Edital de 2015 aprovou 160 projetos, num valor total de R\$ 474.163,00. Os valores unitários tem teto máximo variável de 6 a 15 mil para projetos culturais e de patrimônio e de 5 a 10 mil para projetos esportivos (valores para equipes de competição. No caso de atletas individuais, o teto é de 50% do valor de cada categoria de financiamento).

O Fundo conta com um Conselho próprio, constituído por sete membros, situação esta que pode ser alterada com a aprovação do Plano Municipal de Cultura. Em tal documento consta a reflexão a respeito da necessidade de se desmembrar o financiamento esportivo do financiamento cultural, nesse caso vinculado ao Conselho de Cultura.

a cidade possui uma lei de incentivo denominada Pró-Cultura/Esporte criada desde 1997, cuja finalidade é financiar atividades culturais e esportivas, mediante abatimento do ISS e do IPTU a serem recolhidos. Isso torna Feira de Santana, um dos poucos municípios da Bahia a possuir lei de incentivo municipal destinada aos agentes produtores de cultura e esporte. Porém, devido a demanda atual, a verba destinada através do Pró-Cultura/Esporte se torna insuficiente para o atendimento a boa parte das ações; outro fator impeditivo é a integração de dois segmentos necessários, mais carentes de investimento que é a cultura e o esporte. Por isso traçar políticas com uma gestão focada em cada segmento agiliza e melhor estrutura a cultura e o esporte. Implantar editais oriundos do Fundo de Cultura, com recursos a serem repassados de forma direta aos proponentes também deve ser uma ação para uma gestão mais ampla. Em Feira de Santana, em 2013 foi aprovada a Minuta do Sistema Municipal de Cultura (Lei nº3.383, 06 de junho de 2013), e dentre os principais componentes, o único que ainda não foi efetivado, mas que se pretende ainda efetivar em 2014, juntamente com este projeto de lei – Plano de Cultura – é o fundo de cultura. O Fundo de Cultura regulamentado, acompanhado pelo Conselho Municipal de Cultura, deriva mecanismos de fomento, como editais a serem implementados na cidade. (p.37)

Artistas e produtores locais também apontam que, mesmo ao terem seus projetos aprovados no Pró-Cultura/Esporte não têm garantia de realização, visto que a captação nas empresas tem sido difícil, além dos valores serem muito pequenos. Tal situação é agravada pela ausência de um Fundo de cultura que realize repasses diretos aos projetos, através de editais de fomento ou prêmios.

Como apurado junto aos artistas e grupos locais, alguns deles buscam financiamento através da aprovação de projetos no Edital FAZCULTURA, por renúncia fiscal do ICMS – Governo Estadual. Entretanto, ainda é pequeno o número de projetos de Feira de Santana aprovados e captados via tal mecanismo, que tem ainda o fator dificultador de exigir 20% em recursos próprios do incentivador.

Também na Lei Rouanet são poucos os projetos aprovados e captados, o que tem colocado a atividade cultural no município dependente de recursos próprios dos artistas e grupos e enfraquecido suas possibilidades de crescimento e continuidade, como se verá na seção dedicada ao perfil dos artistas e grupos locais.

2.3. Espaços e equipamentos culturais

“As escolas precisam ter acesso aos espaços que existem. A questão é como dar acesso. Como fazer com que essas pessoas cheguem a esses espaços? Não existe uma política de acessibilidade” (entrevistado, Feira de Santana, 2016).

De acordo com o apurado nas pesquisas primárias e secundárias, Feira de Santana conta com significativo número de espaços e estruturas destinados às práticas culturais, sejam estas públicas ou privadas, fechadas ou ao ar livre. A presente seção pretende apresentar brevemente tais espaços, sem a pretensão de detalhar todos eles, mas sim mencionar os principais ou os mais citados pelos entrevistados.

De acordo com o documento do Plano Municipal de Cultura (2014),

Em Feira de Santana existem 03 centros culturais, 04 museus, 05 teatros, 07 bibliotecas, 01 arquivo público, 01 parque, 01 Mercado de Artes, 01 cinema multiplex e algumas praças com estrutura fixa de palco e camarim. Através de parceria com o Governo Federal, serão inauguradas em 2015 mais três praças construídas em bairros de zonas periféricas da cidade (Aviário, Tomba e Cidade Nova), cuja estrutura permitirá atividades continuadas na área de cultura e de esporte; essas praças são denominadas CEUs – Centros de Artes e Esportes Unificados. (p. 39).

A seguir, serão mencionados tais equipamentos, separados entre privados, públicos e ao ar livre. Buscar-se-á ainda trazer algumas reflexões a respeito do funcionamento e dificuldades enfrentadas no cotidiano dos artistas e gestores dos espaços no município, considerando que a mera construção de um espaço cultural não é garantia de seu bom desempenho no cumprimento de sua missão.

O próprio Plano já aponta que o problema do município não reside na quantidade de espaços, mas sim de condições de funcionamento e manutenção, programação, equipe, etc. Assim,

falta investimento em cursos de qualificação para as equipes (administração e técnicos) atuantes nestes espaços, de modo a permitir uma melhor operação (equipamentos específicos de iluminação, sonorização etc.) e uma melhor administração dos espaços. (...) Outro problema está relacionado à má

divulgação dos projetos e ações fomentadas nos espaços. Investir em Redes Sociais, site e blog, além de meios de divulgação mais tradicionais como uma agenda cultural impressa pode ser um importante vetor para aproximação de público frequentador. Parte desses equipamentos culturais carecem de estrutura mais adequada, proporcionar melhorias as salas para ensaios, ao palco, ao camarins, a iluminação, a sonorização, a sinalização e a acessibilidade de pessoas portadoras de necessidades especiais. (...) Alguns desses espaços possuem um regimento interno no qual estão presentes regras e critérios, com intuito de possibilitar ao espaço uma gestão para melhor funcionamento dos mesmos; é interessante estabelecer regras compartilhadas com as comunidades onde estão inseridos os espaços e com os grupos culturais para se estabelecer regimentos que permitam a otimização dos espaços a partir de pautas diversificadas, envolvimento e participação dos grupos culturais locais. (p. 39-40).

Em linhas gerais, pode-se afirmar que grande parte dos espaços dedicados às práticas culturais em Feira de Santana é formada por espaços públicos, sejam ligados à Prefeitura Municipal, sejam ao Governo do Estado, incluindo sua unidade de ensino superior, a UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana.

Entre os equipamentos vinculados ao poder público municipal, destacam-se:

- Museu Parque do Saber - planetário com apresentações astronômicas, foyer para apresentação de exposições, concertos, congressos e performances teatrais, entre outras. A cúpula do teatro virtual, também chamada de domo, cobre um auditório com capacidade para 165 pessoas, com poltronas em semicírculo e diferentes níveis de inclinação, onde são realizadas apresentações para escolas, exposições de vídeos, espetáculos multimídia, etc.;
- Centro de Cultura Maestro Miro – composto pelo Teatro Ângela Oliveira, Foyer Jota Morbeck e Galeria de Arte Aliomar Simas. No local são realizadas apresentações teatrais, palestras, seminários, workshops, exposições e outros eventos. Também conta com salas destinadas às dez oficinas do programa "Arte de Viver", mantidas pela Prefeitura de Feira de Santana;
- Teatro Municipal Margarida Ribeiro – inaugurado em novembro de 1982, ficou fechado de 1997 a 2007 para espetáculos, sendo utilizado apenas para ensaios e oficinas. Foi reestruturado e reinaugurado no dia 25 de setembro de 2008. Atualmente tem capacidade para 262 pessoas, incluindo quatro espaços para portadores de necessidades especiais;
- Biblioteca Municipal Professora Raquel de Freitas Araújo - situada no distrito de Maria Quitéria, é a primeira biblioteca pública da zona rural, instalada em

fevereiro de 2005, numa parceria público-privada entre a Prefeitura e a empresa Pirelli;

- Biblioteca Municipal Arnold Ferreira da Silva - fundada no dia 16 de janeiro de 1890. Segundo documento da prefeitura, atualmente é a maior biblioteca escolar municipal do estado e conta com um acervo de mais de 15 mil livros;
- Biblioteca Municipal Manoel Pereira Pimenta – situada no distrito de Humildes, conta com salas de consulta e leitura, para adultos e crianças, sala de empréstimo e devolução, acervo, recepção, hall, administração, sanitários, além de jardim e rampas de acesso aos portadores de necessidades especiais;
- Mercado de Arte Popular – espaço recentemente reformado e reinaugurado em janeiro 2016, conta com uma Associação de Artesãos, a ARTMAP, também recentemente constituída. O espaço do mercado é centenário e conta atualmente com 97 permissionários. Antes o local funcionava como um mercado de hortifruti, carne, farinha e feijão. Instalado bem no centro da cidade, o espaço também realiza apresentações culturais, eventos e shows. Infelizmente, conforme se apurou nas entrevistas, a maior parte dos permissionários não é de produtores ou artesãos, mas de comerciantes que revendem roupas indianas, brinquedos, ou realizam prestação de serviços, como chaveiro, ourives, etc. A estimativa da própria associação é que apenas 10% dos boxes vendem artesanato local.
- Centro de Abastecimento, espaço onde o artesanato regional divide espaço com os produtos de consumo alimentar da região. Atualmente há um conflito entre a gestão municipal e os artesãos, pois a Prefeitura quer transformar o local em um shopping popular e remanejar os artesãos. Houve manifestações e uma tentativa de entrar com ação na justiça para impedir a obra, mas infelizmente o Centro de Abastecimento não é tombado como patrimônio;
- Museu de Arte Contemporânea Raimundo de Oliveira – aparece em documentos diferentes e também em sites da internet, ora mencionado sob jurisdição da UEFS, ora sob coordenação da FUNTITEC. O equipamento foi criado em 1967 com o nome de Museu Regional de Feira de Santana pelo empresário Assis Chateaubriand e instalado no prédio onde funcionava a administração e balança de animais da feira de gado. No final de 1995 a UEFS transferiu todo o acervo para o Centro Universitário de Cultura e Arte – CUCA, do qual se falará adiante.

Através do Decreto 5.958, de 25 julho de 1996, o Departamento de Cultura do Município cria o Museu de Arte Contemporânea de Feira de Santana, que através do Projeto de Lei 147/97 passou a denominar-se Museu de Arte Contemporânea Raimundo de Oliveira. O MAC conta com acervo de artistas plásticos baianos e acolhe exposições temporárias e apresentações artísticas.

Sob gestão da Prefeitura ficarão também as três unidades dos Centros Unificados de Esportes e Cultura – CEUS, do Ministério da Cultura, em fase final de construção e montagem. Duas delas terão área de 3.000 m², situadas nos bairros Tomba e Aviário; a terceira, no bairro Cidade Nova, terá área de 7.000 m².

Já o poder público estadual tem sob sua jurisdição direta o Centro de Cultura Amélio Amorim, inaugurado em 1992 e administrado pela Diretoria de Espaços Culturais da SECULT. O espaço dispõe de sala de espetáculos com capacidade para 400 pessoas, seis salas polivalentes para oficinas e ensaios, um teatro de arena para duas mil pessoas e uma galeria instalada no foyer.

Também realça a grande estrutura vinculada à UEFS, através do CUCA - Centro Universitário de Cultura e Arte. Tal Unidade Organizacional, fundada em 1995, é a responsável pela gestão, planejamento, coordenação e execução da política cultural da UEFS. Conforme consta do site da Universidade⁸,

atualmente, o órgão dispõe de uma estrutura física que abriga, além do Museu Regional e do Seminário de Música, a Galeria de Arte Carlo Barbosa; o Laboratório de Arte-Ciência/ Experimentoteca; a Biblioteca Setorial Pierre Klose; as Oficinas de Criação Artística; o Teatro Universitário; o Teatro de Arena; o Laboratório de Informática; a Sala de Vídeo; a Sala de Reuniões Simões Filho; a Sala de Cinema de Arte (em implantação) e a Sala de Coordenação de Eventos. Oferece, ainda, espaço para o Programa Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI).

Além da gestão dos espaços mencionados, o CUCA desenvolve atividades regulares, projetos e eventos culturais especiais em diversas áreas e linguagens artísticas - música, literatura, dança, artes plásticas, cultura popular, teatro, arte-educação e projetos voltados à integração entre ciência e arte.

Merece destaque ainda o espaço denominado Museu Casa do Sertão, localizado dentro do campus da Universidade e inaugurado em 1978. Atualmente conta com grande acervo sobre a cultura popular sertaneja, incluindo: discoteca de músicas

⁸ <http://www.uefs.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=93>, acesso em 05/09/2016.

sertanejas; aproximadamente 2.400 exemplares de literatura de cordel; e coleção iconográfica constituída de 1.169 artefatos em couro, cerâmica, metal, madeira, fibras e matrizes de xilogravura, que remetem à maneira de ser do povo nordestino. Além disso, abriga exposições temporárias diversas.

Ainda que citado como órgão da FUNTITEC, o Museu Regional de Arte de Feira de Santana permanece no site da UEFS como órgão vinculado à Universidade e ao CUCA. Cita-se em tal fonte que o Museu esteve por algum tempo sob administração da Prefeitura, que o transferiu para a Universidade em 1985. Fechado por dois anos para reformas estruturais, o Museu reabriu as portas em maio de 2015. Fazem parte de seu acervo: obras de Di Cavalcanti e Vicente do Rego Monteiro; a chamada Coleção Inglesa, reunida por Assis Chateaubriand quando era embaixador do Brasil na Inglaterra, com obras modernistas inglesas; a Coleção de Arte Naïf e a Coleção Nipo-Brasileira; telas e esculturas de consagrados artistas baianos; e obras de artistas feirenses que alcançaram projeção nacional e internacional (p.ex. Raimundo de Oliveira, Carlo Barbosa, Juraci Dórea, Graça Ramos, César Romero, Gil Mário e Antonio Brasileiro).

Por fim, no que é relativo aos espaços públicos, vale mencionar o Observatório Astronômico Antares, também ligado à UEFS, inaugurado em 25 de Setembro de 1971. A ele vinculado está o Museu Antares de Ciência e Tecnologia, dedicado a ações de difusão científica e criado em setembro de 2009. Infelizmente, o site do Observatório informa que “em virtude das dificuldades orçamentárias que a UEFS está atravessando, informamos que as atividades de visitação no OAA/MACT estão temporariamente suspensas”⁹.

Em relação ao uso dos espaços ao ar livre para as práticas culturais, foi citada a presença de grande número de praças em Feira de Santana, bem como o uso de ruas, largos e parques por coletivos culturais e manifestações, mesmo que sem autorização ou à revelia do poder público.

A opinião corrente é que há locais e espaços em quantidades mais do que suficientes, mas, em contrapartida, faltam estrutura, apoio, segurança (“nas praças, o maior problema é de segurança, pois a Prefeitura não disponibiliza guardas municipais para os locais dos eventos”), gestão, enfim, todos os outros elementos para que seja

⁹ <https://sites.google.com/site/antaresobs2/home>, acesso em 12/09/16.

possível uma efetiva ocupação de tais áreas com atividades culturais. De maneira geral, os entrevistados consideram que não há condições para os artistas se apresentarem nos espaços abertos, faltando adequação dos mesmos por parte do poder público.

Um projeto citado foi o Teatro vai aos Bairros, ação da FUNTITEC, mas que também foi criticado pela precariedade da estrutura – palco, iluminação, equipamento de som, camarim ou lanche para os artistas.

Outra questão apontada foi a falta de uma programação cultural regular e permanente nas praças da cidade, que pudesse contribuir para a “disseminação da arte e da cultura popular em espaços comunitários, levando à formação de público e plateia”. Alguns opinam que faltam aos grupos apropriar-se de tais espaços, propor projetos, enfim, empreender atividades culturais ao ar livre. Outros, entretanto, discordam, dizendo que “mesmo com tudo certo, tudo autorizado pelo poder público, você chega lá e a praça está suja, tem dificuldades com a ligação de energia”, enfim, o espaço não está apropriado para uso.

Extremamente bem servido de espaços públicos para as práticas culturais, o município tem um número bem inferior de espaços privados dedicados a tais atividades. Nas entrevistas foram citados:

- Teatro da CDL - Espaço teatral com 250 lugares, mantido pela Câmara de Dirigentes Lojistas de Feira de Santana, para espetáculos de palco em geral. É o local onde, até o início de 2016, realizavam-se as apresentações do Circuito Cultural Belgo Bekaert, mas a falta de certificação do Auto de Vistoria do Corpo de Bombeiros inviabiliza a continuidade do projeto neste local;
- Centro Comunitário Ederval Fernandes Falcão - Coordenado pela Fundação Senhor dos Passos, possui o Teatro Frei Félix de Pacatuba, no bairro Baraúnas;
- SESC Feira de Santana, com equipamento e auditório para 128 lugares;
- Quatro salas de cinema no Shopping Boulevard (os entrevistados mencionaram que este é um número pequeno de salas para quase 600 mil habitantes e, mesmo assim, recentemente inauguradas. Além disso, apontam que só exibem filmes comerciais, não atendendo ao público que busca outro tipo de programação).

Há também os espaços comunitários ou de organizações do terceiro setor, como é o caso da Casa de Cultura Malungo, idealizada e implantada por Mestre Bel¹⁰. Espaço voltado para o aprendizado da capoeira, também oferece cursos de formação, rodas de conversa, oficinas temáticas e um acervo de cerca de 500 livros sobre a história da África e do Brasil. Até o momento a casa está sendo autogerida e autofinanciada, através das mensalidades dos alunos e investimento de seus fundadores.

Outro espaço que vem atuando a 14 anos, de maneira independente, é a Cidade da Cultura. Implantado pelo músico Asa Filho em sua própria casa, o espaço cultural se consolidou como local de encontro de artistas e músicos de Feira de Santana, com samba de roda, agenda cultural semanal e pratos da culinária sertaneja. O espaço também já integrou a programação da Semana de Museus.

Para finalizar esta seção, é importante dar um destaque especial para os pontos de cultura instalados em Feira de Santana. Uma interseção entre as categorias espaço, manifestação, artista e projeto, os Pontos de Cultura são uma política pública federal implantada na gestão do Ministro Gilberto Gil, que tiveram como objetivos descentralizar a política pública de cultura, favorecer a democracia cultural, apoiar as manifestações culturais populares nos territórios e, ao final, ampliar o acesso e a cidadania em todo o país.

De acordo com texto constante do Plano Municipal de Cultura (2014):

Feira de Santana possui 04 pontos de cultura implantados através do convênio MINC e Secult-Ba do edital Nº 001/2008; 06 pontos de cultura a serem implantados através do convênio MINC e Secult-Ba/ edital n 001/2014; e nenhum ponto de cultura através de convênio entre o governo municipal e o MINC. (p.73)

Ainda que seja difícil reunir os dados dispersos e às vezes conflitantes sobre todos os pontos de cultura instalados no Brasil, foi possível encontrar informações sobre 13 pontos em Feira de Santana (de 12 organizações da sociedade civil), aprovados nos diversos editais lançados até então, quais sejam:

- IMAQ – Instituto Maria Quitéria - Projeto Expressões Sertanejas (projeto vigente até 2011);
- Galpão de Arte – Projeto Galpão de Arte, oficinas (projeto vigente até 2009);

¹⁰ Bel Pires, ou Josivaldo Pires de Oliveira, é Doutor em Estudos Étnicos e Africanos, com vasta produção bibliográfica sobre a história social da Bahia e as manifestações da capoeira, do candomblé e outros traços identitários da cultura baiana.

- Movimento de Organização Comunitária – Projeto Agência Mandacaru de Comunicação e Cultura (projeto vigente até 2008);
- Cooperativa de Teatro para a Infância e Juventude da Bahia / Cia. Cuca de Teatro – Projeto Cultura Mais Circo;
- Associação Comunitária e Centro de Apoio de Adolescente do Parque Lagoa Subaé e Adjacências – Projeto Cultura, Comunidade e Cidadania;
- CATRUFs - Centro de Apoio aos Trabalhadores Rurais da Região de Feira de Santana – Projeto Educação e Cultura Espaços de Cidadania;
- ORCARE - Organização Cultural e Artística Reisado de São Vicente – Aprovado em dois editais diferentes, primeiro com o Projeto Pontos de Cultura ORCARE e recentemente com o Projeto Ponto de Cultura ORCARE: A Semente Nasceu;
- Ponto de Cultura Ação – A Repercussão do Som – Projeto AÇÃO - Arte, cultura, atitude e Objetividade;
- Associação Cultural Coleirinho da Bahia – Projeto Da Quixaba a Quixabeira: samba, cultura afro-descente e desenvolvimento sustentável na Matinha;
- CCPB - Centro de Cultura Popular da Bahia Manoel Lisboa – Projeto Periferia Viva: Arte, Cultura e Cidadania;
- Centro Comunitário Nossa Senhora de Aparecida do Conjunto Viveiros – Projeto Musical Dó Ré Mi;
- Instituto Odu Odara – Projeto Zambé Cultura e Educação.

Realça-se que a implantação e manutenção dos pontos de cultura no município aparece como prioridade no Plano Municipal de Cultura, inclusive com o indicativo de implantação de novos pontos via conveniamento com a administração municipal.

Finalizando a temática dos espaços culturais, é importante trazer as considerações e opiniões surgidas nos grupos de discussão¹¹ e também nos questionários preenchidos online. Estas contribuições são muito importantes, pois trazem para a reflexão a prática daqueles que lidam todos os dias com a produção cultural e que podem apontar as necessidades de avanços e melhorias.

¹¹ Foi realizado um grupo de discussão exclusivo para os representantes dos espaços culturais e políticas públicas no município. Esse grupo aconteceu no dia 04/06/2016 e contou com a participação de 11 pessoas, entre os 19 convidados para estarem ali presentes.

Nesse sentido, a primeira opinião corrente é que, apesar de haver muitos espaços culturais, não há espaços apropriados para eventos de maior porte. Os entrevistados afirmaram que todos os espaços são restritos, pequenos em sua capacidade. Além disso, foi mencionado que faltam estruturas e equipamentos básicos – por exemplo, pé-direito alto, fosso, palco giratório, proscênio, linóleo, acústica adequada, refletores adequados, gelatinas, lâmpadas, equipamentos de iluminação em geral - faltam investimentos para dinamizar os espaços, faltam certificações, como o AVCB, como antes mencionado.

Há locais com boa estrutura, mas ainda assim os entrevistados consideram que são subutilizados: pouca programação, pouca atividade, pouco público, em muitas das vezes. Um exemplo citado literalmente foi o Teatro Margarida Ribeiro, que, segundo se apurou, está aberto para as demandas de artistas e pautas, realizando muitas atividades. É um teatro que “está funcionando ativamente e sendo utilizado por vários grupos e artistas, em várias áreas, ações variadas”. Entretanto, a “ocupação do teatro é muito pequena, infelizmente. O pessoal não vai”.

Para todos os projetos e espaços citados, um dos principais problemas mencionados diz respeito à pequena ou mal direcionada divulgação, além da própria falta de hábito da população em frequentar atividades culturais.

Em relação ao Centro Cultural Amélio Amorim um participante mencionou que o espaço ficou excelente depois da reforma, mas além de não se ter o equipamento necessário à disposição há ainda uma questão de datas, pois os eventos do Estado tem prioridade e já houve casos de cancelamento de eventos culturais pré-agendados por este motivo.

Um problema mencionado por gestores de espaços públicos – municipais e principalmente estaduais e ligados à UEFS, é a dificuldade em captar recursos e o engessamento das decisões pelas questões legais, jurídicas e burocráticas. Assim, a falta de autonomia na gestão dos espaços é impeditivo para quaisquer atividades ou ações necessárias para a manutenção e funcionamento dos mesmos. Realça-se que, ao contrário do verificado em muitos espaços culturais brasileiros, em Feira de Santana não há a prática de se trabalhar com as associações de amigos¹², que permitiriam maior flexibilidade e agilidade nos processos de captação e gestão de projetos e recursos.

¹² Já houve uma entidade do tipo, ligada à UEFS / CUCA, mas problemas internos levaram à sua extinção.

Outra questão importante apurada na pesquisa diz respeito à própria estrutura urbana, que não oferece transporte para chegar aos teatros e atividades culturais, notadamente à noite, o que limita o público apenas às pessoas que têm carro próprio. Também não há equipamentos descentralizados, mais próximos das comunidades periféricas.

Por fim, foi mencionado que muitos dos espaços culturais não funcionam aos finais de semana, ou que só abrem as portas em “horário de funcionário público”, apenas das 09h às 12h / 14h às 17h, o que acaba por inviabilizar a realização de ações culturais diversificadas, e, mais ainda, a participação do público.

Para além da necessidade de implantação de novos espaços, a fala de um dos entrevistados é emblemática: “faltam sim alguns equipamentos, mas se os já instalados fossem devidamente utilizados, já resolveria uma parte dos problemas”.

Outras opiniões e falas relativas a este tema – e a outros do diagnóstico – podem ser lidas na íntegra nos anexos a este volume.

2.4.A diversidade cultural local e suas manifestações

“Já tive vontade de ir embora de Feira, mas feira tem um feitiço que te pega, te segura” (entrevistado, Feira de Santana, 2016).

A primeira constatação advinda do Diagnóstico é que o município de Feira de Santana apresenta uma grande diversidade de manifestações culturais, como se tentará apresentar brevemente a seguir, sejam aquelas de origem popular e tradicional, sejam as ligadas às novas mídias e culturas urbanas.

A presente seção trata de fazer um pequeno extrato de tal diversidade, entendendo que não é possível abarcar todas as manifestações ocorrentes no território, em especial considerando a falta de um cadastro e mapeamento de artistas, grupos e manifestações culturais de Feira de Santana. De toda maneira, é importante lembrar que o Plano Municipal de Cultura fez um importante diagnóstico sobre as diversas manifestações ocorrentes no território feirense e que deve ser tomado como fonte de consulta por aqueles que se interessarem em se aprofundar na temática.

Serão apresentadas a seguir algumas informações sobre a cultura local, divididas nas subseções patrimônio material e imaterial; festas eventos e festivais; artistas, grupos e manifestações culturais.

2.4.1. Patrimônio material e imaterial

“Precisamos preservar o patrimônio material e imaterial. Nossa arquitetura quase acabou. Está tudo virando estacionamento. Existem vídeos mostrando a demolição de casarões em Feira. As pessoas vão passando como se fosse uma coisa normal. A casa sendo destruída a marretadas... Em Cachoeira temos uma realidade de preservação. A gente tem um diferencial: uma magia que tem na cidade, que é a identidade. Sinto que em Feira isso não acontece” (entrevistado, Feira de Santana, 2016).

Durante as discussões em grupos e as entrevistas qualitativas, muito se falou a respeito do patrimônio cultural do município de Feira de Santana, ora para valorizar a riqueza e a diversidade deste patrimônio, ora para lamentar sua perda. O texto do Plano Municipal de Cultura confirma que o município apresenta relevante riqueza e diversidade em termos de seu patrimônio material e imaterial, mas, ao mesmo tempo, mostra fragilidade nas ações de proteção e promoção de tal patrimônio.

Feira de Santana é uma cidade rica no que se refere a quantidade e diversidade de seu patrimônio, seja ele material, imaterial ou natural. Encontramos, no município, diversos edifícios históricos, bem como um Mercado de Arte, espaço que se destina a manifestações da cultura popular. Há, ainda, no município, órgãos governamentais e leis municipais para apoio as culturas populares, manifestações do Patrimônio Imaterial, como a Lei municipal do Dia da Capoeira, mas as leis existentes, bem como as políticas, para a preservação do patrimônio (material, imaterial e natural), são insuficientes. É preciso reconhecer, entretanto, que há certa insuficiência de edifícios históricos, devido a falta de lei de proteção ao patrimônio. (...) No que tange a cultura afro (terreiros, comunidades quilombolas, comunidade de sambadores, etc.), Feira de Santana conta com espaços de atuação e manifestação para modalidades diversas da cultura afro. Também agentes e grupos de cultura popular se fazem presentes no cenário cultural da cidade, a exemplo dos capoeiristas, cordelistas, repentistas, sambadores, sanfoneiros, entre outros. No caso específico da capoeira, identificamos, dentre outras ações, rodas de conversa e seminários o que pode levar potencialmente a divulgação e fortalecimento de atividades representativas deste setor. Na área da pesquisa, encontramos pesquisadores e publicações acerca da cultura popular feirense. Todavia os resultados e publicações são desconhecidos por grande parte da comunidade feirense, não havendo incentivo editorial por parte do poder público local. O currículo escolar municipal carece de uma abordagem que abranja programas locais. Os grupos de cultura popular, enfrentam um distanciamento quanto a gestão do espaço planejado, que se dá sem participação popular, e portanto, com pouca

representatividade. E no espaço existente encontra-se uma concepção mercadológica de fomento das ações da cultura popular, que não parece ser o melhor tratamento a ser dado ao tema, havendo assim certa descaracterização do patrimônio local. Constatase, ainda, que não há formação na área e existe pouca conscientização dos feirenses, provocando o desconhecimento da história e da memória local. (p.29)

Tal situação se estende para a relação com o patrimônio natural do município:

No que se refere aos recursos naturais, a região conta com lagoas, rios e olhos d'água. Embora existam grupos organizados da sociedade civil a favor da manutenção ambiental, verifica-se uma falta de consciência ambiental dos feirenses para com a conservação dos patrimônios naturais da cidade e seus arredores (que já sofreram devastação) e já se vê desequilíbrio ambiental, provocando instabilidade na saúde da população. (p.30)

Ao que se apurou, é pequeno o número de bens tombados em Feira de Santana, tendo grande parte de seu patrimônio já sido descaracterizado ou simplesmente destruído. Muitos bens sequer foram inventariados ou registrados, nem na esfera municipal e nem nas esferas estadual e federal.

Quanto às comunidades quilombolas, há aquelas que já estão registradas, a exemplo da Matinha dos Pretos e Lagoa Grande e outras que estão em fase de reconhecimento. Há que se destacar, de um lado, a existência de pesquisadores voltados ao estudo dessas comunidades e por outro lado, a necessidade de fazer-se o levantamento, mapeamento e divulgação dos quilombos existentes. Em se tratando da cultura afro em si, percebe-se enfraquecimento dos ensinamentos e de suas tradições, além da resistência de algumas comunidades religiosas para com eles. (p.30)

Algumas ações têm sido realizadas, mas ao que tudo indica de maneira incipiente. Entre elas cita-se o tombamento recente, em 2013, pela Lei nº 3.355, de alguns edifícios através do IPAC – Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia. Nesta data foram tombados sete edifícios, ao passo que outros nove tiveram tombamento provisório, aguardando aprovação e ratificação.

O Quadro 5 traz os bens tombados no município, segundo informações do IPAC, todos em esfera estadual. Não constam bens tombados pelo IPHAN / esfera federal.

Quadro 5 – Patrimônio tombado em Feira de Santana

Denominação do Bem Cultural	Livro de Inscrição	Âmbito de Proteção
Capela de Nossa Senhora dos Remédios	Livro do Tombamento dos Bens Imóveis	Estado
Catedral de Santana	Livro do Tombamento dos Bens Imóveis	Estado
Coreto da Praça Bernardino Bahia	Livro do Tombamento dos Bens Imóveis	Estado
Coreto da Praça da Matriz	Livro do Tombamento dos Bens Imóveis	Estado
Coreto da Praça Fróes da Motta	Livro do Tombamento dos Bens Imóveis	Estado
Filarmônica 25 de Março	Livro do Tombamento dos Bens Imóveis	Estado
Igreja Senhor dos Passos	Livro do Tombamento dos Bens Imóveis	Estado
Matriz de São José de Itapororocas	Livro do Tombamento dos Bens Imóveis	Estado
Paço Municipal (Feira de Santana)	Livro do Tombamento dos Bens Imóveis	Estado
Painel do Artista Lênio Braga (Terminal Rodoviário)	Livro do Tombamento dos Bens Imóveis	Estado
Prédio da Escola Maria Quitéria	Livro do Tombamento dos Bens Imóveis	Estado
Prédio da Santa Casa da Misericórdia (Feira de Santana)	Livro do Tombamento dos Bens Imóveis	Estado
Prédio da Vila Froés da Motta	Livro do Tombamento dos Bens Imóveis	Estado
Prédio do Arquivo Público Municipal	Livro do Tombamento dos Bens Imóveis	Estado
Prédio do Grupo Escolar J.J. Seabra (Antiga Escola Normal Rural)	Livro do Tombamento dos Bens Imóveis	Estado
Prédio Mercado Municipal (Feira de Santana)	Livro do Tombamento dos Bens Imóveis	Estado

FONTE: IPAC / SIPAC – Sistema de informações do patrimônio cultural da Bahia.

O município também tem manifestações que são tombadas em esfera estadual e federal, mas não têm território específico de ocorrência, ou melhor, são disseminadas por vários territórios. Entre elas pode-se citar o Ofício do Vaqueiro, tombado pelo estado e inscrito no Livro do Registro Especial dos Saberes e Modos de Fazer; a Capoeira, tombada pelo estado e inscrita no Livro do Registro Especial das Expressões Lúdicas e Artísticas; o Ofício dos mestres de capoeira, tombamento federal inscrito no Livro de Registro dos Saberes e a Roda de Capoeira, também tombada pela União e inscrita no Livro de Registro das Formas de Expressão.

Entre as várias ações propostas no PMC na área de patrimônio e memória realçam:

- Encaminhar projeto de Lei de preservação e tombamento do patrimônio cultural do município;

- Firmar convênio com IPHAN e com IPAC para realização de tombamentos federais e estaduais em patrimônios materiais e naturais no município;
- Firmar convênio com instituições governamentais relacionados à preservação patrimonial;
- Levantamento sistematizado e catalogação dos patrimônios materiais e naturais existentes na cidade;
- Realização de oficinas e seminários acerca da conscientização ao patrimônio;
- Estimular a conscientização patrimonial dos cidadãos feirenses;
- Destinar apoio financeiro para ações relacionadas a publicações, registros, exposições fotográficas e/ou, videográficas acerca da memória e patrimônio material/imaterial de Feira de Santana;
- Promover oficinas anuais de conscientização ao Patrimônio em parceria com escolas e espaços culturais.

Enquanto as ações propostas no Plano não se efetivam, entrevistados apontam que o município tem visto grandes perdas em seu patrimônio cultural – imaterial e material / arquitetônico e em sua memória. Não apenas muitos prédios foram derrubados nos últimos cinco anos, mas também o patrimônio imaterial tem sido perdido e desvalorizado.

Entre as manifestações perdidas ou em processo de descaracterização foi citada a Quixabinha dos Pretos - patrimônio do samba da zona rural não valorizado e reconhecido. Também se mencionou a existência de várias comunidades tradicionais e quilombolas, algumas reconhecidas e mapeadas, outras não.

Por fim, vale destacar a própria Festa da Padroeira, que teve seu início no século XIX e que, segundo entrevistados, foi descaracterizada por um dos padres que passou pela cidade no início da década de 1980, retirando a “parte profana da festa”, chamada pelo Bando Anunciador. Nas palavras de um dos entrevistados: “a Festa de Santana acabou, era a mais tradicional da cidade. Tinha tiroteio, morte, discurso político, show e bebedeira. Já tem mais de 20 anos que acabou.” Hoje está sendo tentado um resgate do bando pelos movimentos culturais locais, mas ainda falta resgatar outros dois momentos da festa, a Levagem da lenha e a lavagem da igreja, em paralelo às manifestações

culturais, capoeira e rodas de samba, além de barraquinhas que originalmente acompanhavam as comemorações¹³.

2.4.2. Festas, eventos e festivais

“Precisamos fazer projetos de formação de plateia, para prestigiar os produtos culturais que a cidade tem e que são cada vez mais fortes. Mas não podemos ser bairristas. Nós precisamos receber artistas de fora, mas a quantidade deve ser invertida em relação ao que é hoje. A maioria precisa ser daqui. Conheço projetos lindos lá fora que eu adoraria trazer para estimular o mercado daqui. Intercâmbio é importante” (entrevistado, Feira de Santana, 2016).

Nos dias atuais, de acordo com os dados coletados, Feira de Santana é conhecida tanto por suas festas típicas tradicionais quanto por seus eventos de grande porte, que atraem visitantes de toda a região e do Estado da Bahia.

Segundo documento do Plano Municipal de Cultura (2014),

das festas populares tradicionais, como a micareta e os festejos juninos, às ações da Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer como o Natal Encantado e a promoção de alguns festivais para as linguagens do teatro, música e cultura popular, além das que são desenvolvidas em parcerias com outras secretarias, como a Orquestra Infanto-Juvenil e de grupos civis, como companhias de teatro, coletivos, associações e ONGs de caráter cultural e grupos musicais, o município ostenta uma vida cultural pujante e em permanente expansão. Esta, não obstante, carece de estratégias que garantam tanto a continuidade deste desenvolvimento como a sua diversidade, além de oportunizar novas iniciativas e projetos. (p.15)

Entre as diversas festas foram citadas como principais: a festa da padroeira, Senhora Santana (julho), com bumba meu boi e outros folguedos populares; as festas juninas (junho), especialmente São João em São José e São Pedro em Humildes; a Micareta, carnaval fora de época (entre os meses de abril e maio); o Festival de Violeiros (setembro); e a Corrida de Jegues (novembro). Outros dois eventos considerados de grande visibilidade são a Expofeira - Exposição Agropecuária de Feira de Santana (setembro) e o Natal Encantado (dezembro).

Sobre este último, vale destacar que vem promovendo atividades gratuitas para a população em seis espaços diferentes, com shows musicais e concertos, desfile de

¹³ Sobre este tema, ver texto de Josivaldo Pires de Oliveira, o Mestre Bel, Batuque não é Pecado, no link <https://www.facebook.com/malungocasadecultura.com.br/posts/1710515785868857:0>

reisados, espetáculo de grupos populares do município, dança, teatro e corais. Nas palavras de um dos entrevistados: “o Natal Encantado foi um grande presente que a Prefeitura deu à cidade. A cidade aproveitou e muito. Foram convidados grupos populares, o Reisado, orquestra, shows, fanfarras, corais, grupos de teatro. Todo mundo foi para a rua. Com o Natal Encantado, a Prefeitura gerou um mercado interessante. Ele não foi criado como política, mas gerou impacto. Os grupos passaram a se preparar para isso ao longo do ano. Além disso, na minha concepção, o Natal Encantado foi o evento que a cidade abraçou mais rápido e de maneira mais carinhosa. Tanto que ele logo entrou para a grade oficial do município”.

Da mesma forma que apontado na seção anterior sobre a Festa de Santana, os entrevistados consideram que é necessário repensar outros grandes eventos no município, notadamente a micareta. Segundo se apurou, esta manifestação em Feira de Santana foi uma das primeiras que surgiram no Brasil, no final da década de 1930.

Marcada inicialmente pela manifestação do Afoxé foi sendo descaracterizada e capitalizada pelos grandes investidores, blocos e trios de cordões, com camarotes caros que excluem não só a população como também os artistas locais e suas manifestações tradicionais. Um dos entrevistados realça que as manifestações como samba de roda, samba-reaggae e afoxé hoje são relegadas a “um canto, um espaço para ‘atividades peculiares’. Essa não é a mais a nossa festa, é a festa dos empresários”.

Além das festas de maior vulto, hoje com caráter mais comercial, como acima mencionado, a cidade é marcada por um grande número de outras manifestações de origem popular e também religiosa. Nesse escopo citam-se:

- Festivais: Festival de Sanfoneiros (junho); Festival Vozes da Terra; Festival Samba de Roda, Samba de Todos;
- Manifestações religiosas: Festa de Santo Antônio, com romaria (junho); Festa de Santana, padroeira da cidade (26 de julho); Bando Anunciador da Festa de Santana (em processo de resgate, como antes mencionado); Semana Santa, com Procissão do Fogaréu e procissão do Senhor Morto, na Sexta-Feira da Paixão;
- Manifestações populares: Caminhada do Folclore (agosto), com presença do bumba meu boi, samba de roda, maculelê, reisado, capoeira e outras manifestações da cultura popular regional; Caminhada pela Paz; Festa do

Vaqueiro, no distrito de Jaguará; Festa de Reis (janeiro, Dia de Reis), com a apresentação do Reisado de São Vicente, no distrito de Tiquarucu.

Em relação ao Reisado de São Vicente, vale destacar que também já se tornou uma festa tradicional do município. Segundo se apurou na pesquisa do diagnóstico, o grupo do Reisado São Vicente foi fundado com o objetivo de resgatar a tradição da Folia de Reis em Feira de Santana, que tinha mais de 200 anos, mas estava em declínio e descaracterizada culturalmente. O grupo recebeu apoio do poder público e começou a ter visibilidade na imprensa e a ocupar o palco principal da festa. Os integrantes fardados são 30, além das crianças. Entre outros, o grupo recebeu prêmio do Ministério da Cultura em 2008 e viabilizou a gravação de um CD para divulgar o trabalho. Fizeram também recentemente um DVD através de um prêmio da Fundação Palmares, contando toda a história do grupo e do reisado.

Nos dias de hoje, os integrantes do grupo avaliam que a festa foi descaracterizada. De acordo com um dos entrevistados, “virou mais uma festa de largo do que propriamente um reisado”. Com grande atração de público, a festa acabou se tornando outro evento de massa, “trazem atrações de fora, grandes cantores – Ivete Sangalo, Pablo da Rocha, etc.”. Alguns entrevistados avaliam que, como tem ocorrido com várias outras manifestações da cultura em Feira de Santana, o poder público acabou por transformar uma festa popular em uma festa midiática. Para seu fundador, é hora de acabar o grupo e devolver a casa que foi cedida pela Prefeitura: “é um patrimônio no distrito de Tiquarucu e deveria ser tombado, está é caindo”.

Nos outros distritos também há grande número de festas, eventos, manifestações populares tradicionais, porém sem visibilidade, reconhecimento ou apoio dos poderes públicos. Um exemplo citado foi a Festa de São José, em Matinha dos Pretos; o samba de roda, em vários distritos; e a manifestação tradicional da Batida do Feijão.

Nos últimos anos, novas manifestações foram se firmando no município e tornando-se referência da comunidade, nas diversas áreas e regiões da cidade. Nos grupos de discussão e nas entrevistas qualitativas foi citado que a cidade teve um grande auge cultural na década de 1970, seguida de um declínio e que agora parece estar novamente em efervescência. Nas palavras de um dos participantes: “As coisas estão acontecendo extraoficialmente. A gente está sentindo isso. A cultura está fervendo em

Feira de Santana. Os políticos não entenderam isso ainda, mas a coisa está crescendo muito”.

Um dos eventos citados que surgiram nos últimos anos foi a Feira do Livro - Festival Literário e Cultural de Feira de Santana, executada pela UEFES desde 2007. Já em sua 9ª. edição, a proposta é que seja um projeto coletivo, gerido através de uma comissão formada pela UEFES, Secretaria de Educação do Município, Secretaria de Educação do Estado, Arquidiocese e SESC. Outros parceiros se agregam a cada edição, inclusive a SECEL, que oferece parte da estrutura e atrações para que a Feira ocorra.

Atualmente o evento acontece na praça do Fórum e dura uma semana, com atividades durante os três turnos e público médio de 60 mil pessoas em cada edição. Entre as várias atrações são citadas: debates com autores; em média 60 lançamentos de livros; oficinas na Arena Jovem; oficina de criação literária, cujo produto é lançado no ano seguinte; apresentações das escolas do município; shows diversos; encontro de música instrumental; espaço para a culinária regional das associações de agricultura familiar; além da presença de editoras, livrarias e distribuidores espalhados em 60 estandes.

Um projeto exemplar que ocorre durante a Feira é a distribuição de vales-livros. São aportados R\$150 mil do Estado e R\$ 100 mil do município para vales de R\$25 para cada estudante e R\$50 para cada professor das escolas da rede municipal e estadual que previamente se cadastraram e foram selecionadas para participar naquele ano.

Ainda que não se enquadrem na categoria de eventos ou festas, relativos a esta seção, dois projetos merecem ser mencionados, em virtude de duas de suas características: primeiro o caráter formativo e segundo a integração com a política da educação, ambas fundamentais para qualquer ação e política cultural sólida e que de fato contribua para o desenvolvimento local.

O primeiro é o Programa Música Nas Escolas, realizado em parceria entre a Secretaria de Educação do Município e a FUNTITEC. São ofertadas aulas de diversos instrumentos musicais para os alunos de 20 escolas da Rede Pública Municipal. Além disso, foi investido R\$ 1 milhão na compra de instrumentos e criada a Orquestra Sinfônica Infanto-Juvenil, aberta a todas as escolas municipais. Também são mantidos corais em 30 escolas.

A outra ação que caminha em direção semelhante é o Projeto Acordes, que tem como finalidade incluir a educação musical no currículo dos estudantes, através de aulas de flauta doce e de violino. Este projeto é realizado pela Fundação ArcelorMittal e Belgo Bekaert Arames, com parceria da Secretaria de Educação do Município e Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer.

Um evento importante e que vem ganhando relevância no município é o Feira Noise, festival de artes integradas promovido pelo Feira Coletivo Cultural e já em sua 6ª edição¹⁴. Além de atrações artísticas e musicais, especialmente com artistas da cena independente estadual e nacional, oferece também debates, momentos formativos e oficinas diversas, tais como fotografia, marketing cultural, comunicação para músicos independentes, economia criativa, dança tribal, teatro, etc.

Para além deste grande encontro anual, o coletivo apresenta uma agenda anual com várias atividades, tais como o Veraneiro Fora do Eixo e o Grito Rock Fora do Eixo, no primeiro semestre do ano, além de diversas festas, shows e eventos no ano todo.

Outro acontecimento que vem se firmando no calendário e no imaginário da cidade é O Beco é Nosso. Iniciado em julho de 2015, o movimento acontece no local conhecido como Beco da Energia, local de prostituição no município e totalmente marginalizado e discriminado pela população. Onde existem cinco casas de prostituição, os artistas se reuniram e começaram a transformar o espaço, com intervenções de grafite. Posteriormente foram realizando shows, exposições, workshops e várias atividades culturais, sempre aos domingos.

Realizado a muitas mãos, o Projeto envolve o Coletivo Beco, o Coletivo Feira e vários artistas da cidade. Nas palavras de um dos entrevistados: “é um espaço cultural aberto a qualquer projeto que chegue, é uma proposta autogestiva”. Outro afirma que “o Beco funcionou porque conseguimos juntar artistas de vertentes diferentes, públicos diferentes. Juntamos rock com forró, oficinas de turbantes, de máscaras, de bonecas, grafite, violão e artistas que já têm nome na cidade. Tudo isso dentro da zona de prostituição. Gente de todas as tribos”.

Além das atividades culturais, são realizadas outros tipos de ações, como de limpeza do espaço, atividades de saúde com as mulheres do beco, enfim, melhorias na

¹⁴ Ver <http://www.feiranoisefestival.com.br/>.

questão social. O Projeto tem sido convidado a realizar intervenções em outras cidades, com financiamento dos governos federal e estadual.

Como antes mencionado, não é possível aqui relatar todos os acontecimentos culturais da cidade, visto serem muitos e diversificados. O município conta com um guia *online*, do site Viva Feira, onde são postados muitos eventos todas as semanas e que pode ser consultado no link <http://www.vivafeira.com.br/#>. Há também a intenção de se publicar um guia cultural impresso, mas faltam recursos e patrocínio para sua viabilização.

2.4.3. Os diversos setores da cultura

“Quando iniciamos o processo de retomada do Conselho de Cultura um dos maiores problemas é que as pessoas defendiam a dança, a música, a literatura... Cada um defendia o seu. Quando se falou em cultura LGBT, muita gente disse não, não existe cultura LGBT. Cultura negra ficou de fora do Conselho, na época. A dança ficou de fora, a memória e o patrimônio também. No último fórum a classe se uniu e na plenária exigiu a criação dessas cadeiras. Como pensar um Conselho Municipal de Cultura sem memória e patrimônio, sem um representante de matriz africana ou sem alguém da dança?” (entrevistado, Feira de Santana, 2016).

Do ponto de vista das áreas culturais, as entrevistas e grupos de discussão realçaram principalmente seis que têm se destacado em Feira de Santana: a música, o teatro, as manifestações da cultura popular, a literatura, o artesanato e as chamadas culturas urbanas. Isso não significa que as demais artes não tenham relevância no município.

O Plano Municipal de Cultura divide a ação cultural no município, para fins de elaboração dos diagnósticos setoriais, nas seguintes categorias:

- Artes Cênicas e Música;
- Patrimônio Material, Imaterial e Natural;
- Livro e Imprensa;
- Artes Visuais e Artesanais;
- Design e Serviços Criativos;
- Audiovisual e Mídias Interativas;

- Educação e Qualificação Cultural;
- Gestão Cultural;
- Memória e Preservação;
- Espaços Culturais.

Como antes mencionado, não serão aqui repetidas todas as informações já constantes do Plano, mas se fará referências a elas nos casos pertinentes. Também do ponto de vista das áreas culturais não se pretende fazer uma análise setorial, mas antes dar um rápido panorama do cenário em Feira de Santana, para entendimento da realidade cultural local e para fins de subsídios às propostas de ação que virão no próximo capítulo.

De acordo com o Plano (2014),

É notória a existência e a produtividade da música e das artes cênicas - que compreendem o teatro, dança e o circo – no município de Feira de Santana. Isto se deve em decorrência de diversos fatores. No campo da formação, destaca-se, na área de música, curso superior e seminário continuado ambos dentro de uma universidade pública e, no caso da dança, a existência de escolas privadas e de instituições públicas com cursos para iniciantes. Há também festivais que contemplam todas as linguagens, elaborados seja pela sociedade civil, seja pelo governo municipal e espaços culturais que possibilitam as apresentações dos produtos artísticos da cidade e também dos visitantes. Na área do circo, especificamente, a cidade conta com ponto de cultura e a presença de circos locais. (p.28)

De fato, os entrevistados apontaram uma série de manifestações importantes e tradicionais nessas duas áreas. Na área da música foi relatado que o município tem grande tradição, especialmente no reggae e no afoxé, com especificidades e particularidades que o distinguem de outras regiões do estado e do país. Aqui, segundo estudiosos do tema, as músicas nascem nos terreiros, daí vão para o afoxé e daí para o reggae, percurso que não é comum em outros locais.

Também há significativa relevância da chamada música regional, da música de viola, influenciada pelo aboio, muito presente no sertão da Bahia. O município conta também com repentistas, cantadores de embolada e tem um importante festival, o Festival de Violeiros que reúne pessoas de todo o norte e nordeste.

Um artista citado nesta área é Asa Filho: já mencionado por sua atuação na Cidade da Cultura e junto ao Reisado de São Vicente, também é referência importante na música regional em Feira de Santana.

Para além dos estilos regionais, outros ramos e grupos musicais têm crescido e se destacado em Feira de Santana, no soul, no blues, no rock, etc. Infelizmente, mencionou-se que aqueles que se destacam acabam por deixar a cidade em busca de melhores oportunidades e chances de sobrevivência.

Uma ação que vem ocorrendo no sentido de valorizar a música na cidade é o projeto Música no Museu, sob responsabilidade do grupo Cúpula Som e com financiamento do Governo Estadual. Dedicado exclusivamente à música autoral, já realizou seis edições, com 18 artistas, atraindo público variado, de vários estilos e perfis diferentes.

Em relação às artes cênicas, ainda há pouco apoio e visibilidade para a dança. Quanto ao teatro, uma ação mencionada pelos entrevistados foi o Projeto Quarta em Feira, de teatro adulto, capitaneado pelos grupos Conta em Cena e Cordel em Cena e que tem conseguido boa repercussão através da montagem de espetáculos a partir de contos e crônicas sobre a região.

Houve destaque ainda para a Cia. Cuca de Teatro, com 18 anos de existência e 12 anos com projeto contínuo de formação de público. Responsável pelo projeto Domingo tem teatro, atualmente realizado no Teatro do CUCA / UEFS, é um dos poucos grupos em Feira de Santana que fazem uso das leis de incentivo regularmente, em especial o FAZCULTURA. Há oito anos o grupo também desenvolve o FENATIF – Festival Nacional de Teatro de Feira de Santana.

No que é relativo às artes plásticas e visuais, o Plano aponta:

No campo das Artes Visuais, a fotografia comparece nas exposições elaboradas pelo Clube de Fotografia Gerson Bullos e demais fotógrafos individuais, as Artes Visuais levam nomes de artistas plásticos consagrados, como o finado Carlo Barbosa e o ainda vivo Juraci Dórea, o qual se tornou conhecido internacionalmente através do projeto de sua autoria denominado Projeto Terra; demais artistas visuais como Maristela Ribeiro, Jorge Galeano, Gilmário Menezes, Gabriel Ferreira, Vivaldo Lima, dentre outros repercutem a cidade em outros lugares (estado, país e exterior). Vale destacar ainda a presença de um coletivo formado por artistas, estudantes e pesquisadores na área de Arte Contemporânea, o Grupo Gema. A efervescência no campo das Artes Visuais na cidade é muito evidente devido a rotatividade de vernissages nos museus e galerias locais nas quais ao longo de todo ano recepcionam trabalhos de artistas residentes no município a partir de ilustração, pintura, cerâmica, escultura, etc. Na ilustração, vale destacar artistas como Hécio Rogério, Marcos Franco, Sidharta Gautama, Carolina Belmondo e a iniciativa denominada Antologia Rabiscos, coordenada pelo escritor e ilustrador Marcio Junqueira. Ainda há intervenções urbanas oriundas do grafite, proporcionado pelo Coletivo H2F e

demais grafiteiros como Don Guto, dentre outros. Em 2014, Feira de Santana obteve o Encontro Nacional de Grafite, proporcionado pelo H2F, gerando mostras, debates e pinturas coletivas em áreas comunitárias e Workshops. (p.32)

De maneira complementar, o Plano ainda traz uma análise do setor audiovisual:

O segmento do Audiovisual em Feira de Santana tem se notabilizado nos últimos anos, especialmente, pelo dinamismo em relação as produções, desde documentários a vídeo clipes, sem falar em outros trabalhos, cuja qualidade técnica e o conteúdo, na maior parte dos casos, podem ser destacados como dentro das mínimas exigências de qualidade. No entanto, é perceptível também a necessidade de ações voltadas para a capacitação, instrumentalização e incentivo aos realizadores. Muitas produções saem do papel graças a disposição e empenho dos profissionais envolvidos, mas poderiam possuir uma qualidade ainda maior caso houvesse um cenário mais favorável ao desenvolvimento deste importante setor. (...) Podemos destacar a existência de coletivos como o Vozes, sediado no Conjunto Feira VII ou até mesmo os projetos Inovacine e Imagens, ambos da Uefs, como potencializadores, a partir da exibição de filmes, promoção de atividades e realização de debates. O Inovacine, a propósito, não está mais ativado. (p.34-35)

No que é relativo à área da literatura, é realçada no Plano como de grande dinamismo local, além de variada e diversa. Assim:

Feira de Santana conta com uma série de instituições, profissionais, intelectuais e artistas que representam um fecundo cenário na área da leitura e da imprensa. Aqui existem bibliotecas públicas e comunitárias, pontos de leitura, pesquisadores, estudiosos, escritores, coletivos e academias literárias, revistas, jornais, livrarias e editoras independentes, além de importantes eventos relacionados ao fomento do livro e da leitura. Poetas consagrados como o finado Eurico Alves e movimentos literários que foram destaque no cenário baiano como o Grupo Hera, cujos conteúdos elaborados adquiriram em 2012 uma edição Fac-similar pela Fundação Pedro Calmon (Secult-Ba) representam a riqueza desse segmento na cidade. É possível verificar, além disso, a existência de editoras locais (embora a maioria seja desinstitucionalizada), tanto privadas, quanto independentes. (p.31)

De acordo com as entrevistas, há um número significativo de autores em Feira de Santana, nas áreas de poesia, prosa, romances, literatura de cordel, pesquisa histórica e cultural, entre outras. Segundo se apurou, é grande o acervo de publicações de autores feirenses ou versando sobre a cidade. Um nome citado, entre tantos, foi o de Lélia Pinto, documentarista que tem mais de 20 livros sobre a cidade, “uma fonte de pesquisa realmente fantástica”.

Feira conta com a Academia Feirense de Letras e com a Academia de Letras e Artes, cada qual com 40 literatos. Além destes, ainda publicam na cidade os 40 membros do Instituto Histórico e Geográfico; os membros da Academia de medicina; da Academia Regional de Letras Jurídicas e da Academia de Educação.

Emanoel Freitas, membro da Academia Feirense de Letras e fundador do site Viva Feira estava, à época da pesquisa de campo, montando o Espaço Literário e Cultural de Feira de Santana, que pretende ser uma livraria só com produção local e regional. Segundo ele, já haviam sido encontrados mais de 1.000 títulos, incluindo livros, CDs, DVDs, jornais e revistas.

Vale destacar ainda a existência do Coletivo de literatura Diabo a quatro, que trabalha com a poesia marginal.

Por fim, uma perda para o município foi a suspensão há dois anos das atividades da Editora do Museu de Arte Contemporânea, problema este que ainda não teve uma solução por parte da Prefeitura. Segundo entrevistados, as Edições MAC permitiram a muitos jovens escritores lançarem seus primeiros livros, fortalecendo a produção cultural no município.

Em relação às culturas populares já foram mencionadas e discutidas nas seções anteriores, tanto de patrimônio imaterial quanto de eventos e celebrações. Entretanto, é preciso ainda acrescentar que alguns entrevistados apontaram a absoluta ausência de políticas públicas voltadas para o fortalecimento, fomento ou cadastramento dos grupos de cultura popular.

Por fim, no que é relativo ao artesanato, há divergências entre as informações obtidas. Alguns informantes dizem que há um grande número de artesãos na cidade, outros afirmam que não, que a maior parte do que é comercializado em Feira de Santana vem de outros locais. De acordo com o Plano (2014),

A capacidade produtiva relacionada ao segmento das Artes Visuais e do Artesanato é notória no território feirense, devido a existência de grupos (formalizados e não formalizados), de artesãos e de artistas. Na área do artesanato, por exemplo, podemos citar a Associação dos Artistas e dos Artesãos Feira Arte na Avenida e da Associação Comunitária União e Progresso, cujos produtos são evidenciados em feiras apresentadas pelos próprios grupos ou a partir de eventos desenvolvidos por outras instituições que os convidam. Importante compreender que além das associações citadas existem outras na cidade. Há ainda artesãos individuais como Marilene Brito que associa aos seus produtos (bonecas de pano) a sabedoria do povo da zona rural a perfis profissionais diversos representados nas vestimentas e apetrechos presentes nas bonecas. (p.32)

O principal polo do artesanato na cidade parece ser o Centro de Abastecimento, onde são encontrados trabalhos em cerâmica, couro, madeira e palha, esteiras, painéis de barro e outros produtos típicos nordestinos. Como antes mencionado, há um conflito

entre os artesãos e a Prefeitura, que quer retirá-los do local para fazer um *shopping* popular. O outro espaço é o Mercado de Artes, onde, como também já foi mencionado, a maioria dos permissionários é de comerciantes e prestadores de serviços, não apresentando produção artesanal.

Segundo se apurou, o pequeno valor dado à produção artesanal tem feito com que muitos deixem a atividade, ainda que a Prefeitura tenha feito alguns esforços no sentido de oferecer cursos de formação em técnicas artesanais.

Encontram-se também vários artesãos isolados, sem apoio ou uma organização que os congregue. Há pessoas trabalhando em tecido, bonecos, artigos de decoração, artesanato em couro, macramê, renda, crochê, tricô, bico e outras artes. Além de dispersos, tais artesãos não tem um local para expor ou comercializar seus produtos.

2.4.4. Sobre a situação dos artistas e grupos culturais no município

“A cidade não está toda respirando junto, conectada. Sonho com uma hora em que alguém vai fazer um manifesto, uma coisa meio tropicália. Tem muita gente fazendo muita coisa e muita coisa interessante. Os artistas aqui não se encontram para falar sobre arte. Discutimos política pública no conselho de cultura, mas não falamos sobre arte, isso é terrível. É impossível formar um movimento cultural forte se as artes não convivem, não trocam, não dividem experiências no cotidiano” (entrevistado, Feira de Santana, 2016).

Que a cultura em Feira de Santana apresenta grande diversidade e riqueza artística e cultural parece não haver dúvida, tanto a partir da análise dos dados obtidos quanto da opinião dos entrevistados e participantes dos grupos de discussão deste Diagnóstico.

Entretanto, ainda não se tem uma análise mais detalhada a respeito do perfil destes grupos, sua configuração, atuação, sustentabilidade, potenciais, dificuldades, etc. Isso porque o município ainda não conta com um mapeamento cultural, um banco de dados sobre os diversos agentes e movimentos culturais locais.

Ao se consultar o banco de dados do Ministério da Cultura¹⁵ também se vê que é muito pequeno o número de artistas e grupos que aderiram e já se cadastraram na plataforma, num percentual muito reduzido e que não pode ser considerado representativo da cultura local.

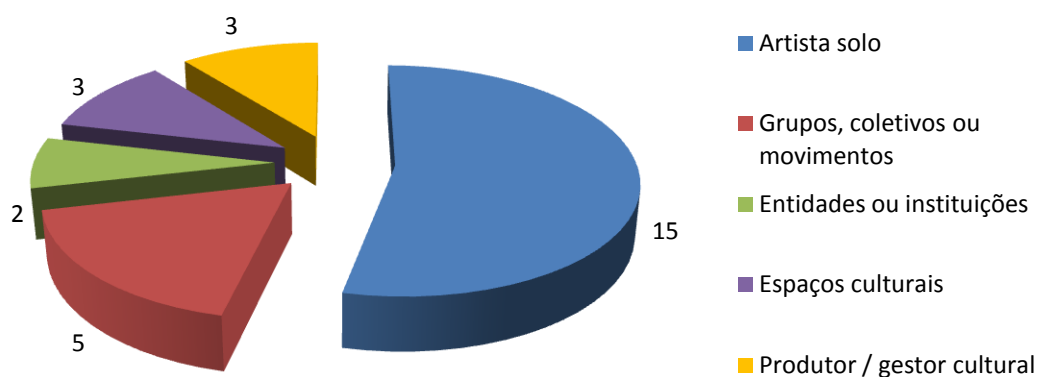
Nesse sentido, buscou-se levantar tais informações no processo de elaboração do Diagnóstico através do envio de um questionário para ser preenchido *online* por gestores, produtores, artistas e grupos culturais de Feira de Santana. Infelizmente este método não teve grande adesão, uma vez que apenas 28 pessoas se dispuseram a responder aos questionários. Será esta baixa adesão um indicativo das fragilidades de mobilização e de comunicação entre a classe artística local? Ou uma descrença no processo participativo de diagnóstico e construção de propostas, frente à demora em se aprovar e implementar de fato o Plano Municipal de Cultura?

Independente da baixa adesão, optou-se aqui por apresentar os resultados obtidos, ainda que com a ressalva de que não podem ser tomados como estatisticamente representativos do universo do movimento cultural de Feira de Santana, mas sim como um recorte, que nos dá indicativos da situação da cultura local e de possíveis caminhos de atuação.

No que diz respeito ao tipo de ente respondente do questionário, o Gráfico 10 aponta que a maior parte deles se considera artista-solo, ainda que muitos trabalhem com grandes equipes, como se verá a seguir. Em seguida vêm os que se organizam em grupos, coletivos ou movimentos culturais. Houve também cinco pessoas que se identificaram como representantes de entidades ou instituições culturais (dois) ou espaços culturais (três). Por fim, houve três respondentes que são produtores ou gestores culturais privados.

¹⁵ Disponível na plataforma <http://mapas.cultura.gov.br/>.

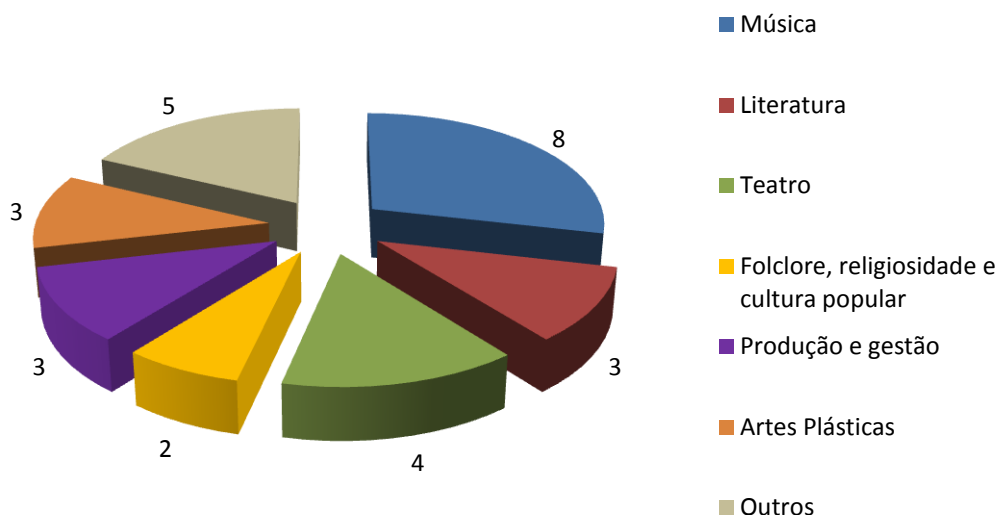
Gráfico 10 – Tipo de cadastro / respondente



FONTE: Pesquisa de campo, Galpão Cine Horto e Habitus Consultoria e Pesquisa, 2016.

Ao se avaliar a área de atuação dos respondentes (Gráfico 11), é possível perceber que se dividem em várias áreas culturais, de maneira quase equitativa. A única área que mostrou maior quantitativo foi a música, que, como já mencionado, é um setor de destaque no município.

Gráfico 11 – Área cultural de atuação principal



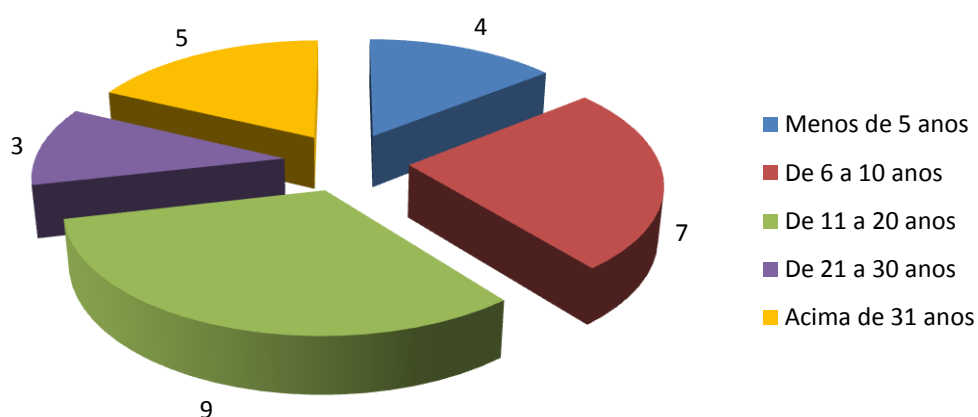
FONTE: Pesquisa de campo, Galpão Cine Horto e Habitus Consultoria e Pesquisa, 2016.

Foi pedido aos respondentes que descrevessem suas atividades artísticas, de maneira sucinta. As respostas obtidas estão transcritas no Anexo 2 do presente documento.

Além de distribuírem-se entre várias áreas culturais, os respondentes também estão sediados em várias regiões da cidade. Como pode ser visto no Anexo 5, relativo ao mailing dos artistas e grupos cadastrados, foram citados 19 bairros e localidades diferentes de Feira de Santana.

Buscou-se conhecer a quanto tempo os artistas se encontravam em atividade, ou há quanto tempo os grupos existiam. Como pode ser visto no Gráfico 12, a maior parte deles já tem muitos anos “de estrada” e muita experiência: 17 estão em atividade há mais de 11 anos e apenas quatro se constituíram há menos de 5 anos.

Gráfico 12 – Tempo de atividade

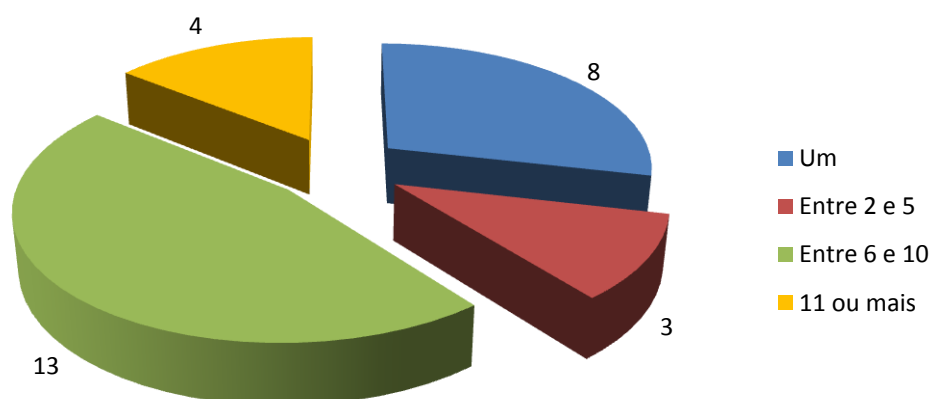


FONTE: Pesquisa de campo, Galpão Cine Horto e Habitus Consultoria e Pesquisa, 2016.

Ao se avaliar o número de pessoas envolvidas na atividade (Gráfico 13), como artistas ou produtoras, vê-se que apenas oito citaram uma única pessoa, ou seja, o próprio artista. Isto porque mesmo os artistas que se apresentam como solo contam com equipes, artistas e músicos contratados, produtores, etc., que foram computados por eles

ao responder tal questão. A maior parte dos cadastrados tem entre 6 e 10 membros, registrando-se ainda quatro casos que mencionaram mais de 11 membros¹⁶.

Gráfico 13 – Número de membros

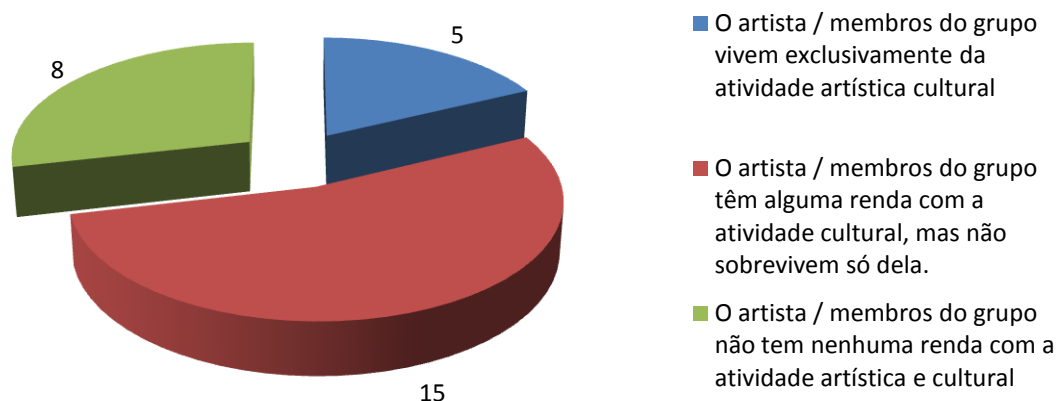


FONTE: Pesquisa de campo, Galpão Cine Horto e Habitus Consultoria e Pesquisa, 2016.

Buscou-se avaliar ainda se o artista (ou membros do grupo) vive de sua atividade artística / cultural ou se lança mão de outras fontes de renda para se sustentar. O Gráfico 14 mostra que pouco mais de 1/3 deles (oito) deles informaram não ter nenhum tipo de renda com a atividade artístico-cultural. Os demais se dividem entre os que têm alguma renda com a atividade (a maioria deles) e os que vivem exclusivamente da atividade artística. Vale destacar que estes últimos são cinco casos, todos na área da música, e todos com mais de 18 anos de existência, ou seja, com muita experiência e carreiras supostamente consolidadas.

¹⁶ Um deles, o Movimento #Queremos outra pista de Skate colocou o número de pessoas em sua página de facebook – 5.000 pessoas, não detalhando quantas fazem ou não parte da linha de frente do projeto.

Gráfico 14 – Sustentabilidade do artista ou grupo cultural



FONTE: Pesquisa de campo, Galpão Cine Horto e Habitus Consultoria e Pesquisa, 2016.

Pediu-se então a eles que detalhassem como o artista, grupo ou manifestação se sustenta, descrevendo as principais formas de captação de recursos. Conforme se viu, alguns recebem recursos da Prefeitura Municipal de Feira de Santana, notadamente espaços a ela vinculados. Alguns poucos conseguem acessar editais de fomento, leis de incentivo e captação de recursos via isenção fiscal, municipal, estadual ou federal.

Muitos vivem de recursos obtidos diretamente com a atividade artística (cachês, venda de arte e artesanato, por exemplo), mas a maioria informou que vive de rendas obtidas em atividades paralelas (aulas, oficinas, consultorias, etc.). Um deles informou que ganha mais dinheiro vendendo bebidas durante os eventos do que com a apresentação artística em si.

Foram mencionadas ainda como formas de sustentação dos artistas e grupos: bilheteria de apresentações; apresentações em bares; shows corporativos; concursos de poesia e dramaturgia, doações de terceiros e de comerciantes, venda de bebidas e lanches para cobrir os custos; taxas mensais pagas pelos participantes para manutenção da casa e dos equipamentos.

Nas palavras de um dos respondentes: “não há um sustento, no máximo a bilheteria dá pra custear as despesas e pagar um cachê para os artistas. Há que

economizar para sobrar uma parte dessa bilheteria para a manutenção do próprio espetáculo. Às vezes temos patrocinadores que nos ajudam com serviços: impressão, confecção e divulgação, também fazemos permuta de serviços, oferecendo apresentações e até animação na empresa em datas comemorativas. Também fazemos apresentações para escolas no espaço escolar, é dessa forma que conseguimos investir nos trabalhos próprios.”.

E ainda, segundo outra respondente: é “uma espécie de subsistência, com verbas de fontes próprias, oriundas de outros trabalhos, como os de revisora e de professora”. Enfim, o que se viu é que o mercado cultural de Feira de Santana, apesar do porte da cidade, não se constitui como uma fonte de renda constante para seus artistas, que acabam por se manter com outras atividades e ocupações fora da área artística, “deixando de dar foco à sua carreira como profissional da arte”.

Perguntou-se ainda quais eram as três principais dificuldades enfrentadas para o desenvolvimento de sua atividade artística/cultural. As respostas literais estão em anexo, mas algumas delas serão aqui realçadas.

Os respondentes ligados a espaços culturais ou instituições apontaram a necessidade de ter recursos próprios para a realização de atividades, exposições, enfim, formas diversas para captação de recursos externos. Além disso, mencionaram necessidades de ampliação de espaços físicos, de melhoria e complemento dos equipamentos de suporte, de divulgação das agendas / programação para maior atração de público e mesmo de qualificação de suas equipes técnicas e de gestão.

Alguns grupos mencionam a dificuldade de se conseguir apoio dos espaços culturais para manter atividades regulares, ações culturais de formação de plateia e formação artística com a comunidade, por exemplo, bem como espaços para ensaios e desenvolvimento das criações cênicas e espetáculos. Informam que não conseguem pautas com valores acessíveis ou em troca de contrapartidas sociais para escolas e poder público.

Outro ponto importante destacado, e que se relaciona às dificuldades de sustentabilidade e captação de recursos, é a inexistência de um Fundo Municipal de Cultura que lance editais específicos com destinação de verba direta ao empreendedor, sem necessidade de renúncia das empresas.

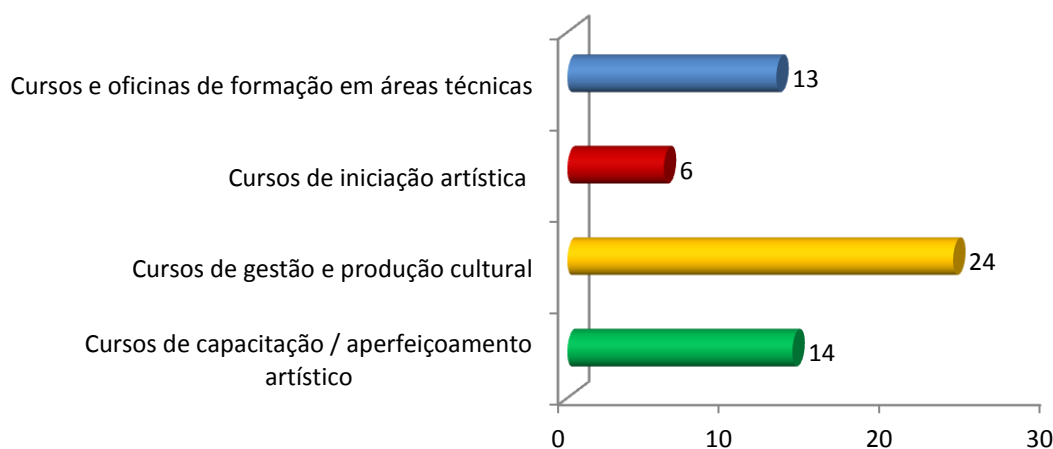
O pequeno apoio e envolvimento da iniciativa privada no fomento à cultura também foi destacado, considerando-se que são poucas as empresas locais que têm o hábito de patrocinar projetos culturais.

As dificuldades de intercâmbio e apresentação em outras cidades foram apontadas, muitas vezes relacionadas às dificuldades de se conseguir apoio da municipalidade para o custeio do transporte dos grupos. Foi informado que há no município uma lei que contempla o traslado dos artistas / circulação, mas que a burocracia e interpretação sobre a lei têm impedido que a mesma funcione como deveria.

Outros pontos destacados foram a carência de ações de formação e de profissionalização dos artistas e gestores culturais no município; a falta de articulação entre produtores locais e a falta de projetos executados de maneira profissional. Apesar de ser “um rico celeiro de artistas e manifestações culturais”, parece ser consenso que a cidade não valoriza e não apoia suas manifestações, “nem por parte dos órgãos públicos, nem das empresas, nem da mídia e nem do público”.

Por fim, perguntou-se aos artistas quais eram, em sua opinião, as principais necessidades do município no campo da formação na arte e na cultura. As respostas obtidas estão no Gráfico 15, realçando a demanda de praticamente a totalidade dos respondentes por formação na área da gestão e da produção cultural.

Gráfico 15 – Necessidades na área da formação e qualificação



FONTE: Pesquisa de campo, Galpão Cine Horto e Habitus Consultoria e Pesquisa, 2016.
BASE: Total de respondentes.

As entrevistas qualitativas e grupos de discussão já haviam apontado essa demanda, em várias áreas.

De um lado, foram citados casos de artistas, grupos ou coletivos que têm excelentes trabalhos ou produtos culturais, mas que não estão preparados para acessar os recursos existentes. Isso porque muitos não têm a documentação necessária, não são formalizados e não poderão participar de editais, se inscrever em leis de incentivo ou mesmo serem contratados em eventos e festivais.

O desafio da profissionalização do setor foi uma das questões apontadas pela equipe do SESC, com seu projeto Palco Giratório. Segundo eles, enfrentam grandes dificuldades para contratar os artistas de Feira de Santana, o que acaba fazendo com que tragam grupos de fora: Salvador, Alagoinhas e Paulo Afonso, por exemplo. Ao que tudo indica, haveria “resistência à profissionalização de seu trabalho. Tentamos realizar uma ação de formação junto ao SEBRAE e só um grupo foi à reunião. Os artistas precisam entender que isso é necessário. Esta questão precisa aparecer neste diagnóstico”.

Nesta área, da profissionalização dos grupos e da gestão cultural, foram mencionadas algumas demandas e sugestões:

- Necessário um advogado para orientar os artistas e grupos com a documentação;
- Falta capacitação de produtores e artistas para captar recursos;
- Precisamos aprender a elaborar projetos também;
- Comunicação de grupos e projetos sociais;
- Instrumentalização a produtores e artistas, ferramentas de administração;
- Apresentação dos trabalhos, como expor, como se apresentar, etc.;
- “Precisamos preparar os dirigentes dos blocos afro, do samba, da música, para que eles consigam lidar com esse tipo de coisa. Se eu vou participar de um edital, tenho que estar com tudo em cima”.

Também houve várias menções à necessidade de formação técnica, nas áreas de suporte à produção artística, tais como iluminação, sonorização, etc. Nas palavras de um dos entrevistados: “a parte técnica é terrível, não sabem usar um equipamento de teatro, toda a cadeia produtiva da cultura é uma dificuldade aqui. Não tem mão de obra

qualificada, temos que contratar a mão de obra toda, não podemos usar as equipes dos teatros”.

Quanto à formação artística, também foi considerada necessária, seja para aperfeiçoamento de artistas já em atividade, seja (em menor número) para a iniciação nas diversas modalidades.

Outras sugestões surgidas nos questionários foram:

- Necessidade de formação do público, bem como de uma agenda cultural. “Precisamos de ferramentas para essa formação de público, como despertar o interesse, a valorização e a necessidade da cultura?”;
- Curso de formação não apenas para os artistas, mas para os gestores dos espaços culturais;
- Oferta de nível superior em Música pela UFBA.

Foi ainda destacado que mesmo quando há oferta de cursos “a participação é tímida. Não preenchem as vagas”. Alguns consideram que o problema é de divulgação e comunicação, que as informações não estão sendo bem difundidas circulando. Outros apontam que seria falta de interesse ou descrença por parte dos movimentos culturais locais.

Finalizando, parece importante a conclusão de um dos participantes do Diagnóstico: “para mim, o grande mote é formação: de artistas, de plateia, da gestão cultural. Uma maneira de manter a economia criativa realmente funcionando.”

3. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES ESTRATÉGICAS

“A cidade não está toda respirando junto, conectada. Sonho com uma hora em que alguém vai fazer um manifesto, uma coisa meio tropicália. Tem muita gente fazendo muita coisa e muita coisa interessante. Os artistas aqui não se encontram para falar sobre arte. Discutimos política pública no conselho de cultura, mas não falamos sobre arte, isso é terrível. É impossível formar um movimento cultural forte se as artes não convivem, não trocam, não dividem experiências no cotidiano” (entrevistado, Feira de Santana, 2016).

A partir de todas as informações recolhidas ao longo dos trabalhos de elaboração do diagnóstico – dados secundários, entrevistas qualitativas, grupos de discussão e questionários preenchidos *online* – e de sua posterior análise, é possível elaborar algumas conclusões e pensar propostas de ação para a constante melhoria da cena cultural e artística em Feira de Santana.

O presente capítulo busca fazer uma síntese de tudo o que foi discutido nas últimas páginas, sem a pretensão, entretanto, de ser exaustivo ou definitivo em suas colocações. Ao contrário, entende-se que há várias visões sobre um mesmo tema, situação, lugar ou dificuldade, da mesma forma que há inúmeras maneiras e propostas para alteração da situação observada.

Antes de passar a tal síntese, entretanto, é importante deixar claro quais são os pressupostos que orientam a análise que aqui se fará. Isso porque pressupostos diferentes obviamente levarão a conclusões e a propostas completamente diferentes e é preciso explicitar as posições que norteiam a equipe de elaboração deste trabalho.

Após apresentar os pressupostos e concepções que fundamentaram este capítulo, passa-se a apresentar as principais potencialidades e dificuldades encontradas em Feira de Santana do ponto de vista de suas manifestações artísticas e culturais. Em seguida, faz-se um breve olhar sobre a visibilidade da Belgo Bekaert Arames / ArcelorMittal em Feira de Santana, bem como comentários dos entrevistados a respeito da empresa e sua atuação na área cultural.

Por fim, o capítulo traz recomendações estratégicas, sugestões de ações e propostas que podem ser implementadas – não apenas pela empresa, mas, também pelos

diversos agentes, públicos e privados ligados à cultura – para melhoria e constante avanço da situação encontrada em Feira de Santana.

3.1.Pressupostos e concepções fundamentais

O presente diagnóstico, bem como as propostas que serão apresentadas, estão construídos a partir das concepções do Sistema Nacional de Cultura, como apresentado anteriormente, bem como na visão da cultura como fator de desenvolvimento humano, seguindo as orientações da ONU/UNESCO.

Seus princípios e pressupostos fundamentais são:

- A cultura, enquanto direito cultural ou fundamental, é direito básico do cidadão, tão importante quanto o direito à saúde, à alimentação, à educação e à moradia;
- A cultura como dimensão humana serve aos propósitos de promover não só a arte, mas as singularidades da sociedade, que é complexa e requer outros padrões ou categorias para sua interpretação ou explicitação;
- A arte é uma das expressões da cultura, através da qual são explicitadas as referências de um povo, seu imaginário e capacidades de interpelar e ultrapassar os limites do cotidiano, daí sua potencialidade e capacidade para inovar, criar, recriar e dizer muito mais que outros referenciais de conhecimento ou outros sistemas de cultura;
- A riqueza cultural de uma sociedade se identifica pela qualidade, quantidade, variedade e adaptabilidade de conexões entre as liberdades dos sujeitos culturais;
- Os processos criativos são importantes para geração de trabalho, renda e riqueza econômica;
- Arte e cultura são plataformas para fazer a cidade mais atrativa e servem para melhorar a qualidade de vida cotidiana;
- Os movimentos culturais, quer sejam os da tradição, quer sejam os atuais, devem ser reconhecidos e fortalecidos como necessários para a configuração e estabelecimento da cultura contemporânea que revela a realidade presente e promove profundas mudanças na cena urbana;
- O desenvolvimento cultural de uma comunidade se configura como compromisso ético e humano de todos os membros desta comunidade, aí

incluídos os artistas e produtores de cultura; o Estado e seus agentes; as empresas através da concessão de patrocínios e financiamento à cultura; e a população como um todo, principal agente e beneficiária das práticas culturais em uma localidade;

- O Estado não é produtor de cultura. Seu princípio constitucional é garantir direitos culturais, preparar e constituir espaços, reconhecer e valorizar processos que sustentem a diversidade e promover condições favoráveis para que os sujeitos inventem seus fins ou para que as ações artísticas e manifestações aconteçam;
- Não é papel do Estado sustentar com verbas públicas as expressões, eventos ou manifestações que tenham condições financeiras e valor venal no mercado, visto que tais agentes podem, às próprias expensas, realizar projetos, ações e atividades voltadas para o público consumidor deste tipo de expressão artística;
- A política cultural deve ser capaz, ao mesmo tempo, de valorizar, promover e proteger as expressões e as matrizes culturais da comunidade e, por outro lado, de reconhecer os novos significados da cultura urbana, que conferem inovação e novas possibilidades de interpretar a realidade;
- Os programas e ações institucionais devem ser implantados na perspectiva de articulação entre criação, fruição, difusão, participação, veiculação, formação e descentralização da produção cultural;
- A política cultural deve amparar o artista ou ser-lhe parceira, no sentido de valorizar sua expressão, garantir meios de realização de seu trabalho e promover a cooperação necessária para os processos criativos em ambientes propícios à recepção/reflexão/crítica e diálogo;
- A institucionalidade da cultura precisa dialogar com os agentes culturais, importantes para a consolidação de sua política. Estes estão na administração pública, nas instituições não governamentais, nas instituições privadas, na sociedade e devem ser universos em interseção;
- Os equipamentos e espaços culturais devem ser entendidos e gestados como centros de irradiação cultural, nos quais esteja garantida a participação efetiva dos sujeitos culturais, quer como criador, quer como receptor/observador das

obras e manifestações, garantindo-se as estruturas necessárias e o funcionamento em horários apropriados que facilitem suas participações;

- O gestor cultural deve ser capaz de distinguir as diversas dimensões do cultural e do artístico e colocar-se como potencializador e mediador no trato das necessidades dos sujeitos culturais, produtores das obras e processos artísticos;
- A institucionalidade da cultura necessita caminhar para que ela mesma se supere na busca de soluções para minimizar o peso hierárquico, rígido e imperioso da burocracia que impele para um sistema de trabalho muitas vezes contrário e bloqueador da própria cultura e das ações, visando à democratização dos investimentos nos processos culturais e criativos, que requerem liberdade de expressão como dimensão necessária à sua realização;
- A qualificação profissional dos gestores públicos e dos agentes culturais é condição primordial para a garantia da democratização da cultura, da participação de todos nas oportunidades existentes, da preservação da memória e da tradição cultural, da melhoria dos serviços prestados à comunidade e do aumento de sua capacidade de organização, mobilização e participação;
- A parceria entre poder público e organizações sociais é uma forma possível e extremamente profícua de viabilizar ações descentralizadas nas comunidades e de incentivo a propostas demandadas por esses territórios;
- O diálogo permanente para definição de prioridades e corresponsabilidades coletivas em prol das artes e da cultura é condição essencial para a mobilização da sociedade em torno de objetivos comuns e de reconhecimento do protagonismo social de segmentos específicos, conferindo-lhes legitimidade nas demandas e reivindicações. E ainda como garantia democrática na formulação, e avaliação das políticas culturais;
- A política de preservação do patrimônio cultural (material e imaterial) deve procurar implementar os usos e funções dos bens de modo que a sociedade deles se aproprie para garantir o respeito e interesse pela sua conservação;
- O acesso à informação, aos meios de expressão diversificados, tecnológicos, digitais e de comunicação é necessário para a transformação do conhecimento e para o fortalecimento da cultura local;

- É necessária a discussão da pauta da cultura entre os órgãos do governo municipal e a interdisciplinaridade/transversalidade do tema como estratégia para a mudança de mentalidade nas questões que envolvem as necessidades dos artistas e sujeitos culturais e para a execução de políticas mais compatíveis à complexidade do mundo contemporâneo. Ademais, o município deve manter acordos entre os órgãos públicos que realizam programas e ações com temática ou impacto culturais para evitar duplicidade de investimentos e dispersão de esforços para atividades com objetivos semelhantes;
- A concessão de apoio financeiro público aos artistas, criadores e portadores das manifestações culturais é fundamental para a emancipação desses sujeitos e da garantia da diversidade de linguagens e concepções;
- É papel do poder público promover o acesso aos acervos, obras e bens disponíveis e principalmente aos que estão indisponíveis à maioria da população;
- A descentralização da ação cultural é condição *sine qua non* para a democratização do acesso à cultura e para a superação das desigualdades no espaço urbano;
- A divulgação dos serviços públicos da cultura deve contemplar e atingir o maior número de pessoas, visando à democratização da informação e de dados relativos à área;
- A realização de ações afirmativas, a criação de editais próprios e a viabilização de apoio financeiro e institucional em prol das manifestações tradicionais, de origem popular ou ligadas às matrizes africanas são postulados inarredáveis, primordiais não apenas para o reconhecimento e valorização da memória, da tradição e da formação cultural e histórica da sociedade brasileira, mas também como garantia de sua permanência no tempo e fortalecimento dos segmentos que estejam à margem dos investimentos de mercado ou da agenda convencional da política cultural.

Por fim, vale lembrar que grande parte das ações culturais, públicas ou privadas no Brasil é hoje viabilizada através de impostos e recursos advindos da contribuição compulsória dos cidadãos e da sociedade como um todo, recursos públicos, portanto. Assim, é imperativo que as ações culturais sejam destinadas à população em geral,

considerada em toda sua diversidade, buscando uma distribuição equilibrada e democrática de recursos, ofertas e oportunidades em determinado território.

3.2.Potencialidades e dificuldades do campo cultural no município

“Todo artista de Feira de Santana que se considera artista ‘sangra’ para não morrer precocemente” (entrevistado, Feira de Santana, 2016).

Ao longo do Diagnóstico, várias questões surgiram e foram exaustivamente discutidas. Outras foram apenas citadas e ainda outras se referenciaram a estudos e trabalhos já realizados, em especial ao Plano Municipal de Cultura, que deve ser o norte para as ações em Feira de Santana, visto ter sido elaborado dentro da instância legítima para tal, com participação dos representantes da cena cultural local.

Para concluir este trabalho, selecionaram-se os principais elementos que surgiram ao longo do Diagnóstico e que podem dar um panorama geral da situação encontrada em Feira de Santana.

A primeira questão diz respeito à política cultural local. Como se viu, o município já aderiu ao Sistema Nacional de Cultura e já tem seu Sistema Municipal implantado e em funcionamento. Praticamente todos os elementos do sistema estão presentes, incluindo a existência de órgão gestor, de Conselho de Cultura implantado e eleito, de um plano de cultura já elaborado, de mecanismo de financiamento à cultura e de orçamento municipal próprio para as atividades culturais. Também realça a existência de programas e projetos executados diretamente pelo poder público municipal, ou em parceria com outros agentes públicos e privados da cultura em Feira de Santana, bem como vários espaços públicos em funcionamento.

Entretanto, também há problemas e dificuldades que devem ser superadas e repensadas. Nesse sentido, destaca-se primeiramente o fato de existirem dois órgãos gestores - SECEL e FUNTITEC, gerando superposição ou conflito de papéis entre eles. A própria distribuição do orçamento para a cultura mostra as contradições inerentes ao modelo escolhido, visto que 80% do orçamento é destinado aos grandes eventos de massa e apenas 20% é aplicado nos programas e projetos culturais e na manutenção das estruturas públicas para a cultura.

Ademais, o fato do Conselho de Cultura ser apenas consultivo e não deliberativo, além de não ter tido reuniões regulares, por falta de convocação do Secretário de Cultura, faz com que as instâncias de participação fiquem esvaziadas e não cumpram seu papel de representação da classe artística frente à política pública de cultura. Há que realçar que o Plano Municipal de Cultura, elaborado há dois anos, ainda não foi aprovado pela Câmara e, portanto, não começou a ser implementado. As resistências a partes de seu teor, já na etapa de discussão e aprovação, levam à incerteza quanto às reais chances de sua implantação nos moldes propostos.

Por fim, vale destacar que não existe no município nenhum tipo de mapeamento, cadastro ou banco de dados que sistematize as informações culturais e possa ser usado como subsídio para a tomada de decisões e priorização das políticas públicas municipais, ou mesmo do investimento e ação dos agentes privados e do terceiro setor.

Do ponto de vista do financiamento à cultura, vale destacar que o município conta com um mecanismo próprio de lei de incentivo, que é o Pró-cultura/esporte. Esta iniciativa é louvável e deve ser reconhecida, uma vez que é pequeno ainda, em âmbito nacional, o número de municípios que possuem tais ferramentas. Entretanto, é preciso apontar que este mecanismo apresenta problemas, entre eles: os pequenos valores a serem destinados para cada projeto; a divisão dos recursos entre a cultura e o esporte, reduzindo ainda mais os valores aportados para a cultura; as dificuldades de captação junto às empresas locais, seja por problemas legais / burocráticos, seja por desconhecimento e falta de interesse da iniciativa privada em patrocinar projetos com isenção de ISS e IPTU.

Em relação às outras fontes de financiamento, vê-se que há grande potencial para os artistas locais acessarem editais e fundos em esfera estadual e federal. Este potencial é ampliado pelo próprio perfil da economia feirense, que é diversificada e dinâmica, apresentando, portanto, boas perspectivas para a captação junto ao setor privado. Entretanto, este potencial fica reduzido em virtude da própria desinformação e desinteresse do setor privado, que se mostra pouco envolvido e participante no financiamento à cultura local. Ademais, a própria incapacidade de artistas e grupos para a elaboração de projetos e a captação de recursos acaba por ser um fator dificultador para sua sustentabilidade, como se falará mais adiante.

Por fim, verifica-se a inexistência de mecanismos de financiamento direto aos grupos e artistas, como, por exemplo, fundos de repasse direto ou prêmios, bem como a inexistência de uma política municipal de financiamento continuado às manifestações locais, através de convênios, por exemplo, cujo maior impacto é sentido junto às manifestações da cultura popular, mais baseadas na tradição e na oralidade do que no empreendedorismo e na visão mercadológica da cultura.

No que é relativo à temática dos espaços destinados às práticas culturais, viu-se que o município tem grande número de espaços públicos, dos quais vários foram recentemente reformados ou remodelados. Também realça a presença e a atuação da UEFS, através de seu departamento de cultura, o CUCA, que mantém em funcionamento vários espaços culturais e/ou voltados à memória e à difusão científica. Também foi mencionada a existência de projetos e ações culturais nas praças e bairros, além de vários pontos de cultura aprovados nos editais do MINC. Também há espaços privados em funcionamento, ainda que em menor número.

Por outro lado, viu-se que a oferta de tais espaços não tem sido suficiente – ou adequada – para a produção cultural local. Foram identificados problemas como: falta de equipamentos, estruturas inadequadas dos espaços, falta de técnicos qualificados, horários de funcionamento que não atendem à população, falta de acessibilidade, dificuldades de transporte para os locais, dificuldades de aceder às pautas, restrições à utilização por artistas e grupos, pequena divulgação ou comunicação mal direcionada, inexistência de uma agenda cultural conjunta e permanente, dificuldades de gestão e captação de recursos, agravada pela inexistência de associação de amigos dos espaços.

A pequena utilização dos espaços públicos ao ar livre também foi mencionada, fator este que é um grave impeditivo para ações de descentralização e democratização da cultura, uma vez que nos bairros periféricos e distritos dificilmente há outros espaços para as práticas culturais que não sejam ruas e praças.

Por fim, é fundamental chamar atenção para a situação dos artesãos e do Centro de Abastecimento, pois corre-se o risco de se descaracterizar um importante espaço do município, transformando-o de um local de comercialização da produção artesanal e da agricultura familiar para um shopping popular onde se comercializam produtos industrializados e que vem de fora do município. Esta situação já está sendo verificada no Mercado de Artes e não deve ser repetida.

Outro tema importante surgido no diagnóstico diz respeito à memória e ao patrimônio cultural do município. Como se viu, é grande a diversidade e riqueza das manifestações tradicionais e populares em Feira de Santana, em diversas áreas. Também foi apurado que o município ainda apresenta exemplares importantes do patrimônio edificado em condições de recuperação ou preservação. Ademais, um ganho relevante foi o recente tombamento de alguns bens em esfera estadual, através do IPAC.

Por outro lado, viu-se que são incipientes ou pouco efetivas as ações do poder público dedicadas à proteção do patrimônio feirense. Tal fator - somado à própria desvalorização da memória e da história pela população e à dinâmica do mercado imobiliário e do crescimento econômico - leva à perda acelerada, à destruição e à descaracterização de imóveis por falta de tombamento. Quanto ao patrimônio imaterial, também vem sendo descaracterizado, o que foi citado em relação, por exemplo, aos festivais e manifestações tradicionais dos distritos. Por fim, vale destacar a ausência ou pequena efetividade da ação federal, através do IPHAN, no município.

O tema da intersetorialidade também surgiu e se apresenta como extremamente importante para o desenvolvimento e fortalecimento da cultura feirense. Como se viu, há no município dois projetos que realizam a fundamental conexão entre cultura e educação, que são o Projeto Acordes e o Programa Música nas Escolas. Tais ações são fundamentais e exemplares para outros municípios e para outros setores dentro da cidade.

Por outro lado, não foi verificada a necessária integração da cultura com as políticas gerenciadas pelos demais setores da administração municipal, o que seria desejável no que é relativo às ações voltadas para o turismo, o desenvolvimento social, a saúde, o meio ambiente e outras que compõe, como mencionado na introdução deste volume, a multiplicidade e diversidade da vida cotidiana do cidadão.

Apontada como prioridade número um da Conferência Municipal de Cultura e do Plano Municipal de Cultura, a questão da formação e capacitação surgiu muitas vezes ao longo do diagnóstico, de maneira transversal, em todas as temáticas tratadas. Foi possível perceber que há algumas iniciativas, ainda que esparsas, de investimento na formação cultural e artística no município.

Em primeiro lugar, há os já citados programas de iniciação artística/musical nas escolas públicas. Também se destaca a oferta de oficinas diversas e formação em gestão cultural ou produção artística durante festivais e eventos que ocorrem em momentos específicos, como é o caso do Festival Feira Noise e mesmo da Feira do Livro.

Entretanto, para além de iniciativas pontuais ou transitórias, não foi registrada a existência de oferta de formação consistente e continuada nas áreas da gestão e da produção cultural, considerada uma grande demanda por artistas e grupos, bem como por gestores dos espaços culturais. Também se observou que não há oferta de formação de mão de obra nas áreas técnicas, tais como iluminação, sonorização, etc. Por fim, foi mencionada a necessidade de capacitação dos próprios gestores e técnicos do setor público, que muitas vezes não tem a formação ou as ferramentas necessárias para o bom desempenho de suas funções.

A falta de formação também impacta em outro item verificado, relativo à profissionalização, organização e formalização dos artistas e grupos. O diagnóstico mostrou a existência de número significativo de grupos no município que tem tradição, currículo, experiência em sua área de atuação e mesmo grande tempo no mercado. Mostrou ainda que há alguns grupos que já têm experiência em captação de recursos em editais e leis de incentivo, não apenas na esfera municipal, mas também estadual e federal. Por fim, pode-se afirmar que há um mercado local de produção cultural, com grande número de atividade, especialmente na área de eventos, da música e do teatro, bem como com produtores e profissionais experientes.

Por outro lado, viu-se que é pequeno o percentual de grupos formalizados ou registrados, especialmente na área das culturas populares. Além disso, foi unânime a afirmação de que enfrentam dificuldades na elaboração de projetos e, principalmente, na captação de recursos e no acesso a outras oportunidades para sua apresentação, produção cultural e circulação. Há ainda vários grupos e artistas – mais uma vez com grande impacto sobre as culturas populares, que não possuem a documentação necessária para aceder às oportunidades existentes, ou mesmo para serem contratados para eventos e apresentações.

Como resultado de tal cenário viu-se grande dificuldade na sustentabilidade da área cultural em Feira de Santana, com pequeno número de artistas e grupos que sobrevivem da atividade cultural, exercendo-a de maneira não profissional.

Também surgiu ao longo do diagnóstico, várias vezes, o debate a respeito da (des) valorização da cultura local. Como pontos positivos pode-se citar a existência de uma série de eventos e festivais tradicionais que contribuem para a exibição e a difusão da cultura feirense e de seus artistas. Viu-se ainda que tem havido recentemente no município a formação de coletivos e instâncias independentes para divulgação e valorização do movimento cultural da cidade, destacando-se nesse escopo a formação do Fórum permanente de cultura e do grupo virtual Mobiliza Cultura.

Ainda assim, apontou-se que a maior parte dos recursos destinados às ações culturais no município acaba sendo direcionada para o pagamento de grandes estruturas e de vultuosos cachês para artistas de fora, através da realização dos eventos de massa. Aos artistas locais restam pequenas participações, em momentos específicos, sem cachês, ou com pequenos valores. Também se mencionou a descaracterização de alguns dos festivais e manifestações culturais tradicionais, a inexistência de editais ou políticas específicas para a cultura popular, a dificuldades de formação de plateias / públicos nos espaços culturais e, por fim, a evasão de artistas locais para outras cidades e estados onde sejam mais valorizados ou consigam viver de sua arte.

No que é relativo às oportunidades externas e possibilidades de intercâmbio, viu-se que existem alguns grupos com conexões para fora do município, como é o caso do Coletivo Feira Cultural, parceiro do coletivo Fora do Eixo e outros. Além disso, há alguns artistas e grupos com visibilidade estadual e experiência de circulação de seus espetáculos fora de Feira de Santana. Alguns grupos também já foram contemplados por editais dos governos estadual e federal, tais como o Agitação Cultural, os Pontos de cultura e o programa FAZCULTURA.

Por outro lado, vê-se que esta realidade não é disseminada, sendo restrita a poucos grupos e artistas. Na maior parte dos casos vê-se pouca integração com outros estados ou cidades da Bahia, com outros grupos ou movimentos. Em geral, os artistas locais dependem muito do mercado da cidade e, conforme se apurou, têm dificuldades para acessar editais e recursos estaduais e nacionais, têm pouca informação sobre as oportunidades externas, têm dificuldades para fazer a circulação de espetáculos e para participar de apresentações fora do município. Nesse caso, foi citado que é pequeno o apoio para transporte por parte do poder público.

Do ponto de vista da comunicação e informação, verificou-se que há uma série de veículos de comunicação local, como TV, rádios, jornais etc. Além disso, cada dia mais artistas e grupos têm feito uso da internet e novas mídias para divulgação, o que pode ser conferido através da existência de várias páginas no facebook de artistas e grupos locais. Além disso, contam com os sites Viva Feira e Feirenses para a divulgação da produção cultural local. É importante destacar ainda a existência da TV Olhos D'água, bem como de sua versão web, sob coordenação da UEFS e que são veículos importantes para a cultura feirense.

Por outro lado, viu-se que faltam informações sobre a diversidade cultural local – ou seja, um mapeamento e banco de dados culturais. Os artistas e grupos reclamam ainda da inexistência de uma agenda cultural permanente, integrada e que seja publicizada de maneira eficiente para o público da cidade. Foi mencionado que os canais de divulgação das ações culturais atualmente utilizados ou são ineficientes ou tem sido mal direcionados, inclusive para difusão da programação dos espaços públicos da cidade, além das corriqueiras dificuldades de acesso dos produtores aos meios convencionais de comunicação.

Por fim, verificou-se que inexistente ou é pouco comum a prática de ação conjunta entre os diversos agentes culturais para difusão da informação, o que poderia resultar em redução de custos e ampliação do alcance da divulgação. O que há é a tentativa individual de cada grupo, artista ou espaço cultural de produzir e distribuir material de divulgação sobre seu projeto ou evento, pulverizando a informação para o público.

O tema da ação conjunta, afinal, perpassa por todos os outros e será o último a ser mencionado nesta conclusão. No que é relativo à mobilização, participação e ação coletiva em Feira de Santana, pode-se afirmar que um ponto positivo é a existência de um Conselho de Cultura implantado e empossado, bem como a existência do Fórum permanente de Cultura e do grupo virtual Mobiliza Cultura, como antes mencionado. Também se viu que estão sendo iniciadas ações coletivas, ainda que não sejam muitas, como é o caso do projeto O Beco é Nosso, com participação de vários grupos e movimentos diferentes.

No polo oposto, registrou-se o esvaziamento do Conselho, talvez pela falta de convocação de reuniões por seu presidente, talvez por descrédito na efetividade da ação coletiva, visto que o Plano Municipal de Cultura aguarda há dois anos por sua

aprovação. Em algumas discussões e entrevistas apareceu a avaliação que há uma dificuldade de articulação dos próprios artistas e grupos, uma pequena prática de ação coletiva e pouca experiência com a produção colaborativa. Viu-se, por exemplo, o desconhecimento, por parte de artistas e grupos, dos demais projetos em realização na cidade e surgiu a demanda explícita por criação e fortalecimento de espaços e momentos de encontro da classe artística.

O Quadro 6 traz um resumo do cenário relatado acima, segundo tema, apontando seus pontos fortes e pontos fracos.

Quadro 6 – Potencialidades e dificuldades da cultura em Feira de Santana

Tema	Potencialidades / pontos positivos	Dificuldades / pontos negativos
Política cultural	SMC implantado, incluindo Conselho de Cultura; Plano elaborado; Existência de órgão gestor e de orçamento para a cultura; existência de programas e projetos, bem como espaços públicos em funcionamento.	Conselho apenas consultivo e ausência de reuniões regulares; Plano ainda não aprovado e implementado; superposição ou conflito de papéis entre SECEL e FUNTITEC; 80% do orçamento destinado a eventos de massa; inexistência de mapeamento/ banco de dados culturais.
Financiamento à cultura	Existência de fundo e edital do Pró-cultura/esporte em esfera municipal; possibilidade de acesso a editais e fundos em esfera estadual e federal; economia diversificada e dinâmica, com potencial de captação junto ao setor privado.	Inexistência de financiamento direto aos grupos e artistas; inexistência de uma política municipal de financiamento continuado às manifestações locais; divisão do recurso entre as atividades esportivas e culturais; dificuldades de captação junto às empresas locais, para todas as instâncias de impostos; setor privado pouco informado, envolvido e participante no financiamento à cultura.
Memória e patrimônio	Diversidade e riqueza das manifestações tradicionais e populares; existência de patrimônio edificado ainda em condições de recuperação ou preservação; recente tombamento de bens em esfera estadual - IPAC.	Inexistência de ações efetivas de proteção do patrimônio em esfera municipal; desvalorização da memória e da história feirense pela população e poderes públicos; descaracterização dos festivais e manifestações tradicionais; ausência de ação federal – IPHAN no município; perda acelerada, destruição e descaracterização de imóveis por falta de tombamento.

Tema	Potencialidades / pontos positivos	Dificuldades / pontos negativos
Espaços e equipamentos culturais	Grande número de espaços públicos para as práticas culturais; vários espaços recentemente reformados ou remodelados; presença da UEFS / CUCA com vários espaços culturais; existência de projetos de ações culturais nas praças e bairros; pontos de cultura instalados.	Pequeno número de espaços privados; pouca utilização dos espaços públicos ao ar livre; estruturas inadequadas nos espaços, bem como falta de técnicos qualificados; horários de funcionamento que não atendem à população; falta de acessibilidade; falta de transporte para os locais; restrições à utilização por artistas e grupos; pequena divulgação; dificuldades de gestão e captação de recursos; inexistência de associação de amigos. Espaço para artesãos em risco de descaracterização.
Formação e capacitação	Existência de programas de formação artística – musical - junto às escolas; oferta de formação em gestão em momentos específicos – ex. Feira Noise.	Inexistência de oferta de formação em gestão e produção cultural; falta oferta de formação de mão de obra técnica; falta capacitação para gestores e técnicos do setor público; falta aperfeiçoamento artístico em todas as áreas.
Valorização da cultura local	Existência de eventos e festivais tradicionais para exibição e difusão da cultura feirense; existência de coletivos e instâncias independentes para divulgação e valorização do movimento cultural; existência do Fórum permanente e do Mobiliza Cultura.	Priorização de artistas de fora nos eventos de massa; descaracterização dos festivais e manifestações tradicionais; inexistência de editais ou políticas específicas para a cultura popular; dificuldades de formação de plateias / públicos nos espaços culturais; evasão de artistas locais para outras cidades e estados.

Tema	Potencialidades / pontos positivos	Dificuldades / pontos negativos
Comunicação e informação	Existência de vários veículos de comunicação local, como TV, rádios, jornais etc. Uso da internet e novas mídias; existência de várias páginas no facebook de artistas e grupos locais; existência do site Viva Feira e Feirenses, com divulgação da produção cultural local; existência da TV Olhos D'água e TV web / UEFS.	Falta de uma agenda cultural permanente, integrada e publicizada de maneira eficiente para o público; canais de divulgação das ações culturais ineficientes ou mal direcionados; inexistência de ação conjunta entre os diversos agentes culturais para difusão da informação; dificuldades de acesso dos produtores aos meios convencionais de comunicação.
Mobilização, participação e ação coletiva	Conselho de Cultura implantado; existência do Fórum permanente de Cultura e do Mobiliza Cultura; realização de ações coletivas, ainda que poucas, como O Beco é Nosso; presença de grupos e movimentos que começam a realizar atividades em conjunto.	Esvaziamento do Conselho, por falta de convocação de reuniões; dificuldades de articulação dos artistas e grupos; pequena prática de ação coletiva; desconhecimento, por parte dos artistas e grupos, dos demais projetos em realização na cidade; pequena experiência com produção colaborativa; postura passiva e dependente do poder público por parte de muitos artistas e grupos.
Intersetorialidade	Existência de ações ligadas à educação – projetos Acordes e Música nas Escolas.	Pequena integração com ações de turismo, desenvolvimento social, saúde, meio ambiente e demais setores da administração municipal e da vida cotidiana do cidadão.

Tema	Potencialidades / pontos positivos	Dificuldades / pontos negativos
Profissionalização, organização e formalização dos artistas e grupos	Existência de número significativo de grupos com tradição, currículo e tempo no mercado; existência de grupos com experiência em captação de recursos em editais e leis de incentivo; existência de profissionais e um mercado local de produção cultural, especialmente na área de eventos, da música e do teatro.	Poucos grupos formalizados; dificuldades na elaboração de projetos; dificuldades na captação de recursos; grupos da cultura popular sem documentação necessária para aceder a editais e outras oportunidades; pequeno número de artistas e grupos sobrevivendo da atividade cultural; falta de sustentabilidade; atividade cultural não profissional.
Intercâmbio e oportunidades externas	Existência de alguns grupos com conexões para fora do município (ex. Coletivo Feira Cultural, conexão com Fora do Eixo); editais do Governo do Estado contemplando artistas locais (ex. Agitação Cultural); alguns artistas e grupos com visibilidade estadual e circulação de seus espetáculos.	Pequena integração com outros estados ou cidades da Bahia; artistas locais dependem do mercado local; dificuldades para acessar editais e recursos estaduais e nacionais; dificuldades de fazer a circulação de espetáculos e participar de apresentações fora do município; pequeno apoio para transporte por parte do poder público; falta informação sobre oportunidades externas.

FONTE: Elaboração própria. Galpão Cine Horto e Habitus Consultoria e Pesquisa, 2016.

3.3. Propostas e sugestões de ações possíveis

“Se informação é o primeiro nome, articulação é o sobrenome”
(entrevistado, Feira de Santana, 2016).

Como mencionado na Introdução do presente relatório, a metodologia de trabalho prevê como próxima etapa a apresentação dos resultados do Diagnóstico para os agentes culturais do município de Feira de Santana - notadamente todos aqueles que foram entrevistados e contribuíram com sua elaboração -, bem como a realização de trabalhos em grupos para a coleta de sugestões e encaminhamento de propostas de ação.

Nesse sentido, não se pretende, por ora, apresentar um capítulo conclusivo com propostas e sugestões de ação, o que será feito após esse encontro com os agentes locais. Entretanto, serão delineadas a seguir os principais eixos e linhas estratégicas que, na opinião da equipe, devem nortear não apenas a atuação da Belgo Bekaert Arames / ArcelorMittal, mas que podem ser indicativos úteis para a ação de artistas e grupos culturais locais, bem como os gestores, públicos e privados, do município.

Conforme aponta Alfons Martinell Sempere (2012 p.10), a gestão pública da cultura requer consenso entre as partes. Exige a descoberta dos vários códigos sociais, já que as sociedades complexas se caracterizam pela multiplicidade de dispositivos e de agentes. A gestão da complexidade, por sua vez, depende de implementação de estratégias, tais como a negociação da igualdade (conhecer o outro; estar com o outro); a delegação e autonomia, a tomada de decisões mais próximas; a coordenação de diferentes sistemas a partir de fórmulas simples e de relações transversais; e, por fim, um novo papel do saber e do conhecimento no propósito de prestigiar a tomada de decisões.

Nessa perspectiva, vale lembrar que, como dito por um dos entrevistados, não se deve reinventar a roda. As sugestões que se seguem foram embasadas nas opiniões daqueles que estão na prática, no cotidiano da produção artística e cultural de Feira de Santana, e que são, neste momento, os *experts* sobre o tema. Também têm como fundamento as propostas de ação constantes do Plano Municipal de Cultura, que é o principal documento de referência para a política cultural local.

O Quadro 7 traz os principais eixos sugeridos e suas linhas estratégicas que posteriormente podem nortear a proposição de ações locais.

Quadro 7 – Principais eixos e linhas estratégicas de ação

Eixo	Linha estratégica
Política pública de cultura	- Revisão da estrutura de gestão do SMC - Revisão da distribuição orçamentária para a cultura - Aprovação e implantação do Plano Municipal de Cultura - Fortalecimento do Conselho e da participação - Implantação de fundo para financiamento direto - Mapeamento e cadastro de artistas, grupos e manifestações locais - Ação intersetorial / integrada com as demais políticas públicas - Conveniamento com órgãos estaduais e federais, bem como com entidades da sociedade civil e universidades
Fortalecimento e valorização de artistas e grupos culturais	- Oferta de formação em produção e gestão cultural, elaboração de projetos e captação de recursos - Oferta de formação técnica e artística - Incremento das oportunidades e instrumentos de financiamento e sustentabilidade - Priorização da contratação de artistas locais em eventos e comemorações - Valorização das culturas populares e apoio através de convênio direto e premiações - Proposição de ações conjuntas / coletivas e colaborativas entre diferentes agentes culturais - Apoio às manifestações da cultura urbana e novas mídias - Realização de ações de intercâmbio com grupos e agentes culturais de fora do município - Mapeamento e divulgação de editais, oportunidades e ofertas que possam ser aproveitadas pelos artistas locais
Memória e patrimônio	- Incremento das ações de registro e documentação sobre o patrimônio cultural local - Apoio às manifestações populares e tradicionais - Resgate das características identitárias dos eventos e celebrações

Eixo	Linha estratégica
	tradicionais - Ampliação do registro e tombamento de bens imóveis - Estabelecimento de convênios e/ou ação conjunta com as instâncias estadual e federal de proteção ao patrimônio - Realização de campanhas de educação patrimonial nas escolas e na mídia
Espaços e equipamentos culturais	- Implantação de mecanismos gerenciais ou legais para captação de recursos (p.ex. associação de amigos) - Ampliação e adequação dos horários de funcionamento - Gestão junto à Prefeitura para problemas de transporte e segurança - Investimento em formação das equipes internas - Criação de agenda cultural conjunta, mensal, com difusão de toda a programação dos espaços da cidade - Revisão dos critérios para marcação de pautas, favorecendo artistas e grupos locais - Revisão e incremento das formas de comunicação e divulgação - Descentralização da ação cultural nos bairros e realização de eventos em espaços públicos

FONTE: Elaboração própria. Galpão Cine Horto e Habitus Consultoria e Pesquisa, 2016.

REFERÊNCIAS

- AVELAR, Rômulo. Planejamento e ação coletiva, IN DRUMMOND, Alessandra (org.). Cidades e políticas de cultura: diagnóstico, reflexão e proposições. Belo Horizonte: Artmanagers, 2012. 216 p.
- BARROS, José Márcio e outros. Diversidade Cultural: da proteção à promoção. José Márcio Barros (Org.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- BOTELHO Isaura. Para uma discussão sobre política e gestão cultural. IN Oficinas do Sistema Nacional de Cultura, 2006. Disponível em http://www.cultura.gov.br/upload/Projeto_Oficinas_Miolo_1156970790.pdf
- BOTELHO, Isaura. Dimensões da cultura e o lugar das políticas públicas, in. São Paulo em Perspectiva, vol. 15, n. 2. São Paulo: abril/junho de 2001. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392001000200011>, acesso em 15/03/13.
- BRASIL, Plano Nacional de Cultura. Metas do Plano Nacional de Cultura. Brasília: Ministério da Cultura, 2011.
- BRASIL, Proposta de estruturação, institucionalização e implementação do Sistema Nacional de Cultura. Brasília, Ministério da Cultura. (versão atualizada em julho) 2009, (digitado).
- BRASIL. Guia de Orientações para os municípios - Sistema Nacional de Cultura perguntas e respostas. Conselho Nacional de Política Cultural, Ministério da Cultura, novembro de 2011. Disponível em <http://blogs.cultura.gov.br/snc/files/2011/01/cartilha-SNC.pdf>
- CALABRE, Lia (Org.). Oficinas do Sistema Nacional de Cultura. Brasília, Ministério da Cultura, 2006.
- CALABRE, Lia. A cultura no âmbito federal: leis, programas e municipalização, IN DRUMMOND, Alessandra (org.). Cidades e políticas de cultura: diagnóstico, reflexão e proposições. Belo Horizonte: Artmanagers, 2012. 216 p.
- CIDADES E GOVERNOS LOCAIS UNIDOS (CGLU). Agenda 21 da Cultura. Barcelona, 2006. Disponível em <http://blogs.cultura.gov.br/cnc/files/2009/07/agenda21.pdf> acesso em 29/03/2013.
- DRUMMOND, Alessandra (org.). Cidades e políticas de cultura: diagnóstico, reflexão e proposições. Belo Horizonte: Artmanagers, 2012. 216 p.
- Federación Española de Municipios y Provincias (FEMP). Guía para la evaluación de las políticas culturales locales. Barcelona: Gráficas Varona, 2008.
- IBGE, Cidades. Feira de Santana, 2016.
- IBGE, Mapa Municipal Estatístico, edição 2010.
- IBGE. Censos demográficos 1991, 2000 e 2010.
- IBGE. Estimativa da população, 2015.

IBGE. Sistema de Informações e Indicadores Culturais 2003. IBGE e Ministério da Cultura, Rio de Janeiro 2006.

IPAC / SIPAC – Sistema de informações do patrimônio cultural da Bahia, Lista de bens tombados, 2015.

IPEA. Atlas da vulnerabilidade social, 2010.

KLIKSBERG, Bernardo. Falácias e mitos do Desenvolvimento Social. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2003.

LIBÂNIO, C.A. Direito à cidade e práticas culturais: para trazer a obra, o encontro, o lúdico e a política de volta ao urbano (tese de doutorado, versão agosto 2016).

LIBANIO, Clarice. Plano Municipal de Cultura de Uberlândia, 2012.

LIBANIO, Clarice. Política cultural e acesso à cidade. In: Seminário Internacional Políticas Culturais (5. : 2014 maio 7-9 : Rio de Janeiro, RJ). Anais do... / Organizadores: Lia Calabre, Mauricio Siqueira, Adélia Zimbrão. – Rio de Janeiro : Fundação Casa de Rui Barbosa, 2014.

Ministério do Trabalho e Emprego, RAIS, 2014.

ONU/PNUD. Atlas do desenvolvimento humano no Brasil, 2010.

PREFEITURA DE FEIRA DE SANTANA, SECEL, Plano Municipal de Cultura, 2014, disponível em http://www.feiradesantana.ba.gov.br/secel/arq/PMC_versaoFinal.pdf, acesso em março de 2016

PREFEITURA DE FEIRA DE SANTANA, SECEL, Relatório de Atividades 2015.

REVISTA OBSERVATÓRIO. Itaú Cultural. Direitos Culturais: um novo papel. OIC - nº 11 (jan. abr. 2011) São Paulo: Itaú Cultural, 2011.

SEMPERE, Alfons Martinell. Gestión de la cultura y contemporaneidad: problemas, deseos e realidades. Universidade de Girona. Espanha, 2011. Curso de Especialização em Gestão Cultural (III) do Instituto Itaú Cultural. 2012. (digitado)

Sites consultados

http://aeri.uefs.br/?page_id=131

<http://feirenses.com/>

<http://feirenses.com/mapa-districtos-feira-de-santana/>

<http://mapas.cultura.gov.br/>

<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=291080&search=bahia|feira-de-santana|infograficos:-historico>

<http://www.feiranoisefestival.com.br/> .

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/indic_culturais/2003/

<http://www.seplan.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=17>

<http://www.uefs.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=93>

<http://www.vivafeira.com.br/#>.

<https://sites.google.com/site/antaresobs2/home>

https://www.achetudoeregiao.com.br/ba/feira_do_santana/historia.htm

<https://www.facebook.com/malungocasadecultura.com.br/posts/1710515785868857:0>

Teses, artigos e monografias relacionadas

OLIVEIRA, Josivaldo Pires De. A Magia E Seus Sortilégios: Curandeiros, Candomblés E Autuação Judiciária Em Feira De Santana No Início Dos Novecentos. In: Oliveira, Josivaldo Pires; Nascimento, Jairo Carvalho; Gurra Filho, Sérgio Armando Diniz. (Org.). Bahia - Ensaios De História Social E Ensino De História. 1ed.Salvador: Eduneb, 2014, V. 1, P. 127-150.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires De. A Saga De Um Curandeiro: Culturas Negras, Saberes Mágico-Curativos E Conflito Na Vila De Bonfim De Feira, Interior Da Bahia (1953-1965). Populações Negras Na Bahia: Ensaios De História Social. 1ed.Curitiba: Editora Appris, 2011, V. , P. 131-145.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires De. Aloísio Resende, Poeta Dos Candomblés: Histórias Das Populações Negras Em Feira De Santana-Ba. 1. Ed. Feira De Santana: Samp Editora, 2011. V. 1. 78p .

OLIVEIRA, Josivaldo Pires De. O Poeta E Os Candomblés. In: Josivaldo Pires De Oliveira. (Org.). Aloísio Resende, Poeta Dos Candomblés: Histórias Das Populações Negras Em Feira De Santana-Ba. 1ed.Feira De Santana: Samp Editora, 2011, V. 1, P. 29-41.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires De. Populações Negras, Um Ensaio Introdutório. In: Josivaldo Pires De Oliveira. (Org.). Aloísio Resende, Poeta Dos Candomblés: Histórias Das Populações Negras Em Feira De Santana-Ba. 1ed.: , 2011, V. 1, P. 19-28.

PAMPONET, Juscimeire Oliveira Alves. Imagens da cultura nordestina na lenda do boi arua: permanências e rupturas, 2006, dissertação, UEFS, Feira de Santana.

RANGEL, Veruska Lima. Desenho de moda: linguagem e dispositivo de memória, identidade e cultura representadas na obra do estilista baiano Vitorino Campos, 2014, dissertação, UEFS, Feira de Santana.

SANTANA, Ady Sá Teles. Rotas do Sertão: Patativa do Assaré e Euclides da Cunha entre identidade e representação, 2008, dissertação, UEFS, Feira de Santana.

SILVA, Hellen Mabel Santana. São Bartolomeu chegou da Bahia coberto de flores, cheio de alegria!?: o desenho do território cultural da criança, 2014, dissertação, UEFS, Feira de Santana.

SILVA, Renata Carvalho Da. Cultura, movimento e hip-hop: produções alternativas e resistência cultural em Feira de Santana, 2015, dissertação, UEFS, Feira de Santana.

EQUIPE

- Clarice Libânio - Antropóloga, mestre em Sociologia, doutoranda em Arquitetura e Urbanismo, diretora da Habitus Consultoria e Pesquisa e coordenadora executiva da ONG Favela é Isso Aí.
- Marcelo Santos - Mestre em gestão social, educador e gestor cultural.
- Romulo Avelar - Administrador, gestor cultural, consultor de instituições e grupos culturais, entre eles o Grupo Galpão e a Casa do Beco. Autor do livro O Avesso da Cena -Notas sobre Produção e Gestão Cultural.
- Produção Local: Lorena Porto – Atriz e produtora cultural

ANEXOS

Anexo 1 – Tabulação dos questionários online

(Apresenta-se a seguir a transcrição literal das questões abertas recebidas via questionários online.).

13. Descrição da atividade

- Artes visuais: pintura, desenho, instalações, ilustrações para textos e livros, gravuras, fotografia.
- Museu de Ciência e Planetário apresentando como tema central a Astronomia.
- Marcionilio Prado, cantor, compositor e multi-instrumentista um dos primeiros líderes musical do carnaval da Bahia na década dos anos 80. Recentemente gravou para o novo CD 100% autoral intitulado "Formas e Forma". Alguns clássicos da MPB/POP ROCK, mas com novos arranjos inovando com outros ritmos a exemplo de rock, Soul, Blues em um mesmo arranjo musical com sua guitarra ou com seu violão e toda a influência musical bem eclética (Gilberto Gil, Raul Seixas, Dominguinhos, James Brown, Led Zeppelin e Jimi Hendrix...). Ao que parece todas essas influências imprimiram no artista diversas "forma e formas" muito particular causando um efeito sonoro inovador. Alias inovação é seu lema!! Vai destacar também músicas que marcaram a trajetória de Marcionilio e se confundem com a própria história do Carnaval da Bahia durante os anos 80 e começo da década de 90, como "Pelourinho", "Frevo do Eva", "Táxi" e "Queira ou não queira", "Sinta o Perigo" entre tantas outras que ficaram imortalizadas na sua voz. Mantendo uma rotina de shows em Salvador, Feira de Santana e outras cidades da região.
- Várias linguagens da cultura popular brasileira - Ponto Memória
- Espetáculos e Oficinas de iniciação Teatral.
- Com o objetivo de delinear de forma mais efetiva, decidimos pela constituição da empresa Digê Assessoria E Produção Cultural, ao lado do cantor e compositor Dionorina, referência nacional do reggae. A empresa também desenvolve outras atividades, como o projeto trilogia do reggae, com gravação de cd e premiação com a melhor música em festival de cunho internacional realizado em Cachoeira (BA), em 2013. A criação dos eventos atuação e produção dramática
- Banda Baile
- Exposições científicas sobre temáticas de diversas áreas do conhecimento (Astronomia, Física, Química, Biologia, Astronáutica, Geologia).
- Atuação como Dramaturgo, ator e dançarino, com 04 livros de poesia publicados.
- Atuamos até 2012 na região sisaleira, comunidades rurais de base, através da literatura oral (mestres griôs) que é trabalhada em oficinas de releitura (teatro, pictografia, literatura escrita, fotos e músicas) tendo, sua produção material mais expressiva transformada em pedagógicos que são devolvidos ao ambiente escolar. Em Feira de Santana, estamos tentando organizar e trabalhar a replicação deste eixo, através da psicologia escolar, organizando grupos de trabalho para inventariamento dos acervos locais e releitura. Todavia, faltam-nos recursos!

- Instrumental/MPB
- Cantora compositora e Intérprete do Hino Nacional. Hino a 2 de Julho e Hino a Feira...
- O Movimento #Queremos outra pista de Skate, surgiu após uma viagem à cidade de Santos - SP feita por Leandro Souza um dos organizadores do movimento, lá ele pode ver como o skate tinha espaço e prestígio, pois a cidade possui diversos espaços para a prática do esporte com excelentes pistas tanto públicas como privadas, na volta para casa ficou o questionamento e insatisfação, por que uma cidade tão grande como Feira de Santana não possui pelo menos um espaço realmente adequado e que atendesse aos padrões de pistas profissionais, levando em conta o grande número de adeptos do esporte e de Feira ter atletas que participam de campeonatos em nível nacional? Partindo dessa premissa Leandro criou uma página numa rede social para compartilhar essa insatisfação com outros praticantes do esporte e de alguma maneira mobilizar skatistas e órgãos públicos competentes em favor dessa causa. A página criada em 27 de fevereiro de 2015 já possui quase 4 mil participantes entre skatistas e apreciadores do esporte, pessoas que também compartilham da ideia de que nossa cidade merece uma pista profissional para a prática do skate. O movimento criou força e em 04 de março de 2015 teve sua primeira reunião oficial, que atraiu a atenção dos órgãos públicos e contou com a presença dos Secretários Ildes Ferreira, Rafael Cordeiro e Carlos Brito, na ocasião juntaram-se a comissão organizadora os skatistas Jailson Santana e Tony Rodrigues, os secretários ouviram as reivindicações dos atletas e propuseram soluções para a demanda.
- Teatro infanto-juvenil
- Desenvolvimento de projetos com a busca de participação da comunidade
- Evento de Cultura Nipônica e Geek
- Lançamento de livros. Encontros literários. Feiras. Oficinas de escrita criativa.
- Produção musical
- Rock
- Desenho e faço trabalhos artísticos individuais como painéis, cenários de peças, figurinos... e faço oficina de teatro a alguns anos, tudo amador.
- Aulas de Capoeira, oficinas temáticas e rodas de conversa.
- Oferta de diversas linguagens artísticas prioritariamente a comerciantes e seus familiares, abrindo possibilidade a toda a comunidade.
- Literatura infanto-juvenil
- Pop music
- Quadros e objetos de arte
- Música regional nordestina
- Música de raiz nordestina com as misturas de xote, xaxado, baião, maracatu, côco e ijexá.

16. Dificuldades (Cite as três principais dificuldades que você enfrenta para desenvolver sua atividade artística/cultural)

- Espaços com recursos próprios para exposições, financiamentos, política de editais públicos, captação de recursos externos.

- Cumprimento de agenda programada pelos visitantes. Ampliação de nosso espaço com experimentos interativos aumentando seu tempo de visitação para duas horas e renovação de títulos de filmes.
- Capital de agenda/ Divulgação na grande mídia/Espaço para formação de público
- Na contra mão do que o poder público promove
- Conseguir apoio dos espaços culturais para que os grupos possam manter atividades culturais de formação de plateia e formação artística com a comunidade através de residência artística, onde possam com essa parceria dispor de um espaço onde possam desenvolver suas criações Cênicas e ensaios de manutenção dos seus espetáculos. Pautas com valores acessíveis ou um capital simbólicos como contrapartida social para os projetos de formação de plateia com estudantes e instituições de projetos sociais, pelos grupos teatrais locais. Viabilidade de pautas com valores acessíveis prós projetos de formação de plateia. Editais específicos para montagem de espetáculos voltados para a Juventude e o público estudantil. Onde a verba seja direta destinada ao Projeto sem ter que o Representante tenha que correr atrás das empresas para estabelecer essa parceria. Parceria com A secretaria de Educação para viabilizar essa mediação cultural entre estudantes, pois a criança que se torna espectador desde cedo é o adulto espectador amanhã. Dificuldades de apresentar os espetáculos em outras cidades, há uma lei que contempla o traslado dos artistas, fomenta a circulação, mas essa lei municipal requer um olhar mais sensível dos gestores, pois a burocracia dificulta esses artistas terem acesso a passagens ou um transporte que leve os mesmos até festivais ou outras cidades.
- Falta de maior apoio governamental mediante política cultural que contemple efetivamente a inclusão dos artistas locais em suas diferentes linguagens.
- Incentivo, público, espaço.
- Capital para investimento em trabalhos autorais.
- Manutenção do acervo expositivo (financeiro)
- 1. Falta de patrocínios independentes, 2. Falta de apoio público p a formação de cooperativas culturais, 3. Inoperância dos equipamentos culturais nos fins de semana.
- Pessoa qualificado; financeira e divulgação.
- Falta de apoio financeiro, valorização do trabalho, falta de projetos de incentivo.
- Ser confundida com os artistas que não tem uma graduação em musica
- Falta de Pista adequada, falta de patrocínio, discriminação.
- Patrocínio, apoio, local para apresentação.
- Falta de patrocínio
- Falta de Patrocínio, Falta de Espaços que comportem o tipo de evento, Falta de Incentivos a essa cultura.
- Verba, espaço, equipamentos.
- Políticas públicas, burocracia documental e protecionismo empresarial.
- Espaço, apoio e incentivo.
- Falta de valorização, falta de mercado, renda.
- Recurso financeiro
- Profissionalização dos artistas, momento econômico, falta de articulação entre produtores.

- Recurso financeiro, editora, divulgação do livro.
- Recurso, patrocínio, divulgação.
- Compra de materiais e exposição
- Falta de produtor, de divulgador e de patrocinador.
- Falta de projetos que comportem de forma profissional o trabalho do artista. A cidade é um rico celeiro de artistas e manifestações culturais, mais falta apoio por parte dos órgãos públicos, da mídia em massa etc.

17. Sustentabilidade e manutenção (Como o artista, grupo, espaço ou manifestação se sustenta? Descreva as principais formas de captação de recursos, principais patrocinadores etc.).

- Autossustentável: venda de produtos, aulas, consultorias.
- Mantido pela Prefeitura Municipal de Feira de Santana
- Recursos próprios/Alguns poucos editais/Eventos pontuais
- Editais de uma forma geral dentro do nosso segmento, venda de bebidas e comida espetáculos musicais, literários e manifestações populares.
- Há o Procultura uma lei municipal de fomento cultural, mas que nem todos os projetos conseguem a captação. Pois muitas empresas além de não conhecerem o projeto, as dificuldades são diversas. Não há um sustento, quando a bilheteria da pra custear as despesas e pagar um cachê para os artistas há com sobrar uma parte dessa bilheteria que dá para economizar uma parte para a manutenção do próprio espetáculo. Nossos patrocinadores nos ajudam em Serviço, impressão, confecção e divulgação, fazemos permuta de serviços, Damos uma divulgação, uma apresentação, ingressos e até animação na empresa em datas comemorativas. Fazemos trabalhos para empresas o que faz com que o grupo consiga gerar uma economia para investir nos espetáculos. Também fazemos apresentações para escolas no espaço escolar é no Teatro dessa forma conseguimos investir nos trabalhos, e também contactando empresas que possam nos patrocinar.
- A captação de recursos de um projeto ainda é desenvolvida com muita dificuldade. Enfrenta-se também a desconfiança na busca pelo patrocínio de empresas que dependem da aprovação das esferas superiores situadas geralmente no sul do país. Há também a participação dos governos municipal e estadual durante eventos.
- Bilheteria, leis de incentivo.
- Shows na noite em bares e casas noturnas e shows corporativos, festas, eventos, etc.
- Fonte 1: governo do estado (via UEFS); fonte 2: editais de agências de fomento - CNPq, CAPES, FINEP, FAPESB.
- Leis de incentivo fiscal e concursos de poesia e dramaturgia.
- Editais e doações
- Cachês, apresentações solo, aulas de música.
- Pro Cultura e Faz Cultura
- Os próprios artistas
- Trabalho no mercado, apresentações.
- Captação de verbas de patrocínio
- Venda de ingressos

- Uma espécie de subsistência, com verbas de fontes próprias, oriundas de outros trabalhos, como os de revisora e de professora.
- Recursos próprios
- Costuma-se vender lanche no espaço para cobrir custos
- Tudo com minha própria renda
- Taxas mensais pagas pelos participantes para manutenção da casa e dos equipamentos
- Receita própria e receita compulsória do empresariado do comércio.
- Recursos próprios de outras fontes de renda
- Shows com bilheterias.
- Esforços próprios
- Apresentações promovidas por prefeituras, universidades, centros de cultura, eventos particulares ou produções próprias.
- O artista local se mantém com a ocupação de outras atividades fora da área artística, deixando de dar foco a sua carreira como profissional da arte.

20. Pontos positivos (Para você, quais são os pontos positivos da cultura em Feira de Santana?).

- A cultura feirense é bastante diversificada e criativa, resultado de suas características comerciais e polarização econômica. A cidade favorece, de forma crescente, o aparecimento de manifestações artísticas diversas, em vários níveis; os últimos anos têm sido marcados por uma ascensão das artes e da reprodução delas, assim como da formação de público consumidor e formação de plateia. Em se falando de um município do interior da Bahia, o qual também sofre com centralização de recursos na capital, Feira de Santana tem avançado bastante no setor da economia criativa e produção cultura, tendo como suporte setores da sociedade civil organizada promovendo, colaborativamente, muitas atividades de difusão de ideias.
- Celeiro cultural por ser um polo atrator de diversas pessoas que adotam a cidade para morar além da proximidade de cidades vizinhas por ter facilidade de chegar até a cidade muito facilmente. Especialmente no caso da Astronomia, desde a criação de um observatório na Cidade de Feira de Santana, ficamos como um local favorável à prática de observação e estudos do céu.
- Público
- A cidade é altamente cultural pelo seu nome e forma de vida das pessoas, livres já fomos considerados a porteira do sertão.
- Uma plateia que gosta de Arte. Uma cidade cheia de artistas e grupos culturais, plateia sedenta por arte.
- Feira de Santana conta com um notável elenco de artistas da melhor qualidade em todas as linguagens artísticas, que podem ser melhor aproveitados, abrindo mais espaços para a sua valorização. O governo municipal promove eventos, como o festival vozes da terra, festival de violeiros, natal encantado etc.
- Boa quantidade de teatros, público fiel e aberto, vários eventos culturais.
- É uma cidade em ascensão e com um gosto musical diversificado e eclético.
- Menos individualista e mais social
- Talentos individuais, herdeiros de uma tradição recente, mas vigorosa.

- Tem um grande arsenal de artistas e de produção autoral; espaços de disseminação em processo de ampliação e adequação.
- A produção independente dos artistas locais
- A atuação continua dos artistas independente de ter ou não o cachê
- Talento dos nossos artistas
- Os grupos existentes e as poucas ações que visam reanimar a arte na cidade
- Muitos artistas de qualidade na cidade
- São muito bem trabalhados quando não tem fins de retorno financeiro
- A quantidade de artistas e de vontade de fazer, com um público em expansão.
- A criatividade dos nossos artistas
- Diversidade e um berço de talentos
- Criatividade, diversidade, talento de sobra.
- O protagonismo voluntário dos artistas; a localização estratégica da cidade, atraído desta forma artistas de outras regiões.
- Diversidade de linguagem, múltiplos pontos de realização.
- Espaços físicos; demanda da população por cultura e arte; artistas que são referências; muita história para contar.
- Bons artistas lutando contra a maré...
- Diversidade de expressões e ultramoderna.
- Existe na Câmara de vereadores um plano de cultura dependendo de aprovação. Existem alguns centros culturais e alguns teatros na cidade
- O grande número de artistas criativos e manifestações culturais de fundamental importância para o desenvolvimento do local.

21. Pontos negativos (Em sua opinião, quais são os pontos negativos ou carências do município na área cultural?).

- A falta de incentivo governamental, principalmente por parte do poder executivo municipal, em encarar a produção cultural como viés econômico, educacional e de desenvolvimento social. O retardamento político governamental que tende a encarar as pastas voltadas para a cultura como promotora de eventos e uma estrutura em geral que não valoriza a produção local. Aponto também como dificuldades a alocação de pessoas incompetentes, em sua maioria, em cargos que exigem conhecimento amplo das seguintes questões; o permanente balcão de favores a artistas; dismantelo do patrimônio histórico em prol de um crescimento desordenado do espaço urbano; agressões ao meio ambiente natural e urbano; falta de planejamento social (o que afeta diretamente o cultivo das artes) e, ainda uma negação às tendências nacionais de desenvolvimento e inclusão social.
- Identificação da população como um consumidor de cultura além dos itens que vêm acessórios (cerveja, comidas, pipoca etc.). Sempre deve haver um consumo indireto associado para ter a valorização do espaço ou atividade. (acho que isso é um modelo!).
- Os artistas não tem apoio para apresentações em espaços públicos. Quando cedem espaço dificilmente tem cachê, infraestrutura fragilizada e pouca divulgação. Os espaços comerciais ditos até "culturais" que na realidade são bares, não permitem aos artistas o controle ou transparência do seu rendimento de bilheteria.

- Depois que instituíram essa frase PORTAL DO SERTÃO em vez de melhorar, piorou, se tornou uma ofensa à cultura sertânica aqui desenvolvida sem o aproveitamento dos nossos símbolos: o vaqueiro, o campo do gado e o centro dos feirantes e seus festejos populares.
- Qualificação pros artistas, formação de técnicos através de cursos contínuos, pois não temos cursos de formação, apenas oficinas de iniciação. Projetos de formação de plateia, Festivais envolvendo diversas linguagens artísticas ou específicos. Espaços culturais deficientes que não oferecem recursos para alguns espetáculos, e Acessibilidade. Imprensa especializada em diversas linguagens artísticas e crítica cultural. Programação que dure o ano inteiro e não apenas após as festas momescas, há uma baixa na programação cultural da cidade durante os meses de janeiro, fevereiro, março até a chegada da Micareta, a cidade só respira arte após este período e de vez em quando. há fim de semana onde não há apresentações em nenhum teatro.
- Falta o governo municipal estabelecer uma agenda cultural durante o ano abrangendo os diversos segmentos artísticos. Desenvolver uma política de cultura destinada aos alunos da rede municipal de educação.
- Teatros mal estruturados, teatros pouco disponíveis para os artistas, captação difícil (muita demanda e pouco dinheiro).
- Não existe apoio e nem uma postura séria e/ou honesta dos órgãos responsáveis pela cultura local.
- Integração das diversas ações por um órgão
- Gestores culturais incompetentes, insensíveis ao nível de carência cultural de uma população multiculturalista.
- Não há um investimento substancial na formação de público e plateia bem como, a integração multisetorial entre poderes (público-privado) para o desenvolvimento de atividades intra e inter-comunitárias partindo da escola como eixo vertebrador: a arte na escola e para a comunidade!
- Ausência de um plano de cultura que valorize o artista local, falta espaços e agendas que priorizem o artista da terra.
- A falta de seriedade quanto aos valores de contratação
- Falta de apoio
- Falta de apoio, incentivos e investimento na arte.
- Falta apoio financeiro para desenvolver os projetos
- Pouca divulgação e interesse por parte de apoiadores em potencial
- Financiamento, divulgação inadequada, disponibilidade de espaço, equipamentos e de pessoas para o trabalho, além de uma formação precária dos artistas e da comunidade - daqueles, sobre ações e direitos; desta, sobre o sentido e o valor que a arte possui.
- Falta de investimento
- Falta de apoio e certo desinteresse da própria população, mas que pode ser revertido a partir de frequentes eventos de difusão cultural.
- Pouca oportunidade
- Falta de políticas públicas de fomento para a realização de eventos, incentivo a atividade cultural e formação de público.
- Poucos grupos profissionais para o aporte do município

- Incentivo financeiro; espaços físicos ao ar livre; divulgação no próprio município e outras cidades, quiçá em outros países; capacitação para artistas e produtores; parcerias com universidades, escolas, instituições e outras entidades.
- Há Poucas oportunidades que são distribuídas de forma errônea.
- Dificuldades financeiras para manutenção e desinteresse de patrocinadores
- Sem a aprovação do plano de cultura pela Câmara de vereadores a cidade não pode participar de incentivos oferecidos pelos editais dos governos estadual e federal. Sem produtores culturais os centros e teatros ficam sem assiduidade.
- Falta de projetos que venham suprir as necessidades dos artistas. A falta de apoio da área pública e privada. A mídia em massa só atende o conteúdo (comercial) e mesmo assim os de fora da cidade.

22. Formação e capacitação (Em sua opinião, quais são as principais necessidades do município na área da formação no campo da arte e da cultura?).

Outras sugestões:

- Formação de publico e uma agenda cultural
- Incentivos a nível de investimento que mantenha o artista além de todos os itens acima citados.
- Nível superior em Musica pela UFBA
- Tudo isso junto, e algo a mais que venha somar para a área cultural.
- Curso de formação para os Gestores dos espaços culturais, para que eles possam pensar no coletivo e não apenas daqueles que são amigos ou da simpatia dos mesmos.

23. Equipamentos culturais (Em sua opinião, o que falta na cidade em termos de espaços físicos para a prática artística e cultural - ex: cinemas, teatros, museu, casa de show, etc.)?

- Os espaços que restam precisam funcionar de fato em atendimento a uma demanda que raciocina não apenas das 09h às 12h e torna a funcionar das 14h às 17h. A ocupação desses espaços precisa ser inclusiva, diversificada e atraente. Quanto às carências de espaços físicos, talvez a maior delas esteja em seu bom funcionamento e distribuição pela cidade.
- Mais cinemas de outras bandeiras
- Casa de Show (dançante)
- Falta inclusão divulgação de massa, espaço tem.
- Faltam teatros com mais recurso de iluminação, fosso, palco giratório, Pé direito alto, Proscênio, Linóleo, Teatro de arenas equipados com acústica, temos espaços que eram pra ser auditórios e com pouca acústica. Os museus não funcionam fim de semana e a programação dos cinemas é fraca demais.
- A cidade passou a contar com novos espaços, mas ainda carece de um teatro municipal preparado para grandes espetáculos e que comporte um público maior.
- Cinema, teatros melhores estruturados.
- Espaços adequados para shows, principalmente teatrais!
- A cidade oferece estes espaços, porém falta uma maior divulgação e apoio para alguns eventos culturais.

- Equipamentos culturais c programação dinâmica e criativa, q atinja os anseios da classe artística e da população como um todo. É surreal o fato de q a grande maioria dos equipamentos culturais feirenses mantenha suas portas fechadas nos fins de semana!
- Já foi pior! Contudo, está melhorando, mas é preciso mais investimentos em equipamentos culturais mais próximos das comunidades periféricas.
- Teatros
- Skate
- Melhor o que se tem e construir novos
- Equipamentos
- "Tudo", falta um local com salas para oficinas e atividades, um teatro para realização de eventos com boa localização, incentivo tanto pelo setor público como privado, espaços para divulgação, entre outros
- Espaços bem equipados e um cinema com uma programação mais abrangente e menos comercial.
- Cinemas
- Casa de show, cinemas e espaço para organização de evento do mesmo.
- Teatros, museus com estruturas maiores com e mais equipamentos e que as pessoas possam ter acesso todos os dias.
- A cidade conta com bons espaços de teatros. Apenas dois Museus com atividade muito tímida. Cinema existe apenas 1 (um). Casa de show existem algumas, mas apenas uma goza de estrutura razoável.
- Cinemas alternativos
- Parques, cinemas e casas de show.
- Os espaços existentes só precisam de mídia para atraí o público.
- Carência de todos os espaços culturais mencionados.
- Faltam sim alguns equipamentos, mas se os já instalados fossem devidamente utilizados, já resolveria uma parte dos problemas.

24. Práticas culturais ao ar livre (Em sua opinião, o que falta na cidade em termos de espaços para a prática artística e cultural ao ar livre - ex: praças, parques, locais de encontro, largos, outros espaços abertos?).

- A cidade tem sido muito usada ultimamente, por consequência da carência de espaços abertos às atividades culturais, principalmente as ruas, as quais têm sido preenchidas por manifestações artísticas (muitas repreendidas pelo poder coercitivo do "Estado"). Em se falando das praças, nem todas tem sido pensadas para usufruto e sim como vitrine de gestão governamental, uma pendência na capacitação urbanística e executiva que possuímos. No entanto, as coisas vêm ocorrendo por vontade dos coletivos!
- Não sei
- Praças com palcos ou largos
- Do ponto de vista rua, é só invadir, mas falta incentivo.
- Programação e segurança. e espaços com condições dos artistas apresentarem.
- Faltam melhor estruturação e adequação desses espaços por parte do poder público
- Segurança nesses locais, temos muitas praças mal aproveitadas.
- Não sei informar. Não sinto essa necessidade.

- Existem tais espaços, mas precisam ser adequados dentro de uma programação cultural e continuada.
- Há locais e espaços suficientes, mas faltam administradores públicos competentes.
- Disseminação da arte e cultura popular em espaços comunitários: formação de público e plateia
- Praças, locais de encontro.
- Segurança e investimentos
- Reunir os grupos e elaborar os projetos
- Sempre reclamamos da falta de Parques em Feira de Santana ou de espaços abertos para realizar atividades simples como piquenique ou atividades ao ar livre
- Segurança, limpeza e pessoal de apoio.
- Outros espaços abertos
- Espaço com uma boa localização
- Locais mais seguros e esportivos também que permitam acesso da comunidade em geral
- Existem esses espaços, só precisam ser mais fomentados.
- Não vejo carência nesse aspecto
- Praças, parques, locais de convivência.
- Logística e infraestrutura, para ocupação dos espaços existentes.
- Poucos espaços culturais apontados.
- Falta ocupação nos espaços já existentes como: praças, arenas, parques, mas com as devidas estruturas de segurança, acessibilidade, iluminação etc.

25. Quais são as organizações do terceiro setor, fundações, ONGs, oscips ou associações que atuam ou poderiam atuar no campo cultural em Feira de Santana? (Favor citar as que você conhece.).

- Companhia Cuca de teatro / clube de fotografia de feira de Santana / Clube de astronomia de feira de Santana
- Instituto de Cooperação Belgo-brasileira para o Desenvolvimento Social (Disopbrasil)
- Instituto Oduodara, Quixabeira da matinha, Ponto de Cultura ORCARE, Cidade da Cultura.
- A Fundação Egberto Costa poderia ter projetos internos de formação artísticas, Crie cursos e não somente oficinas. e que tenham editais próprios que contemplem diversas linguagens. As ONGs Glich e outras LGBT possam trazer a cidadania para este publico saindo somente do evento da Parada LGBT e criando ações artísticas e profissionalização dessa área para este segmento. A criação de uma Escola de Teatro com um curso de formação de técnicos e atores. Que já existiu no Cuca pela UEFS, mas que foi extinta no fim da década de noventa. As empresas privadas que detém uma responsabilidade social poderia contratar os grupos locais para se apresentar para a comunidade e não só trazer de fora os grupos que tem projetos da Lei Rouanet, de graça não cria a consciência de que a arte tem um valor. O público entra em um comparativo e não valora os trabalhos dos grupos da cidade, sempre criando a ideia do melhor é o que vem de fora. As entidades Afro podem resgatar a memória cultural local,

resgatando as vestimentas das baianas nas vendedoras de acarajés da cidade..hoje não se vê Baiana e sim vendedoras de acarajés. Esse é um trabalho de conscientização que podem vir desses coletivos Afros.

- SESC, Belgo Bekaert, Câmara De Dirigentes Lojistas, Cdl, Associação Comercial, Fundação Sr. Dos Passos.
- Não conheço nenhuma
- Não as conheço. Não sei responder.
- Academia de Letras e Artes, Ponto Cidade da Cultura, Fundação Egberto Costa, Allegro Academia de Dança, SESC Feira, ARTFS etc.
- Fundação Cultural Egberto Costa
- Funtitec e Orcare
- Leandro Souza
- Art'map, O beco é nosso, Moto clubes, dentre muitos outros.
- Não conheço
- Desconheço.
- Malungo centro de Cultura - Afro pop
- FeiraColetivo
- SESC, Fundação Egberto Costa, Feira Coletivo Cultural, Movimento o Beco é Nosso, Fundação Cultural do Estado da Bahia, SESI, Sest, Companhia CUCA, UEFS, CUCA.
- Casa de cultura malungo, mercado de arte popular-map
- As ONGS não tem qualificação para promover à arte e sim os próprios artistas.
- Todos os supra referidos.
- UEFS e Cuca quando atuam sempre dependem de apoio financeiro do governo do estado por serem entidades vinculadas ao mesmo.
- Muitos, a própria UEFS poderia atuar mais mesmo não sendo do terceiro setor, mas em fim, todas as instituições instaladas na cidade que possam contribuir para a cultura e o desenvolvimento do município.

26. Cultura e desenvolvimento local (Em sua opinião, que ações poderiam ser desenvolvidas no município na área cultural para promoção do desenvolvimento local?).

- Muda a mentalidade governamental é um bom começo
- Uma agenda com uma programação do que fazer e para onde ir localmente visita ao museu com uma programação mais extensa.
- Festivais/Capacitações/Feiras
- Levar ao povo que não nos conhece a oportunidade mútua, a troca de conhecimentos através das escolas públicas.
- Festivais, Feiras, congressos, Cursos de formação artísticas e de gestão cultural de grupos e coletivos. Feiras de artesanatos onde o valor possa se dar de diversas formas, essa economia criativa não deve se limitar apenas ao dinheiro, mas a troca daquilo que você pode produzir de forma criativa e trocar.
- A prefeitura de feira de Santana deve elaborar um projeto abrangendo a cultura popular sertaneja explorando espaços como o campo do gado, museu de arte contemporânea, mercado de arte popular e distritos do município.
- Formação de público, eventos que estimulem isso, propagandas.

- Concertos com música clássica, com música popular de qualidade, com bons artistas que não têm acesso à mídia, com história da música, história do carnaval, histórico dos eventos que estão perdendo a sua essência.
- Levantamento de todos os potenciais existentes na cidade e a divulgação destes na cidade, através de uma agenda continuada.
- Gincanas culturais p estudantes das redes pública e privada, festivais musicais e teatrais, apresentações de dança ao ar livre, concursos de artes visuais e literários etc.
- Articular, mobilizar e sensibilizar atores sociais e entes fomentadores para ações integradas nas escolas e espaços comunitários. Falta investir na ponta!
- Priorização do dinheiro destinado às festas no município a atividades produzidas por artistas locais
- Mais projetos de captação cultural
- Praça de alimentação
- Atividades culturais nos bairros, incentivando a juventude para as artes.
- Ações em bairros, em distritos, participação em eventos culturais existentes (como o AniHime e o Feira Noise), etc.
- Cursos de formação cultural, no sentido da gestão etc., e ampla divulgação para a comunidade sobre realizações culturais e o que elas significam e implicam.
- Festas populares
- Projetos culturais mensais em praças.
- Bolsas para os alunos fazerem cursos em qualquer tipo de arte, ganhar os instrumentos musicais se for fazer curso de musica, telas e pinceis se de artes, figurino e cenário se teatro, etc. Condições para a comunidade carente possa se manter fazendo o curso.
- Fomento financeiro para a realização de atividades que dessem visibilidade as manifestações culturais locais.
- Capacitação com Diretores e artistas para profissionalização dos grupos locais.
- Premiação dos artistas; publicidade e propaganda dos artistas feirenses; incentivos e esclarecimento da lei Rouanet às empresas e cidadãos para possibilitar parte do imposto de renda às ações culturais de feira de Santana.
- Capacitação aos artistas e gestores culturais.
- Concursos culturais; exposições de arte; saraus de poesias; coquetéis de lançamento de obras literárias; eventos de premiação dos melhores, etc.
- Cursos de capacitação física, tecnológica, logística e conhecimento das leis de incentivo e participações em editais.
- Arte nas escolas de forma mais intensa, projetos nós bairros, que são projetos de formação de público e incentivo aos artistas anônimos entre outros projetos de maior estrutura.

27. Sugestões (O que você acha que deveria ser prioritário em termos de projetos e ações culturais na cidade?).

- A aprovação do Plano Municipal de Cultura, assim como do Fundo Municipal de Cultura será de fundamental importância. Mas, em se tratando de ações outras, prioritárias, está o incentivo financeiro na formação e capacitação de agentes culturais.

- Saber o que há o que existe e potencializar estes atores com ferramentas mais modernas de gestão e atendimento ao público. Uma profissionalização de atividades culturais. Museológicas e de atendimento de uma maneira geral. Saber que o visitante ou público está para ser cativado e atendido em sua expectativa. E surpreende-lo para que volte.
- Formação
- Respeito pelo poder público às nossas reivindicações e deixar de tratar-nos "tudo por um quilo".
- O resgate dos antigos projetos que já houveram na cidade envolvendo todas as linguagens como Feirarte, Projeto Chocalho de Cabra, Festival Nacional e Nordeste de Teatro de Feira de Santana, A criação do Curso Livre de Atores e Técnicos da Arte do Espetáculo com duração em 1 ano. Formação de Espectadores de diversas áreas envolvendo os coletivos e grupos artísticos da cidade.
- Falta ao governo municipal estabelecer uma agenda cultural durante o ano, abrangendo os diversos segmentos artísticos. Desenvolver uma política de cultura destinada aos alunos da rede municipal de educação.
- Um bom teatro
- Primeiramente pessoas sérias e honestas que realmente estivessem interessados na cultura e tivessem o mínimo de conhecimento no assunto.
- Levantamento dos potenciais existentes e a integração dos mesmos
- Oficinas de formação artística em escolas públicas, creches e instituições ligadas à 3ª idade.
- Criação de um Fundo Municipal de Cultura e cursos de extensão universitária para formação artístico-cultural
- Projetos que fale da cidade. seu canto...sua história pra uma geração que não conhece a cidade onde vive
- Menos pergunta mais ação
- Projetos e ações aberto ao público deficientes e idosos
- Criação de espaços para realização de eventos, apoio financeiro, presença em eventos.
- Além da formação e conscientização, aumento e descentralização de financiamentos.
- Ações que envolvam a comunidade
- Aulas de música ou dança nas escolas Estaduais.
- Atingir o maior número de pessoas e com a maior variedade de cursos artísticos
- Maior abertura de diálogo entre a Secretaria de cultura e agentes culturais locais e a criação e execução de um Plano Municipal de Cultura.
- Incentivo a projetos em espaços abertos (praças e parques).
- Maior recurso financeiro; divulgação do material artístico e publicidade do artista; incentivos e esclarecimento da lei Rouanet às empresas e cidadãos para possibilitar parte do imposto de renda às ações culturais de feira de Santana; buscar parcerias.
- O fomento pelos próprios artistas e gestores culturais.
- Estímulos financeiros ao artista através de projetos sociais ligados as classes menos favorecidas e com problemas sociais.

- Idem ao item 25. Sem o conhecimento de sua própria cultura a cidade, como um todo, não sente a ausência da mesma.
- O apoio a projetos e artistas locais oportunizando aqueles que não dispõem de recursos ou até conhecimento para desenvolver e expandir seus trabalhos artísticos.

29. Sobre a Belgo Bekaert Arames / ArcelorMittal Feira de Santana - Caso conheça (Cite e descreva os projetos e ações que você conhece ou já ouviu falar)

- Espetáculos teatrais de excelente qualidade e oficina de musica em escola pública
- Ainda nenhum, perdoe-me se existe.
- O Projeto de Teatro que acontece da Cdl, e o apoio a um projeto de música com jovens da região do Tomba.
- Dentre os eventos, podemos destacar a afluência de público para assistir a espetáculos teatrais.
- Palco giratório
- Nunca havia ouvido falar. Nesse momento, entrei na internet para ver do que se trata.
- Desenvolvimento comunitário
- Exibição de espetáculos cênicos e oficinas artísticas.
- Não conheço nenhum, mas, só ouvi falar das empresas.
- Aula de violino e flauta pra escola pública municipal
- Teatro aberto à comunidade
- Circuito belgo SESC
- O circuito de teatro para crianças
- Nas escolas públicas, concurso de desenho infantil, teste de visão.
- Patrocínio a Grupos Teatrais.
- Circuito de teatro infantil na cdl em feira de Santana

30. Considerações finais (Você teria mais alguma sugestão ou comentário a acrescentar?).

- Como diria o poeta Zecalu, "A vida irrita a arte", e é por conta desse incômodo gerado pela falta de noção do que representa a identidade de um povo, por parte da estrutura governamental da cidade, é que nós, artistas, estamos sempre mobilizados e em produção permanente.
- A cidade de Feira de Santana é um polo para onde vem diariamente um público muito grande de municípios vizinhos e pouco aproveitado culturalmente. Atraído por sua necessidade por bens ou serviços.
- Indicação da data a devolução dessa pesquisa em um seminário ou publicação
- Todo artista de Feira de Santana que se considera artista "ele sangra" para não morrer precocemente, " inventei ser artista independente"
- Que as Leis saiam dos papéis, que possamos ter uma política cultural voltada pro coletivo e não pro microcosmo. Que a Feira contemple as diversas linguagens artísticas nessa miscelânea de seres criadores da arte vencendo as barreiras do pensamento e atitudes provincianas e excludentes. Gratidão pela bela iniciativa de nos ajudar, de poder mudar essa cidade e valorar o que há de bom nela.

- Em nome de uma pseudo "diversidade", a cultura de um povo submerge a cada dia, abocanhada pelos gananciosos e irresponsáveis que só visualizam o lucro imediatista, sucateando assim, os verdadeiros valores do que se poderia ser considerado cultura!
- Incrementar essa discussão para iniciar um processo diferenciado na cidade
- Gostaria de ver mais intercâmbios entre grupos artísticos locais e outros de fora (do estado e do país).
- Obrigado, tamo junto, ufa cansei.
- Deveria ter mais apoio aos pequenos grupos existentes na cidade
- A juventude está perdida com a qualidade de nossa música contemporânea, quando for investir em um projeto analisar antes a qualidade do material que vai ser divulgado nos eventos.
- Viva a Cultura
- Agradecimento pelo espaço concebido.
- Reestruturar o acesso à cultura dos moradores de cidades como Feira de Santana, com muito potencial e poucas oportunidades.
- Reforçar a necessidade de usufruir da lei Rouanet
- Criatividade artística tem que ser exercida e executada pelos próprios artistas.
- Estou disponível para participar de qualquer desenvolvimento na área cultural nesta cidade.
- Parabéns a Belgo pela iniciativa deste mapeamento aqui na nossa cidade e por suas ações nas áreas institucionais. Espero que seja colocado em prática todo esse banco de dados o que iria beneficiar por demais o desenvolvimento de Feira de Santana.

Anexo 2 - Relatos Grupos de Discussão

(transcrição literal das falas mais representativas dos grupos de discussão, segundo temas)

Referências às potencialidades da cultura de Feira de Santana

- Por falta de atrativos naturais, Feira precisa investir em cultura. Está tudo na mesa. Os ingredientes estão todos aí. Temos equipamentos e temos produção cultural de qualidade.
- Precisamos investir na identidade feirense. Nós temos cultura em Feira. Eu poderia citar uma ação de cada segmento.
- Eu acho que Feira vive seu melhor momento. O cenário já esteve pior.
- Hoje Feira de Santana está efervescente.
- As coisas estão acontecendo extraoficialmente. A gente está sentindo isso. A cultura está fervendo em Feira de Santana. Os políticos não entenderam isso ainda, mas a coisa está crescendo muito.
- Em 2013 o Secretário de Cultura solicitou a implantação de uma orquestra aqui no município. Trabalhamos na elaboração deste projeto em 2014. Aí este projeto saiu da Secretaria de Cultura e foi para a Secretaria de Educação. O município investiu R\$ 1 milhão na compra dos instrumentos, uma orquestra completa. A gente atende vinte escolas com aulas de música, com o Programa Música nas Escolas. Criamos a Orquestra Sinfônica Infanto-Juvenil, aberta a todas as escolas municipais. Além disso, temos corais em trinta escolas.
- Nas conferências de cultura, reivindicamos novos centros de cultura e reforma dos existentes. Conseguimos reformas em todos os espaços. Isso saiu do fórum dos artistas de Feira de Santana.
- Feira hoje tem uma vocação muito forte para a astronomia. Recebemos no ano passado 180 grupos de fora da cidade.
- O Beco começou e foi agregando valores por uma necessidade de espaço. O Beco tem um projeto que é “O Beco é Nosso”, mas é um espaço cultural aberto a qualquer projeto que chegue. É uma proposta autogerida, mas que tem que ter uma organização, senão a coisa não anda.
- O Beco funcionou porque conseguimos juntar artistas de vertentes diferentes, públicos diferentes. Juntamos rock com forró, oficinas de turbantes, de máscaras, de bonecas, grafite, violão e artistas que já têm nome na cidade. Tudo isso dentro da zona de prostituição. Gente de todas as tribos.
- Hoje o Beco gera renda para as mulheres. Mexemos na questão da limpeza. O Beco era sujo e funcionava como mictório. Fizemos um mijador. Levamos médicos para medir pressão. Tivemos não apenas a questão artística, mas também a questão social.
- No Beco existem cinco casas de prostituição. Uma das principais intenções no Beco era fortalecer a movimentação das casas. A transformação começou com o grafite, mas depois eu percebi que dava para crescer mais, com shows, exposições, workshops e um monte de atividades culturais. A gente consegue movimentar o local de uma forma que gera renda para as casas, para a comunidade. A gente não ganha dinheiro. Às vezes a gente bota dinheiro.

- Tenho sentido que algumas pessoas aparecem mais. Isso porque estão com mais energia, mais vontade. Todos do Beco têm seus projetos individuais, mas quando a gente fala no Beco, a gente pensa no coletivo.
- Hoje nos articulamos mais, mas as coisas acontecem porque os artistas estão buscando formas de fazer independentemente da lei.
- Se informação é o primeiro nome, articulação é o sobrenome.

Referências às fragilidades da cultura de Feira de Santana

- Para mim já passou do tempo de pensar a cultura de Feira para além dos eventos pontuais. Sinto falta de algo mais de base, mas acho que essa discussão já está acontecendo.
- Feira de Santana tem o turismo de negócios, mas vivo dizendo que Feira precisa atrair pela sua cultura, pela sua identidade. É preciso oferecer um cardápio cultural que possa atrair as pessoas.
- A cidade tem um calendário oficial de festejos, mas que fica naqueles eventos que têm porte midiático e repercussão.
- A cultura popular tem certa carência de políticas públicas na zona urbana e na zona rural isso se agrava um pouco mais. Em Feira infelizmente nós temos esta realidade.
- Feira de Santana tem uma política de fomento que é o Pro Cultura e Esporte, mas que exclui certos segmentos da cultura popular. Fazendo uma análise histórica, você não tem nenhuma política de fomento ou cadastramento dos grupos de cultura popular.
- Precisamos realmente discutir nossos modelos. Qual seria o melhor modelo para que a coisa fosse mais acessível? Temos várias atividades em que você tem 10 ou 15 pessoas na plateia. Isso incomoda. Passa por várias questões como, por exemplo, o transporte. O acesso aos espaços às vezes impossibilita a frequência. Você não tem linhas de ônibus que passam por esses espaços. O transporte pode ser um problema, a comunicação também.
- Temos também problemas com o transporte público. Os ônibus não passam pelos teatros. Não têm pontos próximos.
- Ainda existe o tabu: “não é adequado para mim ir ao museu ou ao teatro”. Isso é coisa de gente muito culta e muito chique. “Não tenho roupa adequada”.
- A gente vê isso no SESC. Teoricamente todas as nossas ações deveriam ser direcionadas ao comerciário e seus familiares. Mas temos muita dificuldade de levar o comerciário ao teatro. Ele não entende que é digno de estar no teatro. Estamos muito bem em termos de equipamentos de lazer. O problema é de formação de público. Este é um trabalho que precisa ser feito na cidade: tirar da cabeça do feirense que a programação é uma coisa da elite.
- Temos alguns espaços. O problema é como estes espaços são ocupados e em que estado físico e material esses espaços se encontram.
- Temos os espaços, mas eles, além de não estarem bem cuidados, não disponibilizam todas as ferramentas e nem sempre têm contingente de pessoal para atendimento às necessidades mais básicas de um espetáculo.
- Existem espaços culturais, mas você não tem infraestrutura básica para atuar nesses espaços. É muito raro a gente trabalhar com cachê. Cuidar de tudo e ainda ter que cuidar da infraestrutura de equipamentos do lugar? É preciso que isso

apareça neste diagnóstico: a infraestrutura não atende à demanda básica dos profissionais da classe artística.

- Os funcionários da casa apenas ligam os aparelhos e você tem que contratar técnicos. Eles não informam isso a quem pleiteia a pauta. Há informações que deveriam ser passadas no momento do fechamento da pauta.
- Existe um problema em Feira que vai além da infraestrutura. É a ocupação desses espaços e o modo como as políticas são conduzidas nesse sentido.
- A grande crítica é sobre como os espaços de cultura são gerenciados.
- Os períodos para solicitação de pautas não são divulgados.
- Temos que pagar pauta até para fazer espetáculos para escolas públicas.
- Falando com bastante honestidade, sem diplomacia: o Governo vê o beneficiário da infraestrutura o artista, e não a comunidade. É uma visão deturpadíssima.
- Quando vem um artista de fora, aparece milagrosamente uma estrutura de primeiro mundo. Mas conosco não aparece uma estrutura de primeira. Isso nos desvaloriza.
- Aí as pessoas pensam: o que é de fora é que é bom. Sem estrutura você não tem possibilidade de oferecer o seu melhor.
- Estão vindo de fora grupos com megaestrutura, com vários ônibus. Eles fecham pautas e, quando nós aqui da cidade pedimos, temos dificuldades. Eles estão levando alunos de escolas particulares, de segunda a domingo, cobrando R\$ 30,00. É uma concorrência desleal.
- Às vezes não temos nem lugar para ensaiar. Não conseguimos espaços públicos. O discurso do poder público é: o que é você vai me dar em troca?
- Temos artistas de peso, mas nossa cidade não abraça para evidenciar esse trabalho como patrimônio. O que me entristece é que a cidade tem uma memória mais comercial do que artística. Ela não preserva a memória artística. A gente vê projetos que começam e acabam. Eu comecei minha carreira em um projeto de oficinas que existia.
- Muitas pessoas saem daqui porque a cidade não oferece estrutura.
- Nos anos 70 a vida cultural em Feira era bem aquecida. Havia um grande teatro em Feira de Santana, o Santanópolis. Era um espaço importante que deixou de existir. Eu acho que isso foi um crime.
- O apoio em Feira de Santana é pouco. Faço um trabalho ambiental e falta educação para as pessoas. As pessoas jogam lixo nas ruas. Eu vou mais em colégios particulares, e não nas públicas. Poderíamos fazer campanhas, diminuir a quantidade de lixo, reciclar.
- Há poucos imóveis tombados no município: o prédio do CUCA, o Paço Municipal, a Igreja Senhor dos Passos, o Mercado de Arte Popular, o Paineiro Lênio Braga na Rodoviária, a Igreja dos Remédios, o Casarão Fróes da Mota, a Escola Maria Quitéria
- Memória e identidade. Existe uma demanda de registros da memória para identidade.
- Precisamos preservar o patrimônio material e imaterial. Nossa arquitetura quase acabou. Está tudo virando estacionamento.
- Existem vídeos mostrando a demolição de casarões em Feira. As pessoas vão passando como se fosse uma coisa normal. A casa sendo destruída a marretadas...

- Em Cachoeira temos uma realidade de preservação. A gente tem um diferencial: uma magia que tem na cidade, que é a identidade. Sinto que em Feira isso não acontece.
- Fico preocupado com a memória. Quero editar meus livros. Já ganhei prêmios, consegui espaço em Salvador (TCA), mas aqui não consigo. Às vezes você tem no poder público pessoas que não abrem espaço. Eu não entendo isso. Eu faço teatro com apoio da comunidade.
- Gostaria de dizer alguma coisa sobre a divulgação. Morei muito tempo fora e estou de volta na cidade e as informações não chegam até mim. Em Feira não tem um canal.
- Quem conhece o Viva Feira é quem está no meio, no circuito da cultura.
- Ninguém traz público de uma hora para outra. Eu questiono muito a forma de divulgação da cultura em Feira de Santana. É preciso haver um chamamento que toque o público. É preciso saber anunciar os eventos. Que público você quer atingir? Como esse público vai atender ao meu chamamento? O projeto pode ser bom, mas a forma de divulgar precisa ser pensada para atrair aquele público.
- Em Feira as autarquias praticamente não existem. Nós só temos na cidade a Fundação Cultural. Não temos essa experiência de gestão. A falta dessa experiência prática talvez tenha nos levado a este estado em que estamos.
- A unificação das instâncias é outro ponto que vale considerar. O Município tem dificuldade de conversar com as instâncias do Estado.

Referências à questão do uso de espaços públicos para a cultura na cidade

- Precisamos falar também do aproveitamento dos espaços públicos como equipamentos culturais. Mesmo com tudo certo, tudo autorizado pelo poder público, você chega lá e a praça está suja, tem dificuldades com a ligação de energia. O pessoal da capoeira está sofrendo com isso.
- Nas praças, o maior problema é de segurança. A Prefeitura não disponibiliza guardas municipais para os locais dos eventos.
- Nós não temos em Feira teatro de rua. Eu preparo um espetáculo para palco italiano e depois vou para a rua, vou apresentar em escolas.

Referências às relações entre cultura e educação na cidade

- Eu acho importante agendar pautas no Planetário para que ele possa ser usado como sala de aula. Alguns astrônomos amadores e professores têm lá uma agenda especial.
- No Planetário temos uma agenda e, com isso, a gente consegue que, espontaneamente, as pessoas programem suas visitas. Sabe o que acontece? A gente programa o espaço, o planetarista, liga as máquinas, prepara tudo e a escola não vem. Ela não pagou nada por isso e ocupou o espaço. E às vezes nem ligam para cancelar. Isso é um desastre. É um equipamento super caro. Se a escola cobrasse R\$ 1,00 de cada aluno, o constrangimento de um eventual cancelamento seria maior para a professora. Ela ia brigar por conta do cancelamento do ônibus que traria as crianças.
- Apesar de o Observatório ser uma instituição pública, a maior frequência que temos é particular. Por que? Porque as escolas particulares conseguem chegar no Observatório. O principal motivo dos cancelamentos de visitas é o transporte.

- As escolas precisam ter acesso aos espaços que existem. A questão é como dar acesso. Como fazer com que essas pessoas cheguem a esses espaços? Não existe uma política de acessibilidade.
- Em 2013 eu fiz um registro sobre o nosso trabalho, a fim de que o que se produz na Universidade possa chegar às escolas, que são nosso principal foco. Mas eu percebi que nada ficou disso. Toda vez que a gente tinha uma mudança de gestão na escola, todo aquele trabalho era zerado, destruído literalmente. Com isso, acabei forçado a fazer o que foi proposto na minha formação. É muito mais confortável ficar olhando para o céu, fazendo a minha pesquisa, do que tentar levar parte da cultura e da ciência para as escolas. Confesso que fiquei muito desanimado.
- Tudo que é de graça perde o valor. A escola pública deve ter um tratamento diferente, mas a escola particular não faz nada que não cobre. Então, por que não pagar? Eu não vejo motivo para ser de graça para a escola particular.
- Não temos profissionais de teatro, música e dança para atender as escolas que têm o segundo turno.
- Tenho uma demanda entre as crianças sobre quem são os artistas e escritores da cidade.
- É muito importante o trabalho junto às escolas, para que as crianças convençam seus pais. Mas essas crianças têm que ser tocadas para que isso aconteça.
- É preciso que haja uma mediação, para facilitar o acesso ao público, à escola. Mediação cultural é tornar popular uma linguagem que não é acessível a todo mundo. Por exemplo, meu espetáculo é um drama, mas as pessoas gostam de comédia. Mas elas vão morrer sem conhecer um drama? É preciso que haja um folder sobre o espetáculo, um debate, uma pesquisa que o professor leve para a escola, para que o teatro não seja apenas entretenimento. O aluno pode ir ao espetáculo e ter um olhar mais ampliado.
- Se o professor não tem informação sobre quem foi Maestro Miro, ele vai passar batido. Não vai conseguir fazer a mediação.
- Percebo que os próprios professores têm dificuldades de entender aquilo que está na galeria. A arte contemporânea já traz mais dificuldades de entendimento. Eles têm que se preparar para a mediação.
- Mediação são estratégias de como você vai fazer o público conhecer e entender aquilo que você está apresentando. Para que todas as pessoas, de diferentes formas, entendam sua arte.

Referências aos problemas de formação na área da cultura

- Eu observo que temos produtos culturais importantíssimos, mas que não estão preparados para se beneficiar dos recursos existentes. Muitos não têm documentos e não poderão ser contratados. É preciso oferecer formação a essas pessoas, para que elas possam participar dos eventos, dos festivais.
- Outro desafio grande que temos é o de profissionalizar os artistas da cidade. O SESC tem uma dificuldade tremenda de contratar os artistas de Feira. Temos mais facilidade de contratar grupos de Salvador, de Alagoinhas e de Paulo Afonso do que os daqui. Há uma resistência à profissionalização de seu trabalho. Tentamos realizar uma ação de formação junto ao Sebrae e só um grupo foi à reunião. Os artistas precisam entender que isso é necessário. Esta questão precisa aparecer neste diagnóstico.

- Nos distritos você tem muitas artesãs como eu, mas que na hora de expor os trabalhos se encolhem. Fui a uma exposição e vi coisas lindas, mas na hora de apresentar elas simplesmente puseram as mesas, fizeram uma barreira e ficaram de lá, com vergonha de mostrar. Eu pensei: Meu Deus, como elas vão apresentar o trabalho delas? Elas precisam de mais orientação.
- Nós precisamos de formação. Precisamos preparar os dirigentes dos blocos afro, do samba, da música, para que eles consigam lidar com esse tipo de coisa. Se eu vou participar de um edital, tenho que estar com tudo em cima.
- Acho que seria necessário um advogado para orientar os artistas e grupos com a documentação.
- Acho que o Plano Municipal de Cultura não contempla com clareza as questões formativas.
- Opinião contrária: Eu acho que contempla sim. O plano precisa ser macro. Acho que a formação está entre as metas.
- Nós identificamos que a formação é uma prioridade para Feira. Isso não está claro no Plano.
- Nos últimos anos têm acontecido ações de formação. A qualificação é um dos pontos mais importantes, não apenas na parte da gestão, mas na parte artística.
- Nós precisamos também de formar técnicos de som e de luz. Nós não temos.
- As informações sobre o campo da gestão não estão circulando na cidade. Precisamos trocar experiências.
- Nós já tivemos vários cursos em Feira de Santana, que foram amplamente divulgados, mas que nem todo mundo teve interesse em participar.
- Para mim o grande mote é formação. Formação de artistas, formação de plateia, formação da gestão cultural. Uma maneira de manter a economia criativa realmente funcionando.

Referências ao processo de financiamento à cultura de Feira de Santana

- As empresas de Feira não têm interesse. As indústrias daqui são unidades que não têm autonomia. Elas não têm interesse por projetos locais, salvo algumas raras exceções. Temos excelentes produtores e excelentes projetos. O que falta é a sensibilização de empresas de grande porte da cidade.
- O empresariado em Feira não é educado para apoiar a cultura. Eles dizem: se eu quero ver um espetáculo, pego o meu carro e vou a Salvador. Não há quem oriente o empresário.
- Eu consigo aprovar projeto no Pró Cultura, mas não consigo captar. Chego nas empresas e só falta o segurança prender a gente. A ignorância é gigante.
- O Pró Cultura é um incentivo indireto. Você não recebe o recurso diretamente. Depois de aprovar o projeto ainda tem que captar o recurso junto às empresas. É aí que trava tudo.
- Há anos que eu não capto nada.
- Estou há 44 anos na área cultural, financiando tudo com recursos próprios. É sofrido, não se ganha dinheiro, mas dá para fazer.
- Temos uma Lei Municipal (R\$ 513 mil reais), o Faz Cultura (Estadual), o Fundo de Cultura (Estadual) e as leis federais. Há também os editais particulares.
- A Prefeitura fez um fórum no ano passado para reunir os empresários da cidade. Pouquíssimos apareceram.

- Normalmente os recursos da renúncia fiscal da Lei Municipal são todos captados. A renúncia não é suficiente, mas é um valor importante.
- Uma das nossas fragilidades diz respeito à captação. Nós não temos um setor na Universidade que trabalhe na captação de parceiros. O SESC, por exemplo, é um parceiro fortíssimo do CUCA. Alguém foi lá um dia lá e fez essa parceria. Hoje não temos nem quem fique buscando editais.
- As empresas poderiam, ao invés de trazer projetos novos e pontuais, investir naqueles já existentes.
- Projetos como Caminhada do Folclore, Bando Anunciador, Feira do Livro e Natal Encantado, que são tão importantes para a cidade, devem ser pensados coletivamente. Temos que nos tornar parceiros de fato desses eventos.

Referências explícitas à Prefeitura Municipal de Feira de Santana, à Secretaria Municipal de Cultura e à FUNTITEC

- O que me preocupa é quem está nesses locais. Nem sempre você tem pessoas com habilidade técnica, com conhecimento para saber o que é de fato necessário. Às vezes quem está gerindo esses recursos fica numa sala fechada, tomando decisões que não correspondem à realidade.
- Realmente alguns técnicos que ocupam cargos de natureza política não entendem o trabalho de base. Quem tem o poder de decisão nem sempre conhece a área.
- O foco do artesanato do município está no Centro de Abastecimento. Existe uma situação tensa entre o movimento de artesanato representado pela Associação que está locada no Centro de Abastecimento e a gestão municipal, que quer transformar o local em um shopping popular. O artesanato não se sente contemplado dentro desse novo formato e defende que o recurso, ao invés de ser aplicado no shopping, seja investido no próprio Centro de Abastecimento.
- Houve manifestações e eles tentaram entrar com uma ação na justiça para impedir a obra. Infelizmente o Centro de Abastecimento não é tombado.
- O Reisado de São Vicente já virou uma festa do município. A festa quem faz é a Prefeitura. Depois que ela assumiu, alguns problemas começaram a acontecer. As pessoas reclamavam que algumas atrações não condiziam com uma festa de reisado. Virou mais uma festa de largo do que propriamente um reisado.
- O nosso Reisado é feito pelas pessoas da comunidade, do bairro, sem vínculo nenhum com a Prefeitura. Meu grande medo do vínculo com Governo e Prefeitura é no sentido do dinheiro, da verba. Nós hoje cantamos de graça, pela alegria. Somos nós que investimos no Reisado. A partir do momento que tivermos vínculo com a Prefeitura ou com algum fim lucrativos, as pessoas não vão mais querer tocar por amor. E no dia que não tiver mais dinheiro? Não vai haver mais o Reisado?
- O Natal Encantado foi um grande presente que a Prefeitura deu à cidade. A cidade aproveitou e muito. Foram convidados grupos populares, o Reisado, orquestra, shows, fanfarras, corais, grupos de teatro. Todo mundo foi para a rua.
- Com o Natal Encantado, a Prefeitura gerou um mercado interessante. Ele não foi criado como política mas gerou impacto. Os grupos passaram a se preparar para isso ao longo do ano.

- O Reisado participou do Natal Encantado por dois anos. No ano passado não, pois o evento foi feito numa versão reduzida. A Prefeitura dava o transporte e a merenda. Uma verba de ajuda.
- Na minha concepção, o Natal Encantado foi o evento que a cidade abraçou mais rápido e de maneira mais carinhosa. Tanto que ele logo entrou para a grade oficial do município.
- Tentamos levar nosso trabalho para a Micareta, mas eles acham que a gente quer colocar dinheiro no bolso, como se isso fosse um crime. Esse é o nosso trabalho. Mas vem artista de fora e eles soltam um mundo de dinheiro para todo mundo. Para quem está fazendo acontecer a cultura na cidade não entra nada.
- Os últimos prefeitos de Feira não acompanharam o desenvolvimento do Estado em relação à Lei Orgânica de Cultura, ao Plano Estadual de Cultura e aos fóruns e aos treinamentos de dirigentes de cultura. Ficaram alheios a isso. Agora que a comunidade se mobilizou em torno do Plano Municipal de Cultura é que eles começaram a ligar suas antenas: esse negócio deve ter alguma importância. É por conta dos artistas, que estão se mobilizando, que a coisa está começando a andar.
- O Jailton foi quem mais se aproximou do Governo do Estado nessas questões. Quando ele se aproximou, a coisa andou e o Plano Municipal de Cultura foi elaborado. Depois foi engavetado. A Prefeitura continua querendo distância do pessoal da cultura, porque pra eles é encrenca.
- Esse movimento aconteceu porque nós não procuramos o poder público. O poder público pede para a gente se organizar, a gente se organiza e não acontece nada, porque a panela deles é formada do jeito que eles querem. Nunca ganhei um centavo da Prefeitura de Feira de Santana. A coisa acontece só com a minha força, a minha vontade, porque recurso não vem.
- Na cabeça dos governantes, não há público para a cultura. Eles acham que um samba de roda, um chorinho, literatura, dança tribal não têm público. Mas eles têm. Por que é que os artistas de fora ganham e os daqui não ganham? Porque os governantes não veem dessa maneira: pensam que os daqui não têm público.
- Eles pensam que é preferível pagar R\$ 300 mil, R\$ 600 mil, R\$ 1 milhão de cachê para botar um milhão de pessoas lá na exposição para poder ter voto do que botar 250 pessoas no Teatro Maestro Miro.
- Às vezes eu vou levar um espetáculo com uma linguagem que as pessoas não conhecem, que não é popular. Vou atrás de uma pauta e o pessoal não quer me dar. Dizem que minha peça não dá público. Que minha peça tem uma linguagem que o povo não entende.
- O artista precisa de verba para sobreviver. Ele tem que ser remunerado pelo trabalho que realiza. Eu nunca recebi um centavo da Prefeitura.
- Dentro de Feira de Santana a cultura está muito para baixo. Temos artistas gigantes, mas a Secretaria de Cultura não valoriza. Diz que o artista não tem público.
- Nunca ganhei um centavo da Prefeitura em 42 anos de trabalho. A administração pública não dá espaço para a gente e fala que é porque nós não temos público. Os caras querem público porque a jogada é política.
- As próprias pessoas que administram as casas nos dizem isso: vocês não têm público.

- Eu gastei somente num trio que saiu na micareta R\$ 12 mil. Isso saiu do nosso bolso. Quando a Prefeitura trouxe Claudia Leitte, ofereceu o melhor trio, a melhor iluminação. Por que o afro não pode ter um trio de R\$ 12 mil, mas só um carrinho de som em que a voz do cantor simplesmente não sai? Por que não investir nessas crianças? Isso é desenvolvimento de pessoas.
- É preciso também atender o local. Provocar desenvolvimento local. Precisamos valorizar a cadeia econômica dos trabalhadores da cultura.
- Os políticos têm que colocar na cabeça que a cultura é transformadora. Se eu não invisto no cultural, as crianças vão estar em risco, vão estar à mercê de traficantes.
- Nosso trabalho acontece sem recurso nenhum. E a comunidade precisa de arte, precisa de cultura. O tráfico está comendo tudo porque as pessoas não têm o que fazer dentro dos bairros.
- Fala de representante da Prefeitura Municipal de Feira de Santana: Feira de Santana é um celeiro cultural. Estou aqui como representante do Teatro Margarida Ribeiro, gerenciado pela Fundação Cultural. A Fundação tem feito muito em Feira de Santana desde 2001. Tem vários espaços culturais e também alguns projetos: o Teatro nos Bairros, o Programa Arte de Viver, o Festival de Música Gospel e o Festival Música da Terra. O Teatro Margarida Ribeiro foi reformado está aberto para o público. O Maestro Miro também ficou fechado e voltou a todo vapor. Cobramos uma caução de R\$ 100,00, que é a taxa mínima para os eventos culturais locais, e R\$ 400,00 para os grupos de fora, mais 10% da renda para os grupos locais e 20% para os grupos de fora. A Prefeitura tem dado manutenção nos equipamentos. Não tenho do que me queixar. Não é o caso dos espaços dos amigos aqui do lado, que estão passando por esta dificuldade. Nós estamos de parabéns. O Município tem retribuído muito à comunidade.
- Temos casas de espetáculos reformadas. (Fala favorável à ação da Prefeitura).
- Os teatros foram reformados, mas nenhum deles tem um linóleo. Temos estruturas, mas elas não são preparadas para todas as áreas.
- No Maestro Miro e no Margarida Ribeiro não temos elipsos (refletores elipsoidais).
- O Presidente do Conselho Municipal de Cultura de Feira de Santana é o Secretário de Cultura. Isso para mim está totalmente errado. A sociedade civil tem que ter mais força dentro do Conselho.

Referências explícitas à Câmara Municipal de Feira de Santana

- Dentro do Plano de Cultura existem muitas ações para a cultura popular, mas a bancada evangélica da cidade tenta suprimir tudo que esteja relacionado a diversidade, matriz africana, cultura e identidade, gênero. Por exemplo, um grupo de mulheres da zona rural que trabalhe com artesanato não poderá ser contemplado porque é um grupo de gênero.

Referências explícitas à Secretaria de Estado da Cultura e ao Centro Cultural Amélio Amorim

- O Centro Cultural Amélio Amorim ficou superbacana depois da reforma. Mas a gente não tem o material à disposição é há uma questão de datas. Já tive um evento cancelado lá porque surgiu outro evento do Estado.

- A iluminação é precária em todos os espaços. No Amélio Amorim é um pouco melhor, mas, ainda assim, às vezes faltam, por exemplo, gelatinas ou as lâmpadas estão queimadas. Um espetáculo que tenha um mapa de luz um pouco mais complexo encontra dificuldades. Vais ser preciso alugar, trazer de fora iluminação extra.
- Temos no Amélio Amorim um canhão seguidor sem lâmpada. Muitos refletores também estão sem lâmpadas e o Estado não compra.
- O Amélio Amorim nos “tirou o couro” no ano passado. Tivemos muita dificuldade de pagar tudo.
- Como é que eu faço para chegar nos teatros se não tenho carro? Eu quero ir no Amélio Amorim, por exemplo. A que horas começa o espetáculo? Às sete e meia da noite os ônibus já estão começando a parar de rodar. E depois, a que horas acaba? Às dez horas pegar um ônibus naquela Presidente Dutra, naquela escuridão? É pedir para ser estuprado.
- Temos que pensar novas políticas de acesso e fomento. É preciso reunir os grupos e prepara-los burocraticamente, transformá-los em entidades jurídicas para que eles possam concorrer em editais, mas também é importante criar novas políticas para que aqueles mestres da cultura popular tenham acesso. A Secretaria de Cultura da Bahia já lançou algumas iniciativas nesse sentido como os editais orais. Mas quando a gente chega na prestação de contas, os procuradores muitas vezes não entendem que um mestre da cultura popular não vai desviar os R\$ 30,00 usados para comprar o papel crepom. É preciso estabelecer limites. É claro que, para grande recursos, a forma de prestação de contas e controle tem que ser mais rigorosa. Mas eu nunca vou conseguir colocar esses mestres na frente de um computador para escrever um projeto. É preciso pensar novas políticas.
- Há uma experiência interessante que vem sendo implantada no Estado da Bahia que são os Colegiados de Gestão Participativa. Os espaços culturais ligados à Secretaria estão formando seus colegiados de formação paritária, sociedade civil e poder público. A função é auxiliar a administração do espaço, na discussão das prioridades e das pautas.
- Abrimos o edital recentemente para o colegiado do Amélio Amorim, em Feira de Santana. A gestão do coordenador é apenas de pauta, pois nós não temos acesso a recurso nenhum. Assim como no CUCA, os valores que entram na nossa pauta vão para o caixa da Secretaria. Se a gente precisar comprar um prego, uma lâmpada, não pode.
- As oficinas no Amélio Amorim são tratadas como os eventos. O professor faz a sua proposta e, do valor arrecadado, ele paga 10% ao espaço. Com a implantação desse colegiado, talvez a gente tenha mais força para reivindicar recursos.
- A experiência dos Colegiados de Gestão Participativa é bem nova. Eles ainda estão em formação. O Poder Público cutucou a sociedade com essa proposta de gestão participativa.
- No Governo do Estado existe o programa Carnaval Ouro Negro, que é super legal. Mas o dinheiro vem e volta porque, às vezes, a instituição não tem nem dinheiro para registrar uma ata. Como é que ela vai receber aquele dinheiro? Os registros em cartório são caros.

Referências explícitas à UEFS e suas unidades ligadas à cultura

- O CUCA sempre foi bancado pela Universidade. No orçamento da Universidade tínhamos uma verba para os eventos e as ações culturais do CUCA. Tivemos um corte e foi preciso remodelar as oficinas, para que os recursos arrecadados com elas custeassem pelo menos a manutenção dos oficineiros. Neste ano temos 1.642 alunos. Cobramos um preço simbólico, mas que consegue custear essas oficinas. Alugamos também o Teatro Universitário, mas os recursos vão diretamente para a conta da Universidade. No Teatro de Arena não é cobrado nada.
- A Universidade bancava muitos eventos. No entanto, decreto após decreto nossas formas de atuação foram sendo reduzidas e hoje não podemos contratar um músico ou espetáculo de teatro. Não temos dotação orçamentária. Qualquer arrecadação retorna para a Universidade e nós não temos acesso àquela conta. Quem administra não tem qualquer relação com a cultura ou com o espaço.
- A fonte de fomento que temos hoje é do Governo e o momento é de contingenciamento.
- Na minha opinião, no que tange às universidades estaduais, não existe nenhum comprometimento do Governo. O crescimento da Universidade parou.
- Queríamos criar um painel do universo na parede do Observatório Antares e pensamos numa parceria com uma empresa. A primeira resposta que tivemos foi de que não era possível. Mas acho que, na atual conjuntura, a saída é esta. Há mais de um ano que a gente não trabalha com escolas, pois a estrutura não está em condições de receber o público. Há problemas no ar condicionado e até o telefone e a internet ficaram mais de seis meses sem funcionar.
- Somente no CUCA temos um piano à disposição para fazermos recitais. E mesmo assim, nós já tivemos que pagar para esse piano ser afinado. O ar condicionado não funciona bem. Temos que pagar pessoa para ficar na bilheteria e, às vezes, não temos uma pessoa para a iluminação.
- Há uma dificuldade muito grande, tanto no CUCA quanto no Amélio Amorim, em relação à iluminação. No ano passado a Companhia CUCA doou 14 lâmpadas para o teatro. No CUCA apenas um microfone está funcionando.
- Há uma grande dificuldade de entendimento de uma Parceria Público-Privada na Universidade. Para algumas pessoas isso pode representar uma espécie de privatização, a parte privada entrando dentro do espaço público.
- Ou assumir que a Universidade não tem capacidade de gerir. Penso que a Universidade não recebe isso com bons olhos.
- Quando eu penso nesse tipo de parceria, não está em questão, por exemplo, privatizar o Observatório Antares, mas a flexibilização da gestão, a possibilidade de chegar em uma empresa e pedir um galão de tinta para pintar o muro, colocando ali no canto a marca. Não estou falando em privatizar, mas de poder resolver esses mínimos problemas que o Governo não consegue.
- Temos o exemplo do Museu Catavento, de São Paulo, administrado por uma O.S. Por lá o Estado tem uma política de O.S. muito clara. Ele não transfere patrimônio, nada disso. Apenas a gestão. Mas aqui na Universidade esse envolvimento com a iniciativa privada é uma coisa que está fora de questão. Não existe nenhuma discussão sobre como esta costura poderia ser feita.
- Não existe uma estrutura no CUCA ou no Observatório Antares para receber dinheiro. Ficamos reféns do que é disponibilizado do orçamento geral da

Universidade. Somente com as oficinas conseguimos usar o dinheiro vindo dos alunos.

- Hoje temos certo engessamento de decisões centralizadas. Temos equipamentos da maior importância, mas não somos estimulados a buscar outros recursos para cobrir despesas simples como um cabo, por exemplo. Temos um modelo de gestão muito burocratizado, seja na Universidade ou seja na Prefeitura. Se tivéssemos um pouco mais de autonomia na gestão desses espaços públicos, ganharíamos em flexibilidade. O gestor é engessado e desestimulado nas iniciativas de gerar receitas. O gestor deveria ter mais poder de decisão
- Tínhamos uma Associação de Amigos (AMUEFS). Ela agilizava muito as coisas. Todo esse trâmite de pequenas compras, por exemplo, ficava mais fácil. O problema foi o entendimento interno sobre a finalidade dessa Associação. Depois começou uma conversa sobre a criação de uma fundação. Em alguns lugares isso funciona bem. Não chegamos a canto nenhum com essa conversa, por conta do histórico da AMUEFS.
- Já tivemos uma associação de amigos no CUCA (AMUEFS). Os recursos eram revertidos para o CUCA. Muito da infraestrutura do CUCA veio disso. A AMUEFS captava recursos para os espaços da Universidade, mas também tinha funções sociais para os estudantes. Ela pagava aluguel de casas para os estudantes carentes que vinham de fora. Os estudantes, ignorantemente, começaram a fazer campanhas contra a AMUEFS, acusando de desvio de recursos, e ela acabou sendo extinta.
- Eu vou dar um curso no CUCA e quem são minhas alunas? Doutoradas aposentadas, professoras aposentadas, gente da alta sociedade. E cadê o povão? As mães e os meninos podem ganhar dinheiro fazendo arte.

Referências explícitas à Belgo Bekaert

- Há poucas exceções: a Belgo, o Natal Encantado com a Vipal. (Referindo-se aos patrocinadores da cidade.)
- Eu já quis entrar no site da Belgo e mostrar que minhas bonecas são feitas com arames. Faço o esqueleto com arame e depois revisto com plástico reciclado. Elas vão de 2 cm a 1,70m.
- Não houve a preocupação de procurar saber o que existe em Feira de Santana, que trabalho poderia ser realizado em conjunto com a Secretaria de Educação. Todo mundo reinventando a roda. (Referindo-se ao Programa Neojibá – Núcleo de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia e também ao Projeto Acordes, da Belgo.)
- Fala da Lorena: O Circuito Belgo Bekaert me emociona profundamente. Na abertura tivemos mil pessoas em um teatro onde cabem 250 pessoas. Fizemos duas sessões e mais de 400 pessoas voltaram para casa.

Sugestões dos participantes dos Grupos

- Precisamos fazer projetos de formação de plateia, para prestigiar os produtos culturais que a cidade tem e que são cada vez mais fortes.
- Mas não podemos ser bairristas. Nós precisamos receber artistas de fora, mas a quantidade deve ser invertida em relação ao que é hoje. A maioria precisa ser daqui. Conheço projetos lindos lá fora que eu adoraria trazer para estimular o mercado daqui. Intercâmbio é importante.

- O Mercado de Arte deveria ser um cartão de visitas de Feira, mas para isso precisaria atrair pela cultura, para fazer valer seu nome. O Mercado precisa ter uma programação cultural diversificada.
- O Observatório Antares nasceu de uma iniciativa particular e depois foi abraçado pela Universidade. O Centro de Cultura Amélio Amorim também foi absorvido pelo Estado. É importante que o Estado proporcione uma estrutura, uma base, mas, garantida essa estabilidade mínima, acho que os espaços poderiam ter um pouco mais de agilidade na sua gestão.
- Sobre os espaços culturais, eu acho que uma grande saída tanto para o CUCA quanto para o Observatório Antares é transformá-los em autarquias. A partir do momento em que você transforma esses espaços em um instituto ou em uma fundação, eles ganham uma autonomia orçamentária maior e pode prospectar recursos fora. Eles continuam vinculados ao Estado, mas ganham liberdade administrativa. Acho que seria interessante propor um debate público sobre isso na cidade. Passou da hora de transformar esses espaços em autarquias.
- É preciso que haja flexibilidade, com o estabelecimento de parcerias público-privadas. As instituições não deixariam de ser públicas e as coisas melhorariam significativamente.
- Os coletivos deveriam se constituir como cooperativas ou associações. Os artistas poderiam se beneficiar disso.
- Uma coisa importante nas produções é parceria.
- Eu já fui porteiro de evento de uma amiga e ela foi alguma coisa de algum evento meu. Parceria não é só dividir o palco, mas também a estrutura. Eu sou bilheteiro no evento de outro amigo e ele vai me ajudar quando eu precisar. Isso é coletividade. É uma coisa velha pra c! É trabalhar em rede.
- Estamos começando a pensar a cultura como um todo agora. Antes discutíamos apenas arte. Tudo muito compartimentado: música, dança, teatro. Hoje discutimos memória, patrimônio, a questão LGBT.
- Quando iniciamos o processo de retomada do Conselho de Cultura um dos maiores problemas é que as pessoas defendiam a dança, a música, a literatura... Cada um defendia o seu. Quando se falou em cultura LGBT, muita gente disse não, não existe cultura LGBT. Cultura negra ficou de fora do Conselho, na época. A dança ficou de fora, a memória e o patrimônio também. No último fórum a classe se uniu e na plenária exigiu a criação dessas cadeiras. Como pensar um Conselho Municipal de Cultura sem memória e patrimônio, sem um representante de matriz africana ou sem alguém da dança? A lei do Conselho ainda não foi mudada e essas novas cadeiras ainda não foram regulamentadas. Dizem que isso vai acontecer depois do Plano. Precisamos repensar o olhar da gestão pública sobre a cultura de Feira como um todo.
- Um baiano ou uma pessoa que mora na Bahia e não aceita a cultura africana tem que ficar sem comer feijoada, mocotó, sarapatel, farinha, cuscuz, acarajé.
- A briga vai ser bem maior depois do Plano. É preciso modificar o Conselho. As pessoas vêm batalhando há muito tempo e é preciso dar continuidade às discussões.

Anexo 3 – Principais recomendações do Plano Municipal de Cultura

(transcrição literal dos Itens 6 e 7 do Plano Municipal de Cultura de Feira de Santana, relativos às diretrizes, prioridades e estratégias, páginas 40 a 42).

6. Diretrizes e Prioridades

6.1. Diretrizes

1- Reconhecer a cultura como elemento fundamental para o desenvolvimento social e econômico. 2- Respeitar a diversidade de pensamento e das manifestações culturais. 3- Mapear e disponibilizar através de banco de dados toda a produção artístico cultural e seus respectivos agentes na cidade. 4- Democratizar o acesso aos bens culturais produzidos dentro e fora do município dando enfoque à diversidade cultural. 5- Fomentar políticas públicas transversais de cultura relacionadas a partir das dimensões: simbólica, cidadã e econômica. 6- Formar e qualificar educadores, gestores e agentes culturais; 7- Fomentar a cultura local em seus diversos segmentos através da criação de editais públicos e de festivais. 8- Valorizar, promover e difundir a diversidade cultural enquanto traço identitário do município. 9- Realizar reforma administrativa nos órgãos municipais de gestão cultural. 10- Garantir a memória das tradições locais com a inserção dos saberes e fazeres locais nos programas de formação do município.

6.2. Prioridades

1. Incentivo a formação e a capacitação dos agentes atuantes na área de cultura; 2. Valorização da interculturalidade, da pluralidade e da diversidade de pensamento; 3. Valorização dos agentes culturais; 4. Valorização das identidades, Patrimônio Material, Imaterial e Natural e memórias do município; 5. Consolidação dos espaços culturais enquanto centros para fomento, difusão e circulação das manifestações e produtos culturais; 6. Consolidação e implementação do Sistema Municipal de Cultura como instrumento de gestão, informação, fomento e promoção de políticas públicas de cultura; 7. Cooperação entre os entes federados e entre os agentes públicos e privados para ampliação dos investimentos e desenvolvimento da cultura local; 8. Criação de políticas públicas para o incentivo e desenvolvimento das cadeias produtivas da cultura; 9. Construção da identificação entre os cidadãos feirenses e a cidade a partir da

ressignificação de referenciais históricos; 10. Registro, arquivamento e divulgação de ações relacionadas a cultura em Feira de Santana.

7. Estratégias

- Investir em Educação e Formação Cultural, de modo a potencializar a Economia da Cultura;
- Realizar parcerias com agentes mediadores e multiplicadores de outras áreas para potencializar a comunicação na área cultural;
- Articular parcerias intersetoriais para promover o desenvolvimento das cadeias produtivas da cultura;
- Instituir Acordos de Cooperação entre a SECEL, outras Secretarias do Governo Municipal e Instituições de Ensino Superior;
- Criar Núcleos de Referência em parceria com a sociedade civil e outros organismos do Município para auxiliar na formulação das políticas públicas de cultura;
- Democratizar, por todo o território do Município, o acesso à arte e à cultura, com oferta regular de programação, bem como com ações formativas a partir dos espaços culturais municipais e dos espaços de instituições parceiras;
- Firmar e fortalecer parcerias com Instituições Culturais públicas e privadas para manter programas e projetos culturais por todo o Município;
- Implementar programas por meio de parcerias, cooperação mútua e ações transversais;
- Estimular a parceria da SECEL com instituições formais (de nível superior e nível técnico) e não formais de ensino;
- Desenvolver a Economia da Cultura por meio da articulação da SECEL com outros órgãos públicos, privados e da sociedade civil;
- Estabelecer parcerias com instituições de pesquisa regionais, nacionais e/ou internacionais para levantamento de dados;
- Implantar mecanismos de fomento específicos para atender as demandas de projetos voltados para a cultura;
- Estimular Reforma Administrativa em Leis 1802/95 e 2592/2005 para que: o Departamento de Cultura e a Divisão de Projetos Setoriais e Captação de Recursos façam parte do organograma da SECEL; sejam criadas as divisões de Fomento e Financiamento, de Espaços Culturais e Sistema Municipal de Cultura; e que fique mantido na FUNTITEC o fomento a cultura a partir das Divisões de: Artes Cênica, Música e Audiovisual; Artes Plásticas e Literatura; Bibliotecas; e Cultura Popular.